

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL  
PAULISTA**

— JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

JOÃO TÚBERO GOMES DA SILVA

**Futebol moderno em campo: as mudanças  
sociais do futebol e seus efeitos na  
contemporaneidade**



ARARAQUARA – SP

2022

JOÃO TÚBERO GOMES DA SILVA

# **Futebol moderno em campo: as mudanças sociais do futebol e seus efeitos na contemporaneidade**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Cultura, Democracia e Pensamento Social

**Orientador:** Prof. Dr. Milton Lahuerta

ARARAQUARA – SP  
2022

S586f Silva, João Túbero Gomes da  
Futebol moderno em campo : as mudanças sociais do futebol e seus  
efeitos na contemporaneidade / João Túbero Gomes da Silva. --  
Araraquara, 2022  
124 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientador: Milton Lahuerta

1. Futebol moderno. 2. Modernidade. 3. Racionalização. 4.  
Aceleração social. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOÃO TÚBERO GOMES DA SILVA

## **FUTEBOL MODERNO EM CAMPO: as mudanças sociais do futebol e seus efeitos na contemporaneidade**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Cultura, Democracia e Pensamento Social**

**Orientador: Prof. Dr. Milton Lahuerta**

Data da defesa: 27/09/2022

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Milton Lahuerta**  
UNESP – FCLAR.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz**  
UFSC.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Arthur Oliveira Bueno**  
UNI-FRANKFURT.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Milton Lahuerta pelas contribuições imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa e sua rara sensibilidade, demonstrada em seu telefonema em uma manhã de sábado, em dezembro em 2020, quando sugeriu que mudássemos o tema de pesquisa com qual ingressei no mestrado, plantando a primeira semente daquilo que se transformaria no presente trabalho. No mais, sou grato por aprender com seus valores humanistas, que me ensinam cotidianamente a necessidade de reencantar a vida frente à angústia do nosso tempo histórico. Ao meu coorientador Prof. Dr. João Mauro G.V de Carvalho, por iluminar perspectivas quando a pesquisa foi confrontada por impasses e dilemas, reconhecendo que sem sua participação este trabalho não teria sido finalizado. Agradeço também por ter me apresentando e me ensinado a manusear o método da hermenêutica objetiva, utilizado nessa pesquisa. Ao Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz e Prof. Dr. Arthur Oliveira Bueno, por suas considerações no exame de qualificação, em janeiro de 2022, fundamentais para os rumos que a pesquisa tomou a partir daquele momento, principalmente para não incorrer no risco de elaborar uma crítica conservadora da modernidade. À Laura Gabrieli e ao Rafael Petta, Pedro Luís Panigassi e Talic Jaber Sleman, assim como, mais uma vez, ao Prof. Dr. João Mauro G.V de Carvalho, pelas reuniões em que trabalhamos com a hermenêutica objetiva, aprimorando o uso do método, contribuindo com nossos respectivos problemas de pesquisa e preservando encontros regulares fundamentais para que seguíssemos juntos e com horizonte de futuro no momento mais incerto e desolador que vivemos com a pandemia do novo coronavírus, entre 2020 e 2021. À minha mãe, minha companhia nas pelepas que joguei na infância, apesar do seu desinteresse por futebol, e que me presentou, em meados de 2014, com o livro “Futebol: Objeto das Ciências Humanas”, que veio como um primeiro convite para que eu pudesse conjugar duas paixões: as Ciências Sociais e o futebol. Ao meu pai, que me levou ainda menino para a Fonte Luminosa, em Araraquara-SP, onde nasceu meu amor pelo futebol e pela Ferroviária e aprendi que o jogo se transformaria no nosso principal idioma afetivo. Ao meu irmão, com quem compartilhei inúmeros jogos da Ferroviária na Fonte Luminosa e outros tantos que assistíamos pela televisão, do Brasil até a Europa, e que se tornou meu grande parceiro dialógico quando o tema é futebol. À minha irmã, que ligou a televisão em 2003 para assistir São Paulo e River Plate, pelo jogo de volta das semifinais da Copa Sul-Americana, primeira partida que me recorde de ter assistido do início ao fim. Nesse sentido, agradeço também aos meus avós (que esteja em paz, seu Antônio), tios e primos, que transformam os encontros familiares em vivos debates sobre futebol. À Juliana,

por quem nutro profundo carinho e compartilho a paixão pelo esporte, e ao Theo, que me inspira com sua alegria de criança. À minha namorada Giovanna Lopes, meu par de prosa, poesia, teoria e amor, que me faz viver o jogo da vida com mais encanto e valentia, e que tanto me amparou e deu apoio quando precisei. Agradeço também por compartilhar comigo a paixão pelo futebol, que simbolizamos na figura e na história de Diego Maradona, que se faz presente aqui na epígrafe deste trabalho, em uma música que de vez em sempre estamos cantarolando por aí. Aos meus irmãos de alma: Guilherme Floriano, que me levou até à biblioteca da FCLAr em meu primeiro dia de graduação, tornando-se meu parceiro e referência em conversas sobre as Ciências Sociais e que me oferece sua mão e escuta quando a existência parece pesar demais; Pedro Borges, o coração mais bonito que já conheci, que me ensina pelo exemplo que nós sempre podemos ser melhores – e com quem já compartilhei inúmeros dissabores por sermos são-paulino. A ambos, um agradecimento especial pela presença na ausência, apesar da distância imposta pela pandemia do novo coronavírus. Ao Daniel Pícaro, com quem tive a primeira conversa sobre observar o futebol como problema de pesquisa, em uma lanchonete no centro de Araraquara-SP, nos idos de 2014, e que sempre será uma referência intelectual e humana para mim. À Laís Barreto e ao Murilo Petito, André Giglio, Felipe Arruda e Hugo Brêda pela importância imprescindível que tiveram nos caminhos que me trouxeram até aqui. À minha analista Ana Carolina Malheiro, pelo percurso que fizemos e fazemos juntos. Ao Marcelo Pinho, que me presentou com seu exemplar do livro “Veneno remédio: o futebol e o Brasil”, fundamental para que esta pesquisa fosse desenvolvida. Ao Gabriel Said, que se tornou um parceiro de prosa sobre futebol e Ciências Sociais, compartilhando dúvidas e possíveis caminhos para pensar a relação entre o jogo e a sociedade, mas mantendo a certeza de que, ao final e no coração de tudo, estão as pessoas. Ao Grupo EP, pela oportunidade profissional de trabalhar como comentarista e cronista esportivo, deixando-me mais próximo do meu objeto de pesquisa e de paixão. Ao PPGCS/FCLAr e seus docentes, discentes e funcionários, por fortalecerem a universidade pública e acreditarem na produção científica no Brasil. Por fim, ao Labpol (Laboratório de Política e Governo da UNESP) por seu papel fundamental na minha formação.

Chego até aqui com a certeza de que não fazemos nada sozinho, tal qual em um time de futebol. Mais uma vez e de coração, meus agradecimentos a todos aqui citados.

*“Soy Maradona contra Inglaterra  
anotándote dos goles”  
Calle 13*

## **RESUMO**

O principal objetivo dessa pesquisa consiste em dotar de sentido sociológico a categoria de “futebol moderno”, investigando quais mudanças sociais poderiam ter impactado o futebol fora e dentro de campo. O método adotado foi a hermenêutica objetiva, usado para a análise de duas entrevistas feitas pelo periódico *El País* com Ralf Rangnick e César Luis Menotti. As análises com a hermenêutica objetiva estarão presentes no segundo capítulo. No primeiro capítulo, apresentou-se a relação entre a formação social da modernidade e o surgimento das modalidades esportivas, assim como a transição histórica dos jogos de bola (denominados como “futebol pré-moderno”) para o nascimento do futebol na sociedade moderna. Em seguida, foram abordadas as transformações na economia política da indústria do futebol e a oposição militante feita por parcela das torcidas dos clubes que popularmente foi alcunhado como “futebol moderno”. Após a apresentação das análises elaboradas a partir da hermenêutica objetiva, as mudanças estruturais da sociedade moderna e capitalista foram discutidas para verificar quais condicionantes sociais poderiam se relacionar com a forma como o futebol é jogado na contemporaneidade. Por fim, a partir do princípio racionalizador e do acaso do jogo, que seriam iminentes ao futebol, abordou-se o que denominamos como “aceleração social do futebol”, enquanto tendência hegemônica da prática do futebol contemporâneo.

**Palavras-chave:** futebol moderno; modernidade; racionalização; aceleração social.

## **RESUMEN**

El principal objetivo de esta investigación consiste en dar sentido sociológico a la categoría de “fútbol moderno”, investigando qué cambios sociales pudieron haber impactado al fútbol fuera y dentro del campo. El método adoptado fue la hermenéutica objetiva, utilizado para el análisis de dos entrevistas realizadas por el periódico El País a Ralf Rangnick e César Luis Menotti. Los análisis con la hermenéutica objetiva estarán presentes en el segundo capítulo. En el primer capítulo se presentó la relación entre la formación social de la modernidad y el surgimiento del deporte, así como la transición histórica desde los juegos de pelota (llamados “fútbol pre-moderno”) hasta el nacimiento del fútbol en la sociedad moderna. En seguida, se abordaron las transformaciones en la economía política de la industria del fútbol y la oposición militante realizada por parte de la afición de los clubes al que popularmente se apodó como “fútbol moderno”. Después de la presentación de los análisis elaborados a partir de la hermenéutica objetiva, se discutieron los cambios estructurales de la sociedad moderna y capitalista para verificar qué condiciones sociales podrían estar relacionadas con la forma de jugar al fútbol en la contemporaneidad. Finalmente, partiendo del principio racionalizador y del engaño del juego, que serían inmanentes al fútbol, abordamos lo que denominamos “aceleración social del fútbol”, como tendencia hegemónica en la práctica futbolística contemporánea.

**Palabras-claves:** fútbol moderno; modernidad; racionalización; aceleración social.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>1. Futebol e sociedade .....</b>	<b>15</b>
1.1 A origem do esporte e a transição do “futebol pré-moderno” para o “futebol moderno” .....	15
1.2 A nova economia política da indústria do futebol .....	26
1.3 “Ódio eterno ao futebol moderno” .....	44
<b>2. O futebol moderno entra em campo .....</b>	<b>48</b>
2.1 Rangnick e a racionalização do futebol .....	48
2.1 Menotti e a formação para a autonomia.....	61
<b>3. Aceleração social do futebol.....</b>	<b>85</b>
3.1 Aceleração social e a performance como valor em si mesmo .....	85
3.2 “Modelo de negócio” x “Sentido de pertencimento” .....	92
3.3 “On fire” x “Amor da sua vida” .....	99
<b>Considerações finais .....</b>	<b>117</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

Primeiro, faz-se necessário afirmar que a ideia de “futebol moderno”, do ponto de vista sociológico, é uma tautologia. Afinal, o futebol consiste em um fenômeno cultural e social próprio da modernidade, o que será desenvolvido no primeiro capítulo desta dissertação.

Todavia, esse conceito tem sido comumente mobilizado, em primeiro lugar, por torcedores, para qualificar mudanças que teriam ocorrido na experiência social do torcer. Este aspecto será abordado no item 1.3 do primeiro capítulo deste texto. Entretanto, em relação ao jogo propriamente dito, a noção de “futebol moderno” também tem sido usada para apontar transformações que teriam ocorrido no jogo jogado propriamente dito. O meio-campista Thiago Alcântara, atualmente no Liverpool, na época em que jogava no Bayern de Munique, deu uma entrevista ao *The Guardian*<sup>1</sup> dizendo que o futebol de hoje

Tomou um ritmo diferente, um ritmo mais acelerado, mais físico. A figura do nº 10 praticamente desapareceu, vemos menos magia, menos fantasia. Os jogadores fazem mais e mais rápido. Não há necessidade de driblar porque você corre. Os jogadores são mais desenvolvidos em todos os sentidos. Você perde aquele que é diferente, que “respira”: o craque que era mais lento, mesmo que tivesse uma técnica sublime, não teria oportunidade de virar<sup>2</sup>.

Na sequência, o jogador diz que sente “ódio ao futebol moderno” e que possuiria uma postura mais “clássica” dentro de campo.

Cesc Fàbregas, outro meio-campista, em entrevista ao *Marca*<sup>3</sup>, também teria qualificado o que seria uma mudança no jogo ao falar sobre a modernidade dos treinadores:

El entrenador moderno lo que quiere es competitividade, que el futbolista físicamente esté a tope. Hoy en día, no sé si desgraciadamente, pero es lo que es. Si un jugador es más rápido que outro y el que es un poco más talento tiene más talento, juega el más fuerte y rápido. No tengo ninguna duda.

O ex-jogador Andrea Pirlo, que também atuava no meio-campo, na monografia que fez para ser aprovado na UEFA Pro<sup>4</sup>, com o título “Il Calcio Che Vorrei” (2020), aponta para a “liquidez” que seria característica do “futebol moderno”:

Nel calcio moderno ormai il modulo di gioco sta cambiando la propria funzione. Da una disposizione statica dei giocatori si sta arrivando ad un'occupazione dinamica dele posizioni funzionali ai princi del modello di gioco. Una disposizione che varia

<sup>1</sup> THIAGO Alcântara: ‘We see less magic, less fantasy. Footballers do more but faster’. *The Guardian*. 18 de jun. de 2021. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/football/2021/jun/18/thiago-alcantara-we-see-less-magic-less-fantasy-footballers-do-more-but-faster>>. Acesso em: 21 de abr. de 2022.

<sup>2</sup> Tradução livre do inglês para o português.

<sup>3</sup> EL fútbol se ha convertido en ciencia, números y GPS. *Marca*. 27 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.marca.com/futbol/futbol-internacional/2022/03/27/623ef238268e3e69318b4604.html>>. Acesso em: 28 de mar. de 2022.

<sup>4</sup> Último nível formativo da UEFA para treinadores.

nelle due fasi (offensiva e defensiva) e dei momenti emozionali che si alterano in partita.

[...]

Attraverso le esercitazioni vogliamo aiutare i giocatori a riconoscere le situazioni ed adattarsi al contesto sempre piú liquido delle partite. (PIRLO, 2020, p. 3).

Com isso, a partir desses exemplos empíricos, pode-se dizer que a ideia de “futebol moderno” tem sido mobilizada com o objetivo de caracterizar um conjunto de mudanças que teriam ocorrido no jogo, circunscritas por transformações estruturais que ocorreram na ordem capitalista no final do século XX e que produziram novas relações de sociabilidade, em um processo histórico que será elaborado no terceiro capítulo.

Por essa razão, a pesquisa “Futebol moderno em campo: as mudanças sociais do futebol e seus efeitos na contemporaneidade” busca dotar de sentido sociológico a categoria de “futebol moderno”, apresentando quais mudanças sociais teriam impactado o futebol fora de campo e investigando também se haveriam condicionantes sociais que teriam transformado o jogo dentro das quatro linhas.

Para isso, no capítulo “Futebol e sociedade”, buscou-se demonstrar o surgimento das modalidades esportivas na modernidade. Para isso, no primeiro subitem “A origem do esporte e a transição do ‘futebol pré-moderno’ para o ‘futebol moderno’”, apresentamos o papel e o significado social dos jogos em diferentes épocas e formas de organização social, demonstrando como elementos estruturantes da sociabilidade em geral foram fundamentais para definir sob quais princípios as práticas esportivas aconteciam. No segundo subitem “A nova economia política da indústria do futebol”, analisamos especificamente o surgimento do futebol, retomando as primeiras manifestações dos “jogos de bola” até sua conversão em um fenômeno social próprio da modernidade. Em seguida, enquanto um esporte moderno, tratou-se de observar as mudanças que ocorreram na economia política da indústria do futebol, que transformaram a maneira como o jogo foi administrativo e assimilado pelas reconfigurações do modo de produção capitalista. Além disso, do ponto de vista cultural, observamos como os valores que mediavam a relação com o futebol foram modificados, a partir do surgimento de uma nova cultura urbana até o processo de mercantilização da cultura popular e de ascensão da ideologia neoliberal. No terceiro subitem “Ódio eterno ao futebol moderno”, apresentamos a oposição política feita por grupos de torcedores ao fenômeno do “futebol moderno”, delimitando quais aspectos são criticados.

Em relação ao primeiro capítulo, é importante mencionar que as reflexões de Elias (1992) mobilizadas neste trabalho não representam uma filiação teórica aos pressupostos epistemológicos que caracterizam sua teoria sobre o processo civilizador, tendo em vista a

ausência de mediações contraditórias sobre o surgimento da modernidade. Contudo, enquanto um panorama histórico sobre o desenvolvimento do esporte como fenômeno moderno, considera-se que seus apontamentos foram importantes para o desdobramento desse capítulo.

No segundo capítulo “O futebol moderno entra em campo”, foram feitas duas análises de material empírico usando a hermenêutica objetiva como método. O primeiro caso estudado, presente no subitem “Rangnick e a racionalização do futebol”, foi uma entrevista de Ralf Rangnick, ex-jogador, que foi treinador e diretor esportivo do RB Salzburg e do RB Leipzig, clubes austríaco e alemão, respectivamente, que pertencem à Red Bull, empresa que comercializa bebidas energéticas e que investe em diferentes modalidades esportivas, feita no dia 19 de outubro de 2020 para o periódico espanhol *El País*. Depois desse período, Rangnick trabalhou como diretor esportivo no Lokomotiv Moscou, da Rússia, como treinador e consultor esportivo no inglês Manchester United e atualmente é treinador da seleção da Áustria. A pergunta que deveria ser respondida na análise consistia em verificar se o material indicava ter havido algum tipo de mudança no futebol e se sim, qual seria a qualidade dessa mudança. Os elementos extraídos pela análise poderiam contribuir para qualificar sociologicamente o conceito de “futebol moderno”.

O segundo caso estudado, presente no subitem “Menotti e a formação para a autonomia”, foi uma entrevista de César Luis Menotti, ex-jogador e treinador de futebol argentino, para o periódico espanhol *El País*, feita no dia 10 de julho de 2011. Menotti jogou pelos times argentinos Rosario Central, Racing e Boca Juniors, pelo estadunidense New York Generals e pelo Santos, de Pelé, e Juventus, de São Paulo. Foi campeão mundial como treinador com a seleção da Argentina na Copa do Mundo de 1978 e treinou equipes como os argentinos Huracán, Boca Juniors e Independiente, os espanhóis Barcelona e Atlético de Madrid, a italiana Sampdoria, o uruguaio Peñarol, entre outros clubes. No momento da entrevista, Menotti não estava trabalhando profissionalmente com futebol. Atualmente, é diretor de seleções da seleção argentina. Outra vez, a pergunta que deveria ser respondida na análise consistia em verificar se o material indicava ter havido algum tipo de mudança no futebol e se sim, qual seria a sua qualidade. Na análise, o processo de formação dos jogadores e o significado da autonomia dentro de campo ganharam relevância para pensar as mudanças representadas pela noção de “futebol moderno”.

Sobre a hermenêutica objetiva, Jo Reichertz (2004) argumenta que o método pode ser usado para todo tipo de pesquisa sociológica, servindo para analisar diferentes formas de interação social. Tanto interações sociais cotidianas, como também textos, pinturas, monumento arquitetônicas etc., podem ser submetidos à hermenêutica objetiva. O

procedimento consiste em transcrever a interação social em forma de texto, conservando sua sequencialidade e princípio de literalidade, para conceber sua estrutura de sentido. Dessa forma, faz-se necessário desconsiderar as inclinações subjetivas dos sujeitos que compõem a interação social analisada. O objetivo é formular a estrutura de significado objetiva do texto, para que seu sentido imanente possa ser alçado e interpretado. No caso, o material analisado na pesquisa não é uma transcrição de uma interação social, mas um documento em forma de texto e já editado por um periódico, em uma interação social entre entrevistados e entrevistadores.

No terceiro capítulo “Aceleração social do futebol”, buscou-se mostrar quais fenômenos sociais e suas mediações transformaram o futebol dentro de campo. Para isso, no primeiro subitem “Aceleração social e a performance como valor em si mesmo”, buscou-se apresentar a crise das estruturas clássicas da modernidade, a mudança do padrão produtivo e tecnológico da sociedade, a ascensão da economia capitalista globalizada e do neoliberalismo, o fenômeno da aceleração social, o surgimento do empresário de si mesmo e o esporte convertido em um sistema de representação para a empresa, com o propósito de qualificar quais seriam as principais mudanças sociais que poderiam engendrar alguma transformação em relação ao que seria a expressão do “futebol moderno” dentro de campo. No subitem “Modelo de negócio x sentido de pertencimento”, retomaremos as análises das interações sociais de Rangnick e Menotti para ilustrar como uma determinada noção de empresa se tornou um modelo de conduta para o esporte, reorganizando administrativamente os clubes do futebol, produzindo uma similaridade entre “modelo de negócio” e “projeto esportivo” e ressignificando o trabalho dos treinadores, que passam a mediar sua relação com o jogo a partir dos interesses econômicos das equipes. Propriamente em Menotti, percebeu-se uma crítica ao que seria a conversão dos clubes de futebol em agentes econômicos globais, impactando o processo de formação dos jovens jogadores e esvaziando o sentido público do jogo. Nesse sentido, trataremos de uma tensão que se daria entre a cultura empresarial e a cultura esportiva.

No último subitem “‘On Fire’ x ‘Amor da sua vida’”, também a partir das análises feitas das entrevistas de Rangnick e Menotti, abordaremos especificamente as mudanças sociais que teriam transformado o futebol contemporâneo, com a compressão espaço-temporal em que o jogo estaria se realizando, representada através da ideia de “intensidade”. Além disso, em diálogo com Wisnik (2008), formularemos um par dialético imanente ao futebol representado pelo princípio racionalizador e o acaso do jogo, que operaria como dinâmica mediadora entre o jogo e as mudanças sociais.

Nas considerações finais, para responder ao problema de pesquisa sobre o sentido sociológico da noção de “futebol moderno”, revisaremos as principais condicionantes sociais

que teriam transformado o futebol dentro de campo. Também trataremos dos fundamentos de uma crítica romântica e conservadora ao “futebol moderno” e seus efeitos dentro de campo, assim como apontaremos mediações equivocadas para abordar as mudanças sociais e sua relação com o jogo.

Dessa maneira, a pesquisa não consiste em uma análise sobre os movimentos políticos de torcedores contrários ao “futebol moderno”, mas em uma interpretação sobre o sentido sociológico dessa categoria e uma busca por compreender a relação entre mudanças sociais estruturais e as transformações do futebol dentro e fora de campo. Nesse sentido, faz-se necessário frisar que a hermenêutica aqui desenvolvida não pretende, de maneira alguma, estabelecer uma relação determinista entre as condicionantes sociais e o mundo do futebol, reconhecendo que o jogo consiste em um sistema próprio e que determinadas transmutações podem ser compreendidas a partir de princípios particulares de seu campo. Trata-se de uma interpretação a partir da totalidade, mas que não se imagina capaz de reduzir o todo, observando transformações de forças que lhes são internas, mas que não deixam de ser forças sociais.

Em relação aos limites da pesquisa, reconhece-se que, em primeiro lugar, para qualificar melhor o que seria o acaso no jogo, valeria a pena apresentar reflexões sobre o jogo enquanto fenômeno em si mesmo. Além disso, tendo em vista a definição do que seria um princípio racionalizador, uma consideração sobre as diferentes formas de racionalidade e sua relação com o futebol também teria sido importante. No mais, considerando a nova economia política do futebol e a introdução do jogo na lógica do espetáculo, um argumento que mobilizasse com mais profundidade o conceito de indústria cultural poderia qualificar melhor a introjeção do futebol enquanto um produto comercializado na indústria do entretenimento.

## 1. FUTEBOL E SOCIEDADE

### 1.1. A ORIGEM DO ESPORTE E A TRANSIÇÃO DO “FUTEBOL PRÉ-MODERNO” PARA O “FUTEBOL MODERNO”

De acordo com Elias (1992), parte significativa das modalidades esportivas que atualmente são praticadas de forma relativamente parecida em todo o mundo, surgiram na Inglaterra, entre a metade do século XIX e a primeira metade do século XX. A noção de “esporte”, inclusive, foi inventada para definir um conjunto de passatempos ingleses que estavam se disseminando em outros países, inicialmente no continente europeu, durante a modernidade. Desses esportes, foi o futebol o mais adotado, assimilado e popularizado em plano global.

Contudo, os primeiros esportes ingleses que se difundiram pela Europa foram aqueles que serviam como forma de lazer para a aristocracia no começo da modernidade. Foram incorporados pelas elites sociais de outras nações europeias antes que outras modalidades, que viriam a se tornar mais populares, como o futebol, fossem reconhecidas como “esporte”. As corridas de cavalo e o boxe, por exemplo, disseminaram-se mais no continente; os esportes, em seu sentido moderno, começariam a ser popularizados, sobretudo, na segunda metade do século XIX, ao se tornarem atividades presentes no tempo livre da classe média trabalhadora. Portanto, a relação entre as classes sociais e o esporte se faz relevante para compreender a popularização de práticas esportivas específicas. Entretanto, enquanto ocupação do tempo livre, as modalidades esportivas não foram uma excepcionalidade inglesa ou do século XIX.

Nesse sentido, Elias (1992) diz que se faz necessário observar que há diferenças substanciais, em sentido histórico, entre os jogos que eram praticados no passado e aquilo que, a partir do período moderno, foi convencionado categorizar como esporte. O sociólogo alemão estabelece um paralelo com a construção de sentido da noção de “indústria”. Em sentido lato, “indústria”, refere-se tanto às atividades produtivas das sociedades pré-estatais e pré-industriais, como também ao padrão produtivo das nações industrializadas do mundo moderno. Contudo, em sentido estrito, “indústria” indicaria o processo de industrialização que ocorreu durante o século XIX e o XX, que gerou uma nova organização da produção e do trabalho através das transformações promovidas pelo modo de produção capitalista. Já em relação ao conceito de “esporte”, nesse período, segundo Elias (1992), haveria uma fronteira menos delimitada entre o seu sentido lato, que poderia ser entendido como jogos e exercícios físicos em geral, realizados por indivíduos, assim como em sua dimensão estrita, que apontaria para os

jogos de competição e o seu desenvolvimento na Inglaterra. Desse modo, Elias (1992) desenvolve a seguinte questão:

¿Es posible descubrir em el reciente desarrollo de la estructura y organización de esas actividades recreativas denominadas deportes tendencias que sean tan únicas como las de la estructura y organización del trabajo a las que nos referimos cuando hablamos de un proceso de industrialización? (ELIAS, 1992, p. 161).

Portanto, trata-se de compreender, analisando um processo de desenvolvimento social específico, qual o sentido sociológico das mudanças sociais que transformaram, ao longo da história, o significado do que é “esporte”.

Assim, Elias (1992) argumenta que existem diferenças significativas entre os jogos de competição da Antiguidade Clássica e o que se converteu em “esporte” durante a modernidade, tanto em suas características próprias, bem como as condicionantes sociais particulares em que ambos se desenvolveram:

La ética de los jugadores, las normas por las cuales eran juzgados, las reglas de la competición y la realización propiamente dicha de aquellos juegos diferían notablemente em muchos aspectos de las características del deporte moderno. (ELIAS, 1992, p. 163 - 164)

Nesse sentido, Elias (1992) aponta que na Antiguidade Clássica, o nível de violência socialmente permitido, em comparação com a modernidade, era mais alargado, tendo em vista que as cidades-Estados gregas possuíam um controle institucional da violência ainda rudimentar, enquanto o processo de formação do Estado-nação moderno deu ao aparato estatal o monopólio do uso legítimo da força e da violência<sup>5</sup>. Além disso, no período clássico, as normas do esporte eram ditadas pelo costume, diferentemente dos jogos de competição modernos, em que as regras esportivas, revisadas racionalmente e submetidas à crítica, tornam-se universais. Elias (1992) ilustra as distinções entre uma época e outra ao apresentar como eram as modalidades esportivas de luta da Grécia Antiga, como o *pancration*:

“Entre los juegos de competición de las antiguas Olimpiadas estaba el *pancration*, una especie de lucha sobre la arena que constituía uno de los acontecimientos más populares. Pero el nivel de violencia permitido en este duelo habitual era muy distinto del que se permite em la lucha libre contemporánea. Así, Leontiskos de Mesana, quien em la primera mitad del siglo V ganó dos veces la corona olímpica de lucha, obtuvo sus respectivas victorias no derribando a sus adversários sino rompiéndoles los dedos de las manos. Arraquion de Figalía, dos veces campeón olímpico de *pancration*, fue estrangulado em el año 564 durante su tercer intento de ganhar la corona olímpica, pero antes de morir logró romperle a sua oponente de los dedos de los pies, y el dolor obligó a este último a abandonar el combate. Los jueces, por tanto, impusieron la corona al cadáver de Arraquion y proclamaron vencedor al hombro ya difunto. Después sus compatriotas le erigieron una estatua em el mercado de su ciudad. Al parecer, ésta era la costumbre. Si um hombre moría em algún juego de los grandes festivales, su cadáver era coronado vencedor. (ELIAS, p. 168, 1992).

<sup>5</sup> WEBER, M. Ciência e Política: Duas vocações. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. p. 56.

Portanto, nos Jogos Olímpicos da Antiguidade Clássica, o “umbral da sensibilidade”, sobre os danos físicos e até mesmo a morte, ocasionados no decurso de um jogo de competição, distingue-se significativamente em relação às práticas esportivas da modernidade.

Em primeiro lugar, Elias (1992) alega que a violência socialmente permitida nas competições esportivas da Antiguidade Clássica deriva do fato de que, na Grécia Antiga, os jogos de competição também eram usados como meios de preparação para a guerra, assim como a participação em campos de batalha servia como um preparativo para as atividades esportivas. Ambas se fundamentavam em uma ética de guerra, em que a articulação entre luta, jogo e guerra consistia em formas de demonstração de virtudes guerreiras substanciais para o reconhecimento social dos homens em seu clã e por seu clã. Dessa maneira, de acordo com esse princípio ético, era glorioso vencer seu oponente, tal qual ser derrotado tendo feito uso de todas as suas forças e capacidades, sendo ferido ou morto, até tornar inviável o prosseguimento do embate. Na Antiguidade Clássica, a vitória ou a derrota eram creditadas aos desígnios da divindade. Por essa razão, o imperativo moral do combate estava centrado em não se render, o que indicaria ausência de valentia para encarar a contenda. Consecutivamente, o jovem ou homem que eram mortos em um combate olímpico, acabavam coroados vencedores pela honra e orgulho de seu grupo, enquanto o sobrevivente – que, no caso, seria autor de um assassinato – não era castigado ou estigmatizado socialmente. Na Inglaterra, uma mudança na natureza da diversão e da emoção provocadas pelos campeonatos esportivos foi importante para o desenvolvimento da noção de “jogo limpo”. O breve prazer de uma disputa, que se via consumado com a vitória ou a derrota de um dos participantes, foi ampliado através da excitação presente na prévia dos jogos com as apostas envolvendo as modalidades esportivas, que cumpriram um papel fundamental para transformar as formas mais violentas dos jogos em função de desenvolvimento da ética do “jogo limpo”, já que ser bem-sucedido em uma aposta pressupõe que a competição esportiva fosse realizada em bases de equivalência, possibilitando um cálculo racional de probabilidade sobre a vitória de um dos competidores.

Dessa maneira, fica evidente que a violência presente nas modalidades esportivas está absolutamente correlacionada com a organização e o controle social da violência que é feito pela própria sociedade em seu respectivo período histórico, embasando também princípios éticos que estabeleciam os limites axiológicos em que os jogos acontecem.

Para abordar a violência manifesta nos jogos de competição gregos, Elias (1992) nos conta que, na Antiguidade Clássica, a força física, a beleza, a serenidade e a paciência eram valores determinantes para definir qual seria a relevância pública e a posição social de um homem nas cidades-Estados gregas. Os homens que apresentavam força física, agilidade e

resistência, sagrando-se vencedores em jogos de competição – principalmente, nos Jogos Olímpicos –, eram comumente alçados às posições sociais e políticas de destaque em suas sociedades de origem – se já não estivessem ocupando esses mesmos espaços anteriormente. Além disso, os treinamentos preparatórios exigidos para a participação nos festivais esportivos gregos, via de regra, só poderiam ser garantidos por grupos sociais com algum poderio econômico, pertencentes à elite local e, por isso, distintos socialmente. No mais, há também uma relação entre o ideal estético grego e seus jogos de competição. Elias (1992) diz que o termo “areté”, comumente traduzido como “virtude”, não se referia a características morais específicas e valorizadas, mas aos êxitos de um guerreiro que, através de sua imagem corporal, mostrava-se como um sujeito forte e hábil, dois traços que eram absolutamente relevantes para a construção de uma imagem pública admirável. Esses ideais também se faziam presentes nas esculturas gregas, mostrando que a idealização do guerreiro e a ética de guerra das modalidades esportivas não eram apenas compatíveis, mas intimamente relacionadas em uma interdependência funcional: “Ambas son características de la posición social, del modo de vida y de los ideales de estos grupos y, sin embargo, entender esta interdependencia real no menoscaba el placer proporcionado por el arte griego. Si acaso, lo aumenta” (ELIAS, 1992, p. 176). Portanto, no esporte, na política e na estética, havia uma correspondência em relação aos valores que estruturavam a experiência social em cada uma dessas áreas da vida social.

Dessa maneira, segundo Elias (1992), o nível de violência apresentado nos jogos de competição na Grécia antiga, como também nos torneios e jogos populares da Idade Média e nas modalidades esportivas da contemporaneidade, é indício de uma determinada trajetória do processo civilizador, que está relacionada com o nível geral da violência socialmente permitida. Isso aponta para a formação de uma determinada consciência social, que produz pressupostos éticos que organizam as relações de sociabilidade, distintas entre si em cada um desses períodos históricos.

Com isso, sobre a experiência moderna, Elias (1992) diz que uma moralidade dúbia se formou, o que aponta para uma consciência social cindida e contraditória. Nos Estados-nações industrializados, há uma organização social para o controle da violência que estimula o autocontrole dos impulsos agressivos, interiorizado pelos indivíduos através de normas formuladas e centralizadas pelas instituições estatais, capazes de promover a proteção e reforçar uma defesa pública contra esses mesmos impulsos, aumentando a sensibilidade e o repúdio social contra atos de violência. Ou seja, o Estado como ente que detém o monopólio legítimo do uso da força e da violência e que constrange a agressividade que se manifesta na vida social. Em decorrência disso, trata-se de uma sociedade que teria um nível menor de tolerância à

brutalidade. Entretanto, por outro lado, existe uma outra relação com a violência que se estabelece, no que se refere aos assuntos nacionais e internacionais, o que promove uma pressão antiética, provocando essa divisão na consciência social:

Las nos dicen que aumentemos el nivel de autocontrol de los impulsos violentos em las relaciones humanas dentro de uma sociedade-Estado, y las fomentan el decremento de esse mismo autocontrol e incluso nos alientan a actuar violentamente em las relaciones com otras sociedades diferentes de la nuestra (ELIAS, 1992, p. 165 - 166).

Assim sendo, para Elias (1992), a disparidade entre a violência praticada pelos Estados diferentes é maior na modernidade em comparação com outras formas de organização social, como as sociedades tribais ou as cidades-Estados gregas, enquanto o nível de segurança físico dentro dos Estados-nações mais avançados industrialmente é maior do que em outras sociedades e tempos passados.

Um outro exemplo, segundo Elias (1992), seria o espanto gerado pelos assassinatos em massa do nazismo alemão, considerando que os novos meios socialmente aceitos de controle e exercício da violência promoveram uma ilusão de que, no século XX, tais barbaridades, como as que foram protagonizadas pelo Holocausto, não seriam mais possíveis, porque os indivíduos teriam se tornados mais civilizados, moralmente superiores e essa mudança qualitativa seria própria da natureza humana, desconsiderando que o fundamento da transformação estava no desenvolvimento social que modificou as condutas e os sentimentos humanos, através de um controle social mais diferenciado e de meios institucionalmente legítimos para praticar a violência, produzindo uma nova consciência social. Inclusive, Elias (1992) afirma que esse processo pode ser revertido, reiterando que não há nada de natural em uma mudança que é essencialmente social. Contudo, o repúdio ao genocídio nazista é, em si mesmo, sintomático de um certo estágio do processo civilizador:

Pero el nivel de rechazo “moral” contra lo que ahora denominamos “genocidio” y, em términos más generales, el nivel de inhibiciones interiorizadas contra la violencia física, eran decididamente más bajos y los sentimientos de culpa o de verguenza asociados com tales inhibiciones decididamente más débiles de lo que son em las naciones-Estado del siglo XX relativamente desarrolladas. Quizá ni existiesen tales sentimientos. (ELIAS, 1992, p. 179 - 180).

Nesse sentido, a formação da consciência social, que se inscreve em períodos históricos específicos, é um elemento fundamental para compreender a relação da sociedade com a violência. Na Antiguidade Clássica, a consciência autorreguladora estava pautada por imagens comunitárias de personagens “sobre-humanos” (como deuses e demônios exteriores), que seriam exigentes, ameaçadores e ditariam aos humanos, de maneira arbitrária, qual deveria ser sua conduta. Por outro lado, na modernidade, a consciência autorregulada se constrói enquanto

uma voz interior, individualizada – mas impessoal –, que se manifesta de acordo com os princípios gerais de justiça e injustiça, daquilo que socialmente é compreendido enquanto bem e mal. A consciência autorreguladora do período moderno:

Denote um agente interior autoritario, ineludible y a menudo tiránico que, como parte del individuo, guía su conducta, que exige obediencia y castiga la desobediencia con remordimientos o “mordiscos” que son los sentimientos de culpabilidad, y que, a diferencia del miedo a los dioses o a la venganza, actúa por sí solo, sin llegar aparentemente de ningún lado ni obtener su poder y autoridad de ningún agente exterior, humano o sobrehumano: este concepto de conciencia no formaba parte del bagaje intelectual de la Grecia antigua. El hecho de que aún no se hubiera desarrollado en la sociedad griega puede considerarse un indicador confiable de que la formación de la conciencia en aquella sociedad no había alcanzado una etapa de interiorización, individualización y relativa autonomía comparable en modo alguno a la nuestra. (ELIAS, 1992, p. 181 - 182)

Inclusive, Elias (1992) nos conta que o conceito de “consciência” é moderno e não possui uma tradução exata no grego antigo. No mais, é sintomático que nas cidades-Estados gregas, os indivíduos fossem mais interdependentes, submetidos a agentes e castigos exteriores para refrearem suas paixões e controlarem seus impulsos, do mesmo modo que o nível de confiança entre concidadãos era menor do que nas sociedades modernas. Os conflitos entre cidadãos, que frequentemente terminavam em assassinatos, aconteceriam sem a demanda por um ordenamento jurídico e de segurança que garantisse a integridade dos indivíduos. Quem desempenhava esse papel era o grupo familiar, onde todos os homens deveriam estar aptos para proteger sua família. Isso explica o nível mais alto de tolerância com a violência e a ausência de sentimento de culpa em provocar dor em terceiros ou presenciar atos de violência, o que estava presente nos jogos de competição da Antiguidade Clássica. Entretanto, sobre esse aspecto, faz-se necessário afirmar que, em alguma medida, tal ausência de culpa ainda é preservada nos esportes da modernidade, considerando, por exemplo, as modalidades esportivas de luta.

Portanto, pode-se dizer que, em sentido estrito, a noção de “esporte” pode definir uma produção social do jogo que está diretamente relacionada com a organização social, política e cultural da modernidade, substancialmente distinta dos jogos de competição realizados na Antiguidade Clássica. O controle social da violência, fundamental para a formação dos passatempos ingleses e sua transição para a forma moderna das práticas esportivas, indica como as transformações promovidas na vida social impactam a relação entre sociedade e esporte. Em termos elisianos, representa o surgimento de uma nova consciência social. Assim sendo, faz-se necessário analisar esse percurso no que se refere ao futebol e seu surgimento durante a modernidade.

Desse modo, analisando estritamente a história social do futebol, Giulianotti (2010) afirma que é necessário retomar as origens do jogo e avaliar as diferentes versões daquilo que foi nomeado como “futebol pré-moderno”<sup>6</sup>:

Alguns deles apontam a América Central e o Amazonas como as fontes culturais do futebol, onde tribos indígenas já praticavam jogos de bola em 1.500 a.C. (Galeano, 1995, p. 27). McIntosh (1987, p. 33), afirma que as primeiras formas de futebol foram jogadas na Antiguidade, talvez no jogo romano de *harpastum* ou no de *episcyros* na Grécia. [...] É provável que a China tenha o mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol (Walvin, 1994, p. 11). Durante o período neolítico, manufacturavam-se bolas de pedra para serem chutadas em jogos na província de Shan Xi. Mais tarde, durante a dinastia dos Han (206 a.C-dC. 220), jogava-se *cuju* com regras muito semelhantes às do futebol. (GIULIANOTTI, 2010, p. 15).

Segundo Giulianotti (2010), outras manifestações do “futebol pré-moderno” foram o *pasuckwuakkohowog* (que pode ser traduzido como: “eles se juntam para jogar futebol”), dos índios da América do Norte, o *pilimatun*, dos povos indígenas do Chile, e o *tchoekah*, dos povos indígenas da Patagônia. Em geral, as raízes indígenas dos jogos de bola denotam rituais referentes à fertilidade e à adoração de elementos de suas respectivas culturas. Por outro lado, os gauleses praticavam o jogo como um culto para honrar o Sol. Os romanos introduziram os jogos de bola nos povos dominados; os povos celtas jogavam *cad*; no que é hoje o País de Gales, era *knappan*; no arquipélago de Órcades, jogava-se o *ba game* entre *uppies* e *donnies*. Os camponeses franceses realizavam o violento *soule*, já a aristocracia da Renascença italiana praticava o *calcio*<sup>7</sup>, em Florença. As formas particulares de jogar o “futebol pré-moderno” estavam integradas ao conjunto de valores que organizavam a vida social desses respectivos grupos sociais.

Giulianotti (2010) nos conta que, historicamente, o “futebol pré-moderno” foi reprimido pelas classes dominantes. Na China, foi proibido durante a dinastia Ming, do imperador Zhu Yuanzhang, em 1389, e a decisão foi reiterada em 1625. Na Inglaterra, o jogo foi censurado por Edward II, com a intenção de estimular outras formas de passatempo, como a prática do arco e flecha. James I seguiu a mesma ideia e autorizou que as autoridades públicas locais multassem aqueles que praticassem os jogos de bola. Na Escócia, entre o século XVI e o início do século XVII, juntamente com o consumo de bebidas alcoólicas e a dança, o futebol foi considerado uma atividade profana. Nesse mesmo sentido, durante o enfraquecimento da monarquia, os deputados puritanos escoceses tornaram o “futebol pré-moderno” uma prática esportiva

<sup>6</sup> Originalmente, Giulianotti (2010) nomeou esse período como “futebol primitivo”: “O chamado *folk football*, que aqui denominamos futebol “primitivo”, refere-se aos jogos de bola desde os tempos medievais, considerados precursores do futebol que hoje conhecemos, mas com características bem diferente, como demonstra o autor ao longo deste capítulo (N.T.)” (GIULIANOTTI, 2010, p. 15). Entretanto, nos pareceu mais coerente conceituá-lo como “futebol pré-moderno”.

<sup>7</sup> Nomenclatura usada ainda hoje para denominar o futebol italiano.

proibida. Ou seja, a integração social dos jogos de bola não seguiu um processo linear de legitimação na esfera pública. No mais, como já havia indicado Elias (1992), considerando que se trata de uma atividade pré-moderna, a violência se fazia mais presente no “futebol pré-moderno”:

O futebol “primitivo” pode ser considerado particularmente violento e “não civilizado” se comparado ao jogo moderno (Elias e Dunning, 1996). Nos séculos XIII e XIV, era comum os jogadores carregarem punhais, que causavam ferimentos sérios, tanto acidental quanto intencionalmente (Birley, 1993, p. 32). Pontapés na canela, socos e lutas diversas eram comuns entre jogadores rivais para vingar agravos antigos; ossos quebrados, ferimentos graves e mortes eram consequências esperadas (Elias e Dunning, 1970, p. 119-120). O jogo não tinha também organização relativa à posição de cada jogador ou esquemas táticos. (GIULIANOTTI, 2010, p. 17)

Além disso, Giulianotti (2010) aponta que, no “futebol pré-moderno”, a organização e as regras para a prática do jogo eram fundamentalmente distintas. Na maioria das vezes, era permitido que a bola fosse dominada com a mão, antes de ser chutada. Os times que se enfrentavam raramente eram equilibrados quantitativamente e qualitativamente, formados por grupos masculinos opostos e de povoados e cidades que rivalizavam entre si. Não havia juiz e o objetivo do jogo era, da maneira que fosse possível, brigar pelo domínio da bola – em regra, de couro e sem dimensões padronizadas – até que ela fosse levada para “um gol”. Na maioria das vezes, o jogo também estava integrado às celebrações religiosas. Portanto, assim como acontecia na Antiguidade Clássica, em todas essas expressões do “futebol pré-moderno”, o jogo cumpria outra função social em comparação com a sua conversão em “futebol moderno”.

Desse modo, a transição do “futebol pré-moderno” para a sua forma moderna se deu por meio de um processo de racionalização do jogo, de desenvolvimento de uma máquina burocrática que regula a realização e o controle das partidas e de uma secularização da experiência social com as práticas esportivas, *pari passu* com a formação e consolidação da modernidade. Para compreender essa mudança social, Giulianotti (2010) diz que é necessário analisar as relações e os interesses particulares de classe desse período e seu vínculo com a integração das modalidades esportivas nas escolas públicas inglesas.

No início do século XIX, as escolas públicas inglesas eram focos de manifestações e revoltas protagonizadas por jovens estudantes. Em 1828, na cidade inglesa de Rugby, Thomas Arnold<sup>8</sup> se notabilizou como o responsável por introduzir uma nova educação moral para os jovens ricos da nação, como resposta aos motins juvenis que aconteciam nas instituições de ensino. Nesse processo, a educação e o esporte cumpriram uma função social primordial, ao

---

<sup>8</sup> Foi um educador e historiador nascido em West Cowes, nas Ilhas de Wight na Inglaterra, em 13 de junho de 1795. Faleceu em 1842.

introduzir os jogos “como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*” (GIULIANOTTI, 2010, p. 18). Ou seja, a transição do “futebol pré-moderno” para o “futebol moderno” se dá através da elaboração de um projeto para a introdução de valores morais burgueses, ligados à identidade nacional, propalados nas escolas públicas inglesas, para a formação cívica da juventude abastada do país. Portanto, se o “futebol pré-moderno” pode ser considerado um acontecimento de origem popular, o início da regulamentação dos jogos de bola, que transmuta o futebol em um fenômeno moderno, é efetuada para satisfazer os interesses da elite social inglesa.

Nesse processo, as regras do futebol começaram a ser codificadas e as partidas eram supervisionadas pelos docentes dos colégios, o que seria um primeiro passo no desenvolvimento da máquina burocrática que organiza o “futebol moderno” e na preparação do que viria a ser figura do juiz. Entretanto, com a disseminação da educação física e do esporte – o que incluía os jogos de bola – como elementos formativos da educação pública inglesa, houve uma inconsistência em relação às regras do jogo entre instituições de ensino distintas – que também eram rivais em jogos de competição –, considerando que cada uma adotava princípios próprios na regulamentação do ainda “futebol pré-moderno”. Giulianotti (2010) nos conta que em meados de 1860, uma competição entre faculdades cindiu as propostas de normatização do futebol em dois campos distintos: de um lado, os veteranos das cidades de Rugby e Eton, que defendiam a permissão de pontapés em adversários e uso das mãos, enquanto os alunos de Harrow eram contra a integração desses movimentos. Durante esse embate, o Sheffield FC, fundado em 1854 e considerado o primeiro clube da história do “futebol moderno”, adotou as normas estabelecidas pelos estudantes de Harrow. Posteriormente, esses mesmos discentes de Harrow foram os responsáveis pela criação da Associação de Futebol (FA) que, progressivamente, dirimiu com as incongruências na normatização do jogo:

Graças ao zelo missionário de C.W. Alcock, veterano de Harrow e secretário da FA durante vinte e cinco anos, o “jogo do drible” foi introduzido em toda a Grã-Bretanha. Em 1872, a copa da FA foi inicialmente disputada em um torneio de eliminatórias entre escolas públicas, e a primeira totalmente internacional foi jogada entre Inglaterra e Escócia, em Glasgow (Walvin, 1994, p. 48-75). As regras do futebol foram formalmente codificadas em 1877, livrando-se de qualquer inconsistência remanescente. (GIULIANOTTI, 2010, p. 19).

Por outro lado, os alunos de Rugby e Eton seguiram com sua proposta, o que gerou uma nova modalidade esportiva, o *rugby*. Portanto, o “futebol pré-moderno” está na origem do rugby, que se diferenciou do que veio a ser o “futebol moderno” a partir da burocratização e regulamentação de sua prática esportiva.

Com isso, a produção do “futebol moderno” consiste em uma racionalização do “futebol pré-moderno”, através da formulação de normas, princípios e valores correspondentes à modernidade, com o desenvolvimento de federações, clubes e torneios regulares, que culminaram na formação de um sistema próprio que possibilitou ao jogo ganhar autonomia enquanto modalidade esportiva. Entretanto, a evolução geral do “futebol moderno” e os conflitos presentes nesse processo, também estão relacionados com disputas entre distintas classes sociais, considerando o embate que houve no processo de profissionalização do futebol. Segundo Giulianotti (2010), no sul da Inglaterra, na Associação de Futebol, predominavam o caráter amador e elitista, em que os jogadores não eram remunerados e a prática do futebol estava restrita à aristocracia. Outros elementos também expressavam os valores do amadorismo. Por exemplo, Corinthians Football Club, um clube importante da época, não acreditava que os “cavalheiros” fossem capazes de cometer faltas durante as partidas e, por isso, opuseram-se à ideia da criação das penalidades máximas. Já no norte do país, as classes médias profissionais, os industriais e a pequena burguesia compunham o grupo social que controlava os clubes mais bem-sucedidos da Inglaterra, em que diretores ricos contratavam jogadores clandestinamente e estimulavam a formação de novos jogadores no sul do país, onde o amadorismo era dominante. Portanto, havia um conflito entre a nobreza e a burguesia em relação ao que seria o início do processo de profissionalização do jogo. Além disso, considerando que a integração dos jogos de bola nas escolas públicas inglesas ocorreu em função da introdução de valores morais burgueses, esse embate, do ponto de vista axiológico, já se fazia presente na própria origem do “futebol moderno”.

Nesse sentido, segundo Giulianotti (2010), em julho de 1885, a Associação de Futebol inglesa reconheceu os jogadores profissionais, por sua incapacidade de regular os recursos financeiros que começavam a ser usados pelos clubes na formação de seus times. Esse novo contexto econômico que, pode-se dizer, foi o ponta pé inicial do surgimento de uma indústria do futebol, produziu uma nova ordem comercial do jogo, fazendo com que os clubes aristocráticos fossem, progressivamente, substituídos pelas equipes incorporadas ao processo de profissionalização:

Na Escócia, a racionalização econômica foi severa: de catorze membros fundadores da liga em 1890, seis estavam fora do negócio uma década depois (Crampsey, 1990, p. 7). A velocidade da mudança continuou sem vigor, uma vez que um após outro clube convertia-se do *status* de associação para o de companhia limitada cheia de acionistas e com um conselho de diretores (Birley, 1995a, p. 42). (GIULIANOTTI, 2010, p. 20)

As autoridades do futebol tentaram impor um teto salarial aos jogadores profissionais, em um esforço para tentar manter o futebol ainda dentro dos limites do amadorismo e,

consecutivamente, controlado pelas classes tradicionais. Contudo, com o processo de liberalização econômica do futebol, esse novo mercado não estava aberto a restrições e a profissionalização dos futebolistas no “futebol moderno” seguiu o seu curso. Como consequência dessa transformação própria ao “futebol moderno”, a primeira liga inglesa foi criada em 1888 e a primeira liga escocesa surgiu em 1900. Giulianotti (2010) define essa nova dinâmica do futebol como um “emburguesamento comercial do futebol”<sup>9</sup>.

Além do mais, esse “emburguesamento” do jogo introduziu outras características próprias da modernidade. Em primeiro lugar, a instituição de um juiz, que seria um indivíduo “neutro” com a incumbência de arbitrar sobre os acontecimentos das partidas, diferentemente do que acontecia no processo de transição para o “futebol moderno”, em que dois árbitros, escolhidos pelos times que se enfrentavam, decidiam o resultado final de um jogo. Em segundo lugar, o novo modelo profissional burguês também multiplicou os consumidores de futebol. Entre 1820 e 1860, havia um enorme vácuo no lazer popular, com o desaparecimento do “futebol pré-moderno” – entre outros passatempos esportivos –, quando a ordem moralizadora burguesa buscava erradicar qualquer tipo de diversão não-civilizada e ligada à intemperança. Somente na década 1860, com a introdução dos valores burgueses no circuito das modalidades esportivas e a conversão do “futebol pré-moderno” em “futebol moderno”, é que a sociedade foi reinserida em uma ampla cultura de esportes. Ou seja, o pressuposto para a integração do futebol na ordem social moderna foi a sua modernização.

Como consequência, a cultura de esportes foi integrada à nova cultura urbana. De acordo com Giulianotti (2010), houve um aumento quantitativo e qualitativo da classe de torcedores. No final da era vitoriana, a média de público era de 4.600 torcedores; nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, já era de 23.100 torcedores. A classe média dividia a arquibancada com a classe trabalhadora – em sua maioria, de trabalhadores qualificados –, e o jogo proporcionou em um novo quadro de práticas culturais, como o consumo de bebidas alcoólicas e as apostas que são feitas antes deles, tornando o futebol uma extensão “arquitetônica do arquipélago industrial urbano” (GIULIANOTTI, 2010, p. 20). Nesse sentido, a nova ordem comercial do jogo não aponta apenas para o início da remuneração dos jogadores de futebol, mas também para o surgimento de um mercado consumidor que se relaciona com aspectos próprios do jogo.

Em vista disso, Damo (2014) afirma, em consonância com a abordagem de Giulianotti (2010), que a inserção do dinheiro foi um elemento fundamental para a composição da origem

---

<sup>9</sup> GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. p. 21.

moderna do esporte e que a ideologia do amadorismo, elitista e romântica, atuou com o objetivo de impedir a circulação monetária no mundo do futebol.

Damo (2014) diz que o futebol, no início do seu processo de modernização, despertou o interesse de dirigentes “pouco ortodoxos às ideologias burguesas de ancestralidade aristocrática” (DAMO, 2014, p. 35), que estariam baseadas em um gosto desinteressado, “uma espécie de arte pela arte, adaptada ao esporte pelo esporte” (DAMO, 2014, p. 35). Esses novos dirigentes estavam dispostos a arcar com os custos do jogo, como a manutenção dos clubes, a remuneração dos futebolistas, as viagens das equipes etc. Esse processo foi relevante para a popularização do futebol, considerando que jovens talentosos, oriundos das camadas populares, possuíam o desejo de praticar a modalidade e protagonizar um embate simbólico, na arena esportiva, contra a juventude das classes sociais mais ricas. Assim, jovens das classes sociais operárias e menos favorecidas, em decorrência do processo de profissionalização, puderam se tornar novos jogadores em potencial. Além disso, a integração do futebol na nova cultura urbana também foi importante para a sua popularização, com a classe média e trabalhadora presentes nos estádios.

Nesse sentido, de acordo com Giulianotti (2010), a profissionalização dos jogadores ofereceu uma nova possibilidade de reconhecimento social, em um ambiente pretensamente meritocrático, para sujeitos que não recebiam oportunidades laborais em outras esferas do mercado de trabalho. Todavia, em paralelo com as condições de trabalho da classe de trabalhadora de outras profissões, os jogadores de futebol profissionais também possuíam pouco controle sobre a sua força de trabalho. Na transição do “futebol pré-moderno” para o “futebol moderno”, período que pode ser identificado como a “modernidade inicial” do jogo, as relações de trabalho no meio do futebol eram pautadas por atletas vinculados aos clubes através do sistema do passe, que faziam deles propriedade privada das equipes em que estavam trabalhando. Havia uma norma que determinava um teto salarial para a categoria, limitando os ganhos econômicos dos jogadores, e não existia uma perspectiva para uma aposentadoria com o mínimo de seguridade social, que ofereceria aos profissionais um horizonte de futuro após a interrupção de seu ofício como atleta.

## 1.2. A NOVA ECONOMIA POLÍTICA DA INDÚSTRIA DO FUTEBOL

Considerando o contexto da profissionalização do jogo, Giulianotti (2010) desenvolve o que seria uma crítica marxista das relações de trabalho dos jogadores de futebol. No futebol profissional, os clubes operariam como uma empresa capitalista e os jogadores seriam

convertidos em trabalhadores alienados de sua produção, com as entidades extraindo mais-valia e lucro do trabalho desses atletas. Em campo, os jogadores precisariam se adaptar à divisão social do trabalho<sup>10</sup>, em que cada um deve cumprir uma função específica dentro de um sistema de jogo pré-determinado por um treinador. Assim como as máquinas, os jogadores estariam programados para desempenhar um conjunto limitado de movimentos, com o objetivo de possibilitar o funcionamento desse sistema de jogo, que se sobreporia à criatividade desses atores. Portanto, pode-se dizer que o desenvolvimento do aspecto tático, no “futebol moderno”, seria o equivalente à divisão social do trabalho, existindo uma similaridade com a linha de produção fordista, por exemplo. Além disso, um tipo específico de “mentalidade” é estipulado no momento em que um clube vai contratar um determinado jogador, que deve possuir uma personalidade atrofiada e pré-disposição à obediência:

Essa obsessão pela ação controlada e dirigida é parte da não liberdade do esporte (Adorno, 1967), a predominância da “ação racional-determinada” sobre a “ação comunicativa” consensual (Habermas, 1970). No futebol, isso significa planejamento para evitar derrota muito mais do que um debate a respeito de como o jogo deveria ser praticado. Aos jogadores é negada a oportunidade de superar o desempenho de seus adversários individuais; o objetivo maior de sucesso do time, seguindo as instruções do técnico, tem prioridade (Overman, 1997, p. 197). Ao mesmo tempo, “o fetichismo da mercadoria” aflige os jogadores mais bem remunerados, uma vez que se tornam conhecidos e apreciados por seu valor da “etiqueta de preço” muito mais do que por suas qualidades técnicas ou por seu valor intrínseco (Marx, p. 1963, p. 183). (GIULIANOTTI, 2010, p. 143 - 144).

Giulianotti (2010) também retoma as reflexões elaboradas por Bourdieu e Foucault, acerca do disciplinamento e controle dos corpos, que seriam condizentes com as relações estabelecidas entre os clubes e os jogadores de futebol, cabendo um paralelo, inclusive, com o que acontece nas organizações carcerárias. Na rotina do esporte, os indivíduos são removidos de suas relações sociais cotidianas e são inseridos em um regime de dieta alimentar e preparo físico permanente, o que incluiria também a proibição de relações sexuais antes das partidas, o distanciamento de seus familiares na véspera dos jogos – já que, em alguns casos, os atletas ficam previamente isolados em alojamentos e hotéis –, um sistema de vigilância sobre o corpo dos jogadores, submetidos a regras rígidas e avaliações físicas frequentes realizados pelo corpo técnico dos clubes, entre outras dinâmicas. Ou seja, com a profissionalização do futebol, a dimensão corpórea dos jogadores de futebol está subordinada a um rígido controle disciplinar, que visa, como objetivo final, a maximização da performance.

---

<sup>10</sup> Sobre esse aspecto, preservando a coerência em relação ao que seria a transformação dos clubes em empresas capitalistas e a busca das equipes por uma determinada “mentalidade”, que orientaria o perfil dos jogadores contratados, é preciso afirmar que a correspondência estabelecida entre o desenvolvimento da tática em consonância com a divisão social do trabalho é uma premissa questionável, tendo em vista que a tática consiste em uma dimensão imanente ao próprio futebol.

Ainda sobre a relação entre atletas e seu corpo, Giulianotti (2010) resgata Wacquant para indicar que os jogadores são considerados empreendedores que investem em seu capital corporal, um elemento central em sua relação produtiva com o clube, levando em conta que antes da assinatura de um contrato de trabalho com uma determinada entidade esportiva, os atletas são submetidos a um exame médico que, em caso de reprovação, impede que o vínculo laboral com aquele clube se concretize. Da mesma maneira, durante a pré-temporada, realizada previamente ao início dos campeonatos que serão disputadas pelos times, há uma busca pelo aprimoramento do corpo dos jogadores, que “de mercadoria flexível é transformado em capital futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 144). Já no transcorrer da temporada regular das competições, o corpo dos atletas é incorporado em um cotidiano de aperfeiçoamento contínuo de suas condições físicas, em que a estética do sacrifício é até mesmo um valor estimado socialmente. Nesse sentido, o paralelo entre corpo e máquina se recoloca, mas em um sentido distinto do processo de alienação da classe trabalhadora, considerando que, em um determinado momento, o corpo se torna um “instrumento de trabalho morto”<sup>11</sup>, incapaz de corresponder às exigências de performance do futebol profissional:

Os jogadores com “grande mecânica” continuam correndo até o apito final: aqueles que visivelmente são mais vagarosos não têm “nenhum combustível”. Essas metáforas mecânicas predizem uma conclusão fatal e irresistível: “Uma máquina funciona ou não. Assim, a máquina biológica está morta ou viva” (Baudrillard, 1993b, p. 159). A constante criação de novos torneios de futebol de âmbitos continentais e globais coloca uma pressão maior no corpo e na mente dos jogadores, enquanto as instituições de futebol extraem o máximo de mais-valia desses empregados. (GIULIANOTTI, 2010, p. 144 - 145)

Portanto, é possível afirmar que o desenvolvimento da profissionalização do futebol, que promove um controle exercido pelos clubes sobre o corpo dos jogadores, em sentido disciplinar e físico, aponta para um parâmetro de performance que evolui e se transforma historicamente. Com isso, corpos que, em um passado recente, provavelmente estariam bem-integrados às demandas do futebol, em um momento futuro podem passar por um processo de exclusão e de estigma social, sobretudo, se faltarem com a reprodução da estética do sacrifício.

A estética do sacrifício se relaciona, principalmente, com as exigências dos torcedores vinculadas com um novo valor de performance. O ex-jogador Alex de Souza, ídolo do Coritiba, Palmeiras e da equipe turca Fenerbahçe, representou o que é a estética do sacrifício ao abordar o conteúdo das críticas que eram feitas ao seu futebol<sup>12</sup>:

---

<sup>11</sup> GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. p. 145.

<sup>12</sup> AS Sensações que ficam para sempre. **The Players Tribune**. 19 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/br/posts/carta-alex-sensacoes-que-ficam-para-sempre>>. Acesso em: 17 de maio de 2022.

No entanto, esse encanto que a gente carrega no início acaba se desfazendo à medida que nos deparamos com o mundo real do futebol. Por muitos anos, eu ouvi aquela histórica de “Ah, o Alex não corre. *Alexotan*”. Nunca me perguntaram como eu me sentia ouvindo isso. Eu vou contar...

No começo, no Coritiba, eu achava legal, porque, de fato, eu não precisava correr. Eu fazia a bola correr, a gente ganhava os jogos e todo mundo ficava feliz. Só que quando o time perdia transformavam essa “piada” num achincalhe, numa destruição pessoal, como se eu fosse um palhaço de plástico na quermesse e não um ser humano, um garoto de 17 anos.

Era muito agressivo.

Assim sendo, segundo Giulianotti (2010), em decorrência do poder quase absoluto que os clubes de futebol detêm sobre o corpo dos jogadores, os atletas, em diversas oportunidades, são obrigados a conviver com situações que impõem chances de lesões e outras formas de debilidade física. A própria socialização dos jogadores de futebol os faz normalizar as sanções sofridas pelo corpo, como se fossem consequência natural de sua atividade profissional. Em caso de insatisfação com essas condições ou intenção de minimizar os riscos que são vividos, os atletas sofrem coerções sociais, porque estariam confrontando a estética de masculinidade do esporte – que se relaciona com a estética do sacrifício –, o que também pode resultar em algum tipo de estigmatização. Esse processo demonstra que, com a profissionalização do futebol e seu novo paradigma performático, estabelece-se uma agressiva psicologia ocupacional do esporte, que opera, principalmente, em função do medo dos jogadores de futebol ficarem ausentes das partidas. Essa é a principal razão para que os atletas convivam com uma rotina que legitima os riscos à saúde, em âmbito físico e subjetivo:

Habitualmente, o futebol deixa os jogadores com contusões crônicas que arruinam sua mobilidade e qualidade de vida futuras. Aparelhos ruins enfraquecem as juntas das pernas do joelho para baixo; cartilagens de joelho são fragmentadas pelas corridas e torções constantes; goleiros aposentam-se com as mãos cheias de calos e as costelas enfraquecidas; lesões cerebrais e senilidade resultam de cabeçadas no futebol, principalmente quando o clima está úmido. (GIULIANOTTI, 2010, p. 145 -146).

Desse modo, assim como a organização social do trabalho no modo de produção capitalista condicionou as relações de trabalho entre jogadores de futebol e clube, pode-se dizer que a maximização da performance segue os mesmos valores que orientam a lógica econômica do cálculo de custos e benefícios.

A estrutura organizativa dos clubes de futebol, que já havia perdido seu viés aristocrático com a ascensão do processo de profissionalização, passou por novas mudanças com a contínua modernização do futebol. Segundo Giulianotti (2010), no Reino Unido, a indústria do futebol foi uma das últimas a abandonar o modelo de negócio “familiar”, predominante entre o século XIX e início do século XX, em que os proprietários das empresas também eram os responsáveis por suas funções administrativas:

Poucas vezes o conselho de diretores delegou poder no cotidiano do clube indicando um profissional para chefe do executivo. Essa estrutura associada familiar, envolvendo a participação pessoal, é encontrada em outras poucas indústrias. [...] filosofias de mercado que não são tradicionalmente encontradas entre os proprietários de clubes de futebol. Até recentemente, os acionistas principais não esperavam lucrar muito com o futebol, embora seu *status* social melhorasse devido a sua influência pública sobre uma grande instituição cultural popular. (GIULIANOTTI, 2010, p. 117)

Ou seja, mesmo que a transição para o “futebol moderno” tenha sido acompanhada pelo surgimento da indústria do futebol, ligada ao processo de profissionalização dos jogadores, a formação de um novo mercado consumidor, que acompanhou a popularização do futebol, e a inserção dos clubes em uma lógica econômica de participação acionária, a administração das entidades esportivas ainda não havia sido profissionalizada na prática. A estrutura associada familiar se sobrepunha aos pressupostos e preceitos baseados na ideologia do livre-mercado.

Ainda assim, Giulianotti (2010) afirma que na maioria das nações europeias, houve um movimento para que os clubes deixassem de ser associações privadas e se convertessem em companhias limitadas, com um restrito grupo de sócios que são proprietários. Porém, em equipes da Península Ibérica e da América Latina, uma parcela significativa continua como associação privada, com torcedores associados que pagam mensalidade ou anuidade, votam em quem serão os diretores e presidente, podem se tornar conselheiros envolvidos com o dia a dia político do futebol etc. A estrutura de associação privada, dirá Giulianotti (2010), desestimula que grandes investimentos financeiros sejam feitos por donos de empresas de outros ramos. Provavelmente, porque há um conjunto maior de pessoas que participam do processo decisório do clube, o que pode limitar as ações de um eventual investidor. Por outro lado, as associações privadas permitem que os torcedores se tornem sócios e se façam mais presentes nas tomadas de decisão dos clubes, em comparação com os times que são companhia limitada. Já nos antigos países socialistas do Leste, o futebol não seguiu nenhum dos dois modelos e acabou sendo controlado pelo Estado, com a participação direta, na gestão das equipes, de figuras que ocupavam postos relevantes na burocracia partidária.

Giulianotti (2010) também aponta que, assim como aconteceu na transição do “futebol pré-moderno” para o “futebol moderno”, com a integração dos jogos de bola no currículo escolar das instituições de ensino público inglesas, com o objetivo de disseminar os valores morais burgueses para a juventude rica do país, a consolidação do Estado-nação moderno e a afirmação da identidade nacional constituíram processos importantes para a modernização do futebol.

O uso de uma linguagem comum, o desenvolvimento de um sistema educacional estruturado por valores cívicos únicos e a criação dos meios de comunicação de massa, foram

fenômenos sociais fundamentais para o fortalecimento dos sentimentos de nacionalidade, gerados através de elementos da cultura popular, que davam forma e conteúdo axiológico para os componentes estéticos e ideológicos que representavam a pátria. Nesse processo, o futebol foi integrado, tendo em vista que, a partir do surgimento das ligas nacionais, as rivalidades locais ainda estavam delimitadas e significadas por um sentido comum de nação. Nos jogos internacionais, entre selecionados nacionais, as equipes incorporavam o espírito da nação moderna, transformando as partidas em um espaço para manifestações de ritos nacionalistas. Com o avanço da tecnologia, através do rádio e da televisão, as expressões nacionais eram disseminadas para os concidadãos, possibilitando que estes também participassem dessa transmutação do jogo em celebração nacional.

Contudo, as mudanças sociais provocadas nas estruturas da modernidade, a partir da globalização econômica e política e da queda de sistemas sociais e políticos alternativos, também provocaram transformações na indústria do futebol. Segundo Giulianotti (2010), as mudanças na economia política mundial são estimuladas pelo crescimento constante da produção de mercadorias e pelas novas demandas criadas pelos veículos de comunicação de massa. Países tradicionais no futebol são envolvidos em um novo modelo de negócio, em que jogadores de clube locais são negociados com equipes *nouveau riches* de outras nações. Há uma queda do público nos estádios e um aumento no interesse em partidas transmitidas pelas redes televisão, com clubes com receitas maiores para investimentos se converteram em monopólios de talento. Por fim, a resistência contra a “privatização” dos clubes em mercado aberto é cada vez menor. Ou seja, a partir da segunda metade do século XX, o “futebol moderno” passa por uma nova transformação, que se relaciona com mudanças sociais profundas que transformaram a própria modernidade.

Com isso, Giulianotti (2010) diz que há uma modernização na economia política do futebol, em decorrência do processo de mercantilização da cultura popular, estimulando que, a partir do final da década de 80, clubes do Reino Unido buscassem maximizar seus recursos para além das receitas de bilheteria pagas pelo torcedor médio:

A experiência do futebol tornou-se cada vez mais sinônimo de placas de publicidade, patrocínio de camisas, comerciais de televisão, patrocínio de ligas e copas e a comercialização da parafernália do clube. [...] Algumas cidades cresceram e prosperaram muito por meio de um simples empregador na localidade, que deu apoio ao time de futebol local como parte de seu investimento cultural. [...] Para melhorar os ganhos fora de campo, os diretores do clube introduziram uma série extra de administração dos negócios, criando “departamentos de publicidade” e indicando executivos para chefiá-los. (GIULIANOTTI, 2010, p. 118 - 119)

Nesse processo, os clubes abriram a possibilidade para que patrocinadores anunciassem suas marcas nos uniformes, como um meio para a ampliação de seus recursos. Houve também a

comercialização de produtos diferenciados, que eram consumidos em função do impacto e da popularidade das equipes nas ligas que disputavam. Por exemplo, foram criados “kits” para torcedores, com a venda de modelos especiais, o que contribuiu para que os clubes negociassem contratos milionários com empresas fornecedoras de materiais esportivos. A produção de novos uniformes, para serem usados em cada temporada, segue a mesma lógica, com a intenção de estimular o consumo de torcedores que se tornariam cada vez mais leais à “marca” das entidades esportivas: “clubes como o Real Madrid e o Manchester United são símbolos de mercadorias globais, reconhecidas e consumidas universalmente”. (GIULIANOTTI 2010, p. 119 - 120). Esse processo vale, principalmente, para os grandes clubes de futebol, fortalecendo a desigualdade econômica entre as equipes. Portanto, com a globalização, os clubes de futebol começaram a atuar como agentes econômicos globais no mercado de bens e consumo, com o objetivo de potencializar ainda mais seus meios para aumentar seus rendimentos. Um fato inédito na indústria do futebol, que potencializou o processo de mercantilização da cultura popular. De acordo com Cavalcante e Nicolau Netto (2020):

No caso dos clubes de futebol, desde o começo de 1980, eles perderam o pudor com seus mantos – para alguns, sagrados – e os colocaram à disposição de empresas interessadas em expor ali, com muito mais destaque do que o dado ao próprio distintivo do clube, suas marcas. Isso acrescenta à competição esportiva entre os times uma segunda e mais ferrenha disputa: a dos clubes por dinheiro. (CAVALCANETE E NICOLAU NETTO, 2020, p. 240).

Os veículos de comunicação de massa cumpriram um papel fundamental na modernização da economia política do futebol, ao promoverem a mercantilização da cultura popular. Tomando a Inglaterra como exemplo, houve um crescimento nos valores negociados para a aquisição dos direitos de transmissão dos jogos de futebol, com o avanço tecnológico possibilitando, aos meios de comunicação, ampliar sua audiência ao explorar novos mercados consumidores, e um novo ambiente político e social no país propiciou as condições necessárias para que, sobretudo as redes de televisão, impactassem decisivamente a indústria do futebol:

Em maio de 1992, a BSkyB e a BBC assinaram um contrato de 304 milhões de libras esterlinas, por cinco anos, com a nova English Premiership. A BSkyB pagou 191,5 milhões de libras para transmitir ao vivo sessenta partidas em cada temporada; a BBC pagou 22,5 milhões de libras para partidas regulares; os outros 90 milhões chegaram de patrocínios e de direitos de TV no exterior. O contrato efetivamente excluiu a ITV da cobertura dos principais jogos domésticos, exceto as partidas da Copa dos Campeões em que os clubes ingleses fracassaram. Em resposta, em novembro de 1995, a Copa FA, durante quatro temporadas a partir de 1997. A BSkyB foi novamente um parceiro importante, pagando 55 milhões de libras pelas partidas ao vivo, exceto a final, com a BBC limitada a um pacote de 15 milhões. Sete meses depois, a BSkyB anunciou um novo contrato de 670 milhões de libras com a English Premiership para cobertura ao vivo das partidas de mais quatro temporadas. De maneira significativa, o acordo incluiu uma cláusula de *pay-per-view*. A BBC continuou como parceiro junior, pagando mais de 73 milhões por grandes momentos gravados (*The Observer*, 4 de maio de 1997). A ITV foi mais uma vez excluída. Alguns grandes executivos dos

principais clubes ingleses criticaram o contrato por vender seu produto por um preço depreciado. (GIULIANOTTI, 2010, p. 123)

É importante frisar que, anteriormente, as partidas já eram transmitidas pelas emissoras de rádio e televisão. Entretanto, o novo paradigma econômico do “futebol moderno”, financiado pela competição entre redes de televisão para adquirir os direitos de transmissão dos jogos de futebol, produz um fenômeno novo em relação ao jogo. Nesse sentido, Giulianotti (2010) nos conta sobre o projeto “Plano de ação para o Futuro do Futebol”, desenvolvido pela Associação de Futebol da Inglaterra, com o objetivo de capitalizar, sobre a desigualdade econômica promovida pela distribuição desigual dos recursos financeiros captados pela venda dos direitos de transmissão, a criação uma nova liga inglesa, com participação de 18 times, que deteriam os recursos provenientes das transmissões dos jogos. Em contrapartida, esse projeto excluiria outras 92 equipes profissionais.

Um outro elemento fundamental que transformou a indústria do futebol a partir da influência econômica das negociações dos direitos de transmissão, foi o desenvolvimento do sistema de *pay-per-view* (PPV), em que os consumidores contratam a transmissão de um evento esportivo específico e que serviu como mais um incentivo para que as federações e os clubes fechassem acordos com as emissoras televisivas para a veiculação de campeonatos. Segundo Giulianotti (2010), essa plataforma de transmissão é mais popular e lucrativa, que já operava, por exemplo, como fonte de renda fundamental do boxe nos Estados Unidos e no Reino Unido. A pesquisa Harris indicou que o *pay-per-view* poderia cobrar 10 libras esterlinas por partida de futebol da primeira divisão inglesa, gerando um lucro líquido de 2,5 bilhões para o ano. Clubes como o Manchester United, de dimensões globais, poderiam arrecadar até 380 milhões de libras por ano. Com isso, ficou evidente que esse sistema aumentaria a renda bruta das principais equipes do futebol inglês.

Com isso, emerge um novo mercado consumidor em potencial que, a partir de então, formava-se em dimensões nacionais e transnacionais, substancialmente distinto em comparação com popularização do futebol, através de sua integração na nova cultura urbana da modernidade. Agora, a integração do jogo na lógica da mercantilização da cultura popular é potencializada. As ligas mais lucrativas para as emissoras de televisão eram as inglesas, italianas, alemães, francesas e espanholas. Em países europeus como Holanda, Escócia, Portugal, Bélgica e Suécia, que não conseguiam arrecadar a mesma renda com direitos de transmissão, pela desigualdade competitiva em âmbito nacional, havia equipes com pretensões esportivas ambiciosas em competições europeias. Consecutivamente, nasce uma Liga Europeia mais desenvolvida. Nesse contexto, as associações domésticas de clubes continuavam operando

com o objetivo de garantir uma receita televisiva ainda maior para seus associados, enquanto, por outro lado, a UEFA começava a ser pressionada para seguir a mesma lógica e maximizar os ganhos dos times com os direitos de transmissão de seus torneios, o que poderia implicar, por exemplo, na reestruturação do formato de suas competições, com a ampliação do número de jogos a serem negociados com as emissoras de televisão. Essas mudanças produziram novos conflitos: os jogadores da elite esportiva consideraram que esse novo cenário provocou uma demanda excessiva de trabalho, ao amplificar, por interesses econômicos, o número de partidas no calendário competitivo; os clubes e as seleções nacionais passaram a conviver com um conflito de interesses, já que os times, que arcam os vencimentos e outros custos dos atletas, ficavam desfalcados de seus principais talentos durante os jogos internacionais<sup>13</sup>:

Ao mesmo tempo que o futebol continua nessa fase de transição entre o nacional e o global, os jogadores líderes acham que há demandas exageradas para seu trabalho. A introdução de uma liga mundial de clubes e de inúmeros novos torneios (como a Copa das Confederações) pode aumentar a renda de televisão da FIFA e das associações nacionais, mas os jogadores lutam para ter umas férias para recuperação. Enquanto isso, os conflitos do clube *versus* país emergem, uma vez que essas estrelas altamente remuneradas recebem ordens para perder os jogos das ligas domésticas para dar crédito a essas charadas internacionais. (GIULIANOTTI, 2010, p. 124 - 125).

Segundo Damo (2014), os circuitos do clubismo, que fomentam a rivalidade entre torcedores e o interesse popular nas partidas, possuem uma história dependente da reorganização dos campeonatos. Com isso, as entidades do futebol operam em função da capitalização de circuitos do clubismo mais relevantes, o que enseja, inclusive, em uma disputa política entre as entidades que administram o futebol<sup>14</sup>.

Nesse sentido, pode-se dizer que, com o interesse em arrecadar ainda mais com a negociação de direitos de transmissão, o que gera uma expansão no número de jogos no calendário esportivo das equipes, forma-se um novo parâmetro de alta performance, considerando as novas exigências físicas da modalidade com o aumento no número de partidas disputadas pelos jogadores.

---

<sup>13</sup> Em 2002, foram criadas as “Datas Fifa”, que obrigam os clubes a cederem seus jogadores quando convocados por suas seleções nacionais para jogarem partidas que estão integradas ao calendário da FIFA. Não necessariamente, são jogos de competições internacionais. As “Datas Fifa” também incluem amistosos entre seleções.

<sup>14</sup> Atualmente, existe uma proposta para a criação de uma “Superliga Europeia”, que selecionaria um conjunto limitado de clubes europeus, com o objetivo de ampliar a frequência de jogos entre equipes relevantes do continente, para potencializar a arrecadação de recursos com a comercialização dos jogos. SUPERLIGA europeia: o que se sabe sobre a competição. **GE**, Rio de Janeiro, 14 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/superliga-europeia-o-que-se-sabe-sobre-a-competicao.ghtml>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021. O mesmo vale para a intenção da FIFA em realizar a Copa do Mundo a cada dois anos. Hoje, o torneio acontece de quatro em quatro anos. FIFA e associações nacionais de futebol voltam a discutir Copa do Mundo a cada dois anos. **GE**, Rio de Janeiro, 20 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-e-associacoes-nacionais-de-futebol-voltam-a-discutir-copa-do-mundo-a-cada-dois-anos.ghtml>>. Acesso em: 3 de jan. de 2022.

Consecutivamente, Giulianotti (2010) aponta que as entidades que governam o futebol trabalharam em favor do rompimento das fronteiras nacionais, em consonância com a lógica de disseminação das transmissões televisivas dos jogos. No passado, a UEFA possuía uma diretriz que outorgava para as associações nacionais de futebol a decisão de quantas partidas das ligas de outros países poderiam ser transmitidas em seu território. Entretanto, em decorrência da desregulamentação governamental dos meios de comunicação, essa norma falhou e jogos de outras nações puderam ser veiculados concomitantemente aos jogos que aconteciam no país. Ou seja, não havia um favorecimento para a comercialização do produto nacional, o que indica uma mudança na ordem comercial da indústria do futebol, que passou a atuar em âmbito global. Outros elementos que reforçaram esse processo foram a definição de “campos neutros” para a realização de finais dos torneios europeus e a permissão para que países se unissem em uma mesma candidatura para sediar competições internacionais da UEFA.

Nesse sentido, a mercantilização dos clubes europeus é um desdobramento do novo modelo econômico do modo de produção capitalista. Além dos ganhos financeiros angariados com a venda dos direitos de transmissão, a popularização do futebol despertou o interesse econômico dos mercados financeiros, o que transformou a indústria do futebol:

O “cenário financeiro” internacional estimula positivamente os clubes continentais a explorar suas possibilidades de investimento em outros mercados de ações. [...] Os estatutos legais dos clubes alemães foram estruturados com o objetivo de facilitar a capitalização. No mínimo seis grandes clubes italianos passaram por austeridade financeira para satisfazer as exigências legais antes do investimento público. (GIULIANOTTI, 2010, p. 132).

No início da era do futebol “moderno”, em seu arranjo ainda “tradicional”, os clubes se transformaram em companhias privadas, em que os membros de sua direção também eram proprietários dos clubes, ao deterem uma parte significativa das ações do time. Com a modernização do futebol e sua integração aos pressupostos da gestão econômica capitalista, houve a divisão entre “controle” e “propriedade” na estrutura administrativa das equipes, mesmo que ainda tenha existido uma tensão entre o modelo “familiar” e a profissionalização da gestão das entidades esportivas. Com as novas mudanças na economia política do “futebol moderno”, que possibilitaram aos clubes atuarem como agentes econômicos globais, aconteceu uma valorização das ações dos clubes no mercado financeiro, promovendo as condições favoráveis para que instituições de outros negócios investissem na capitalização dos times de futebol. Consecutivamente, ascensão do capitalismo financeiro foi fundamental para que esse fenômeno se concretizasse.

Segundo Giulianotti (2010), outro aspecto relevante que provocou mudanças na indústria do futebol está na inserção da classe média consumidora em circuitos do clubismo

redimensionados em escala global, provocando o fenômeno da lealdade flexível dos torcedores com os clubes de futebol. Uma consequência da oposição cultural, produzida pela globalização, entre o “local” e o “cosmopolita”:

De modo geral, o aspecto da cultura de classe dessa torcida pós-moderna é satisfatoriamente condensado pela oposição entre “local” e o “cosmopolita” de Hannerz (1990). As classes operárias e as classes médias baixas são ligadas às práticas culturais e identidades (inclusive o time de futebol da comunidade) “locais”. As classes médias e as altas tendem a ser mais móveis, geográfica e intelectualmente, e mais “cosmopolitas” em seus compromissos, sustentando um interesse em times de futebol grandes, mas movendo para outros lados (ou esportes) quando convém. (GIULIANOTTI, 2010, p. 139).

Com isso, a flexibilização da fidelidade dos torcedores possui um componente de classe, tendo em vista que o acesso aos jogos dos times globais depende da capacidade consumidora dos indivíduos em adquirirem, como produto, a transmissão dessas partidas. Com efeito, essa seria mais uma forma de excluir as camadas populares do mundo do futebol. Entretanto, no mundo contemporâneo, pode-se dizer que esse argumento precisa ser relativizado, considerando que, a popularização da internet e das redes sociais digitais, mesmo que não representem qualquer coisa parecida com uma busca por “justiça social” para os amantes do futebol excluídos socialmente, ainda assim, permitem um novo meio de identificação com os esquadrões transnacionais, o que, ao menos, dilui os componentes classistas. Sobre esse processo, vale retomar a história narrada e as reflexões de Toledo (2014) sobre Carlinhos, seu amigo de infância que, com sua relação clubística, proclamava as novas mudanças sociais em curso no “futebol moderno”:

Somada às posses de família, que já o contrastava com quase todos os demais, Carlinhos cultivava ainda a estranha mania de colecionar camisas de outros times. Quando era convocado a jogar naquelas peladas mais esvaziadas numa das praças da cidade, já o esperávamos com certa ansiedade e expectativa em frente ao amplo portão de sua casa para constatar qual camisa ostentaria, que fardamento vestiria para a ocasião. Às vezes vinha com uma inusitada camisa de um Guarani que despontava e começava a chamar a nossa atenção (o futebol interiorano paulista era muito competitivo), outras vezes uma do longínquo time do Bahia, linda porque misturava cores que pareciam exóticas aos nossos olhos tricolores, esverdeadas, enegrecidos e acinzentados. Outras vezes ainda exagerava e vinha de cruzeirense, atleticano e, para escandalizar e colocar todos à prova e também instaurar o perigo no seio das nossas próprias certezas, firmadas coletivamente, é bom que sempre se diga, vestia-se de corinthiano, subvertendo o sistema classificatório, como se blasfemasse sobre nossos nomes e nossas coerências psíquicas. Um palmeirense de corinthiano. [...] Muitos de nós agora somos Carlinhos errantes por aí a exhibir camisas de clubes de quase todo o mundo. Mas não chegamos a tanto, uma vez que é mais raro um torcedor X ostentar camisetas Y de times próximos e contrários. De qualquer modo, cabem-nos tantas outras sem qualquer restrição a marcas, cores, símbolos mais distantes de nosso cotidiano. Nossas identidades foram espalhadas pelo mundo numa outra configuração e num outro gradiente de torcer. (TOLEDO, 2014, p. 311 - 312)

No mais, de acordo com Giulianotti (2010), o “caso Bosman”<sup>15</sup>, que permitiu a livre-circulação profissional de jogadores de futebol nascidos em países da União Europeia em outras nações signatárias, também provocou mudanças profundas na economia política da indústria do futebol. Em primeiro lugar, promoveu um novo padrão migratório de trabalho para os atletas profissionais. Além disso, desequilibrou ainda mais a correlação de forças entre equipes de futebol, em favor dos times mais ricos, que puderam explorar a contratação de jogadores melhores em um mercado de transferências com limites redesenhados. Desse modo, os clubes inseridos na dinâmica global da mercantilização do futebol, o que proporcionou uma maximização na arrecadação de recursos, também começaram a atuar como agentes globais na contratação de futebolistas para a formação de seus elencos. Por fim, com a ampliação da competição no mercado de transferência de atletas, o salário dos jogadores cresceu exponencialmente – mesmo que desigualdades sociais severas continuassem (e continuem) persistindo em comparação com os rendimentos dos atletas que atuavam (e atuam) em divisões inferiores das ligas nacionais. Como consequência, surgiram propostas para tentar regulamentar a nova bolha inflacionário do futebol, como a reintrodução do teto salarial ou a divisão mais igualitária da renda de bilheteria entre os clubes envolvidos em uma partida – o que favoreceria economicamente as equipes menores quando enfrentassem as potências globais que estavam se formando. Contudo, nenhuma dessas medidas foi adotada, tendo em vista que a evolução das equipes mais ricas sempre esteve pautada em perpetuar a desigualdade econômica entre clubes, o que se acentuou na nova economia política globalizada da indústria do futebol.

Com isso, em decorrência da nova dinâmica competitiva do mercado de transferências de jogadores de futebol, os clubes começaram a firmar contratos de longo prazo com os atletas para conter a volatilidade do mercado. Do mesmo modo, os principais clubes do futebol europeu provocaram o fenômeno do “acúmulo flexível”, ao contratar jogadores para sanarem demandas imediatas das equipes, com contratos de curta duração. Além disso, já que a arrecadação de recursos financeiros foi maximizada e as oportunidades de mercado para a contratação de futebolistas foi alargada, equipes relevantes do futebol europeu deixaram de investir em suas categorias de base e na formação de jovens jogadores. Clubes menores, que tradicionalmente

---

<sup>15</sup> “Bosman declarou que as regulamentações das transferências europeias contrariavam o artigo 48 do Tratado de Roma, que garantia a liberdade de movimento a todos os trabalhadores europeus contra qualquer discriminação baseada na nacionalidade. A Corte lhe foi favorável. Alegou também que a “regra 3+2” da Uefa para o jogador estrangeiro era ilegal. A Uefa não teve outra opção senão abandonar a “regra 3+2” e todas as regulamentações existentes sobre a transferência internacional dos jogadores da União Europeia que estavam sem contrato. Os princípios do livre-mercado de Bosman foram logo aplicados às transferências dos jogadores das nações da União Europeia. Na verdade, algumas associações de futebol já trabalhavam com essa estrutura há muito tempo” (GIULIANOTTI, 2010. p. 159).

formavam atletas para serem negociados com as principais equipes de seu país, foram impactados negativamente, em decorrência da concorrência de times de outras nações europeias e de outros continentes, que aproveitaram a nova regulamentação para estrangeiros no futebol europeu para potencializar seus ganhos econômicos com a venda de jogadores.

Em relação ao processo de mercantilização do futebol, mesmo que o patrocínio e a publicidade não sejam um fato exatamente novo na indústria do jogo, surge uma nova mediação que se relaciona com a globalização econômica e com o surgimento da ideologia neoliberal. Giulianotti (2010) nos conta que, na “modernidade inicial” do futebol, os jogadores foram identificados como heróis, em consonância com o universo simbólico do nacionalismo, enquanto figuras que personificavam valores representativos para um determinado país ou grupo social – mesmo que seja necessário ponderar que o pertencimento ao clube frequentemente foi superior à nação. Com a mercantilização da cultura popular, o herói deixa a cena pública para o nascimento da celebridade, que não é glorificada por um caráter atribuído em função de sua representação simbólica para uma comunidade, mas pela construção de sua autoimagem, ao sintetizar uma determinada moralidade individual, que é instrumentalizada para justificar ideologicamente os valores culturais hegemônicos do neoliberalismo. Portanto, com a mercantilização da cultura popular, o futebol foi incorporado à lógica do espetáculo e do entretenimento, tornando-se mais um produto da indústria cultural. Aliado a isso, com a globalização, há um enfraquecimento dos valores nacionais em função de uma mudança social que coloca a centralidade na figura do indivíduo e na realização de si mesmo. Com isso, há desenvolvimento de uma determinada formação ideológica (“ilusão cultural”) que envolve as celebridades, como objetivo oferecer mensagens dúbias, ao apresentar uma trajetória de superação a ascensão pessoal, ao mesmo tempo que eleva as conquistas individuais ao patamar de feitos extraordinários. Como dizem Cavalcante e Nicolau Netto (2020):

Por certo ângulo, a narrativa de história pessoal de superação e sucesso é tão antiga quanto o próprio capitalismo. A consideração crítica a esse respeito já é conhecida: são histórias como essa que fazem com que milhares de jovens continuem se esforçando e apostando no sucesso a despeito das chances diminutas de obtenção e um lugar destacado no mercado. São *cases* como esse que impulsionam propostas de empresários a diamantes que, em sua maioria, continuarão brutos e irão incorporar as fileiras do trabalho duro em outras atividades ao longo da vida. (CAVALCANTE E NICOLAU NETTO, 2020, p. 249).

Assim, cria-se uma mitologia individual em que, qualquer sujeito, através de sua singularidade, empenho, dedicação e mérito, poderia alcançar o estrelato, ao mesmo tempo que valoriza a figura do indivíduo, justificando que é através da ação individual performática que se alcança feitos extraordinários. Ou seja, assim como a economia globalizada alterou objetivamente a correlação de forças entre o capitalismo e o Estado-nação, ao impedir que a política nacional

controlasse os movimentos do capital, a ideologia neoliberal elabora narrativas que celebram indivíduos que agem como empresários de si mesmo, em detrimento da partilha de símbolos comuns que representem as nações, as comunidades e outros grupos sociais.

Dessa maneira, diferentemente dos heróis, que são consagrados por representarem valores comuns, as celebridades correm permanentemente o risco de perderem o *status* adquirido ao terem sua vida privada exposta, o que é funcional, do ponto de vista ideológico, considerando a lógica concorrencial do modo de produção capitalista e processo de atomização dos indivíduos. Nesse sentido, Giulianotti (2010) diz que os jogadores de futebol são um recurso precário e indefinido para a indústria publicitária, considerando que uma temporada ruim, uma contusão ou a ausência em alguma competição esportiva relevante podem limitar sua influência sobre outros segmentos da sociedade, diminuindo seu impacto em relação ao comportamento dos consumidores. No mais, considerando a mercantilização de sua imagem, os atletas devem gerenciar sua representação pública em um tenso equilíbrio entre um perfil carismático e a retidão moral. Por isso, episódios que envolvem o consumo de bebidas alcoólicas, brigas, sexo etc. podem impactar negativamente em sua reputação. Por outro lado, se esses mesmos jogadores não possuírem qualquer vínculo com o que é popularmente alcunhado como “vida noturna”, passam a ser considerados figuras “entediantes”, o que também os torna pouco atrativos para a indústria publicitária, por não expressarem uma personalidade despojada. Como apontam Cavalcante e Nicolau Netto (2010), esse processo se radicaliza com a conversão dos jogadores de futebol em marcas, em decorrência da mercantilização da própria imagem. Em contrapartida, a figura do gênio indomável, contraditório, que denuncia a hipocrisia das autoridades, ao mesmo tempo que não escamoteia sua humanidade, é considerada uma figura desviante e corre o risco de ser progressivamente excluída na nova fase do “futebol moderno”. Assim,

Cada vez mais há menos probabilidade de que os maiores craques contemporâneos despertem esse sentimento localizado de perda quando morrerem. O estrelato, o sistema de transferência e o envolvimento da mídia servem para desarraigar os jogadores, transformando-os em símbolos internacionais, que compartilham uma subcultura ocupacional com outras celebridades transnacionais. No âmbito nacional e internacional, certamente sua morte será lamentada. Mas não será um lamento pelo indivíduo heroico e pela era que o fez. Em vez disso, o público lamentará a morte de uma simulação, o fim de uma vida televisual, como ocorreu em uma escala mais grandiosa com a morte da princesa Diana em agosto de 1997. (GIULIANOTTI, 2010, p. 163 – 164).

Com isso, em relação aos desdobramentos do processo de mercadorização do futebol, Cavalcante e Nicolau Netto (2020) argumentam que:

Vamos analisar como marca principal desse espírito o processo de mercadorização, que aqui pode ser entendido como a tendência a transformar elementos de determinado fenômeno em algo que adquira um preço em certo mercado, entrando

assim em um sistema de circulação. Ao usar esse conceito para analisar o futebol, não estamos afirmando que a prática esportiva possa ser reduzida e ele; nem tudo no futebol se tornou ou tem se tornado mercadoria. Ao mesmo tempo, contudo, afirmamos que esse processo se torna cada vez mais extenso e intenso no futebol. Mais extenso, porque se buscam cada vez mais elementos dessa prática. Mais intenso, porque o processo de mercadorização se intensifica em cada elemento. Vamos pegar um exemplo para sair do abstrato: a paixão do torcedor. Esta nunca será reduzida a uma mercadoria; o torcedor nunca será meramente um consumidor, tal qual um comprador de um sapato que pode usufruir simultaneamente de várias marcas. Contudo, é fato que tal paixão sofre hoje um processo de mercadorização, o que ocorre no sistema de sócio-torcedor, na venda de produto dos times etc. (CAVALCANTE E NICOLAU NETTO, 2020, p. 233)

Com isso, observar as vivências dos torcedores se faz relevante porque, por um lado, demonstra que futebol, enquanto fenômeno social e cultural, não pode ser resumido à lógica de mercado dominante, mas, por outro lado, também demonstra como o processo de mercadorização do jogo transformou a própria experiência social dos torcedores, que já havia sido impactada pela mercantilização da cultura popular. Nesse sentido, é necessário analisar as transformações promovidas nos estádios do futebol, com o objetivo de adequar o espaço para reconfigurações produzidas pela nova economia política da indústria do futebol.

Segundo Campos (2014), as narrativas produzidas pela arquitetura elaboram significados que são construídos social e historicamente e que se transformam ao longo do tempo em função das mudanças nas relações sociais. Desse modo, as obras arquitetônicas se convertem em lugar quando uma construção no espaço recebe um significado simbólico que expressa um determinado sistema de valores e poder. Portanto, a arquitetura só é um lugar a partir dos sentidos que são produzidos socialmente. Com isso, faz-se necessário lembrar a função social da arquitetura e as representações de poder de suas edificações, para compreender a valorização de um padrão de arquitetura funcional, utilitária e pragmática, que cria espaços “dóceis e assépticos”<sup>16</sup> de controle e vigilância em meio à violência urbana. Ou seja, analisar as mudanças sociais que suscitaram o surgimento de uma padronização dos espaços enquanto locais de vigilância e controle, pretensamente esvaziados de “vieses”.

Nesse sentido, Campos (2014) argumenta que os estádios de futebol estão entre os principais monumentos da sociedade lúdica e competitiva. Assim, mostra-se importante investigar qual é o papel dos estádios na configuração da atual ordem social e quais são os discursos de poder que ele mobiliza. “Dito de outra forma, identificar e dimensionar os discursos de poder celebrados pelos estádios” (CAMPOS, 2014, p. 350). Portanto, se há uma

---

<sup>16</sup> CAMPOS, F. “Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o conforto” In: Futebol Objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014. p. 350.

função social da arquitetura e suas representações de poder, faz-se fundamental entender qual é o papel dos estádios nesse processo.

No início, nos conta Campos (2014), os estádios não eram pensados em uma perspectiva arquitetônica de integração urbana, apesar da inserção do futebol na nova cultura urbana da modernidade. Na “modernidade inicial” do jogo, os projetos eram frequentemente descontinuados e desconfigurados, com a troca dos arquitetos do projeto e outras mudanças decididas monocraticamente pelos clubes. Com a ascensão de uma nova economia política da indústria do futebol, as relações de mercado também transformam o espaço dos estádios – e, consecutivamente, a sua constituição enquanto lugar – e promoveram mudanças nos modos de torcer:

Tais pressupostos são evidentes nos projetos de reformulação de estádios existentes e na construção de novas praças futebolísticas. Melhor dizer: arenas multifuncionais com poltronas confortáveis, elevadores, lojas de conveniência, praça de alimentação e versatilidade para sediar grandes shows de natureza diversas. Diminuição da capacidade de público, elevação dos preços dos ingressos, valorização de espaços privados (camarotes, setores vip, tribunas), setorização vinculada a patrocinadores (especialmente cartões de crédito e suas subdivisões, também definidas em razão do poder aquisitivo: *plus, platinum, infinite...*) são exemplos conhecidos por todos aqueles que acompanham o futebol nos dias de hoje. E que implicam em reconfigurações profundas nos modos de torcer. (CAMPOS, 2014, p. 356)

Dessa maneira, modernização dos estádios obedece a duas “ordens”, segundo Campos (2014): a primeira, abordando especificamente sobre o processo brasileiro – mas que pode ser pensada também para a realização de outros megaeventos em países periféricos – se dá através da organização do Copa do Mundo no Brasil em 2014, em que o país buscava provar a civilidade do seu povo, demonstrando um comportamento adequado que não constrangesse o orgulho nacional e mostrasse a capacidade da nossa população em se “comportar” como os povos dos países desenvolvidos. Nesse sentido, “a construção das arenas modernas e o escamoteamento da miséria e da violência urbana obedecem à mesma lógica municipal de quem inaugura um chafariz” (CAMPOS, 2014, p. 356), indicando que se trata de uma compreensão de urbanização que ignora as contradições sociais em nome da afirmação de determinados valores modernos.

Sobre esse fenômeno, Toledo (2014) argumenta que a rua é o espaço das essencializações simbólicas que permitem a formação de um gosto coletivo pelo futebol. Desse modo, o futebol é de domínio público e qualquer mudança social no espaço público, consecutivamente, impacta os modos de torcer.

A segunda, corresponde à violência das torcidas e uma adequação ao Relatório Taylor<sup>17</sup> elaborado pelo Reino Unido, ao definir diretrizes para a segurança nos estádios, como uma resposta para as tragédias vividas no país protagonizadas pelo *hooliganismo*<sup>18</sup>, definindo diretrizes para a segurança nos estádios, “ao recomendar que os estádios tivessem assentos para todos os torcedores, possuísem áreas de escape e de acesso aos lugares sem obstruções, e que fossem proibidas as arquibancadas de madeira e venda de bebidas alcoólica” (CAMPOS, 2014, p. 357), abolindo os *standing terraces*<sup>19</sup>. Ou seja, uma determinada forma de “incivilidade” britânica precisou ser contida, o que serviu como justificativa para impedir a manifestação das contradições sociais dentro do espaço dos estádios de futebol.

Com isso, Campos (2014) diz que a modernização dos estádios seguiu parâmetros básicos de uma arquitetura funcional e esteticamente agradável, que transformou conforto, segurança e rentabilidade em axiomas, justificados pelas condições precárias dos estádios, pelo avanço tecnológico – baseados em princípios tecnocratas – e pela violência das torcidas – que, no Brasil, por exemplo, aumentou no final de década de 80 para o início dos anos 90. Nesse sentido, faz-se necessário pensar o paralelo que há entre a violência das torcidas e a segurança pública, com o desenvolvimento de um “Estado penal” no mundo do futebol. Assim, a modernização excludente e a vigilância tecnológica são colocadas como solução ou punição para os torcedores infratores, violentos ou transgressores, a partir de uma ideia de segurança que têm, com o objetivo final, a construção de lugares seguros para o consumo. Dessa maneira, enquanto lugar, o estádio de futebol acaba tendo seu significado transformado pela sociedade de consumo. A lógica de consumo invade a experiência do torcedor e modifica os modos de torcer:

Se a eficácia das soluções é questionável, os efeitos e afetos provocados pelo discurso são extremamente convincentes em fortalecer práticas sociais que envolvem a sofisticação dos espaços públicos, práticas de exclusão e a transformação dos estádios em intensos lugares de consumo e a passagem do torcedor à condição de espectador/consumidor, o que é atestado pelo Estatuto do Torcedor de 2003. A linguagem arquitetônica que privilegia o adorno e o conforto encontra-se assim em sintonia com tais perspectivas. Vale lembrar, o espaço não expressa a liberdade ou a repressão, mas condiciona práticas sociais que as determinam. (CAMPOS, 2014, p. 358)

---

<sup>17</sup> O relatório surge, depois da tragédia de Hillsborough, que ocorreu no dia 15 de abril de 1989, em uma partida entre Liverpool e Nottingham Forrest, na Inglaterra, em que torcedores morreram ou ficaram feridos em um episódio marcado pela superlotação do estádio Hillsborough. RELATÓRIO Taylor: a revolução no futebol inglês em forma de escrita. **Premier League Brasil**. 29 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://premierleaguebrasil.com.br/relatorio-taylor-futebol-ingles/>>. Acesso em: 5. de jan. de 2022.

<sup>18</sup> Membros de torcidas organizadas da Inglaterra que eram associadas ao comportamento violento.

<sup>19</sup> “Torcedores oriundos de camadas subalternas que assistiam às partidas em pé, próximos aos alambrados do campo” (CAMPOS, 2014, p. 357).

Nesse sentido, a modernização excludente, em nome do conforto e da segurança, promove uma higienização social do futebol: saem os pontos cegos dos estádios e entram os pontos cegos sociais. Ou seja,

Em nome do conforto e da segurança, implementa-se uma verdadeira higienização social do futebol. A subtração dos setores subalternos constitui-se numa peculiar substituição técnico-social: trocam-se os pontos cegos dos estádios – aqueles lugares dos quais a visão de determinadas partes do campo é prejudicada ou impossibilitada – por pontos cegos sociais – segmentos da sociedade que não devem mais ser vistos entre torcedores (CAMPOS, 2014, p. 359).

Dessa forma, aponta Campos (2014), em relação ao caso brasileiro, que as torcidas organizadas, responsabilizadas pela violência nos estádios, ainda resistem, principalmente, porque são úteis para a ideologia da modernização excludente, ilustrando o atraso que deve ser superado, a violência que deve ser enfrentada, a heresia que serve à ortodoxia, a desordem que serve à normalização – evidentemente, essa perspectiva não ignora que a violência nos estádios é um problema social real que carece de solução. Sob o véu tecnicista, ilusoriamente desprovido de conteúdo ideológico, racional e moderno em si mesmo, “cujo discurso se oferece pretensamente desprovido de referências ideológicas e que se sustenta no desenvolvimento de novas tecnologias, da racionalização, da modernização, da garantia de segurança e outros elementos correlatos” (CAMPOS, 2014, p. 350), justifica-se a negação das contradições sociais, que serve como narrativa ideológica para a exclusão social das classes populares, que são afastadas do ambiente do futebol, principalmente, porque se tornam irrelevantes economicamente para a nova economia política da indústria do “futebol moderno”.

Como argumenta Holanda (2014), na busca dos clubes em readequarem suas receitas para serem competitivos economicamente na nova ordem comercial do jogo, o interesse maior está em atrair indivíduos que consumam os produtos ofertados nos estádios durante os eventos esportivos, potencializando sua arrecadação para além da quantidade de pessoas que compram os ingressos para acompanharem os jogos. Em alguma medida, há um aspecto de gentrificação que se faz presente nesse processo, ao promover a elitização dos espaços públicos e sua instrumentalização pela iniciativa privada:

O tipo ideal do torcedor também pode ser associado a outras plateias esportivas, como o tênis, mais preocupadas com o aplauso e a fruição estética das jogadas de efeito do que com a emulação da vitória, quesito gerador, como se supõe, de rixas e dissensões. O panorama atual do futebol brasileiro e da Copa do Mundo de 2014 se situa, portanto, no mesmo horizonte das transformações contemporâneas do mundo esportivo, com a conversão do torcedor em potencial consumidor. A gentrificação é um fenômeno observado em diversos espaços públicos nas últimas décadas, na esteira neoliberal que atingiu a América Latina dos anos 1990. (HOLLANDA, 2014, p. 344)

Como consequência, Toledo (2014) argumenta que há um processo de exclusão simbólica das práticas de torcer, em nome de um racionalismo individualista e asséptico. Ou seja, a

equivalência entre torcedor e consumidor que indica, por óbvio, uma ascendência da lógica de mercado sobre uma esfera da vida, tende a reduzir a experiência complexa do que é ser torcedor. Tudo isso acontece em um processo que retira a rua, o espaço público e a experiência coletivizada de torcer. Com isso, assim como há uma sobreposição da globalização econômica em relação ao Estado-nação, da atomização social em relação ao compartilhamento de sentidos comuns em comunidades e grupos sociais, existe também uma subjugação do espaço público pelo espaço privado. Esses são os fenômenos que fundamentam o surgimento da nova economia política do “futebol moderno”.

### 1.3. “ÓDIO ETERNO AO FUTEBOL MODERNO”

Dessa maneira, em decorrência das mudanças sociais que aconteceram no “futebol moderno”, a mercantilização do futebol, produzida pelo processo de globalização e ascensão da ideologia neoliberal, tornou-se alvo de crítica por parte dos apaixonados por futebol. Segundo Hollanda e Lopes (2018), o conceito de “futebol moderno”, em seu uso popular, adotado, principalmente, pelas torcidas organizadas<sup>20</sup>, ganhou um novo sentido, ao caracterizar, especificamente, a hipermercantilização jogo que transformou a experiência social dos torcedores. Com isso, há um paradoxo conceitual no que se refere ao “futebol moderno”, em relação ao significado crítico empenhado pelas torcidas e o percurso histórico de modernização dos passatempos e lazeres esportivos anteriores à modernidade. Em alguma medida, ao “futebol moderno” é atribuído um sentido propriamente político, que apontaria para as mudanças sociais que teriam transformado o que podemos nomear como “futebol tradicional”.

A crítica política ao “futebol moderno” expressa, de acordo com Hollanda e Lopes (2018), uma tensão entre a “cultura tradicional” do jogo, que se vincula com a integração do futebol na nova cultura urbana da modernidade, antes da conversão dos torcedores em consumidores e das novas dinâmicas econômicas que mudaram as mediações nas relações entre torcida e clube, e a nova economia política da indústria do “futebol moderno”, que opera em função da mercantilização da cultura popular. Os estádios se tornam pontos de encontro dessa tensão, através do fenômeno da “arenização”, que promoveria a elitização social dos estádios, corrompendo um determinado modo de torcer e destruindo a “verdadeira paixão pelo futebol”. As novas arenas multiusos são lugares construídos para atender às demandas da sociedade de

---

<sup>20</sup> O conceito de “futebol moderno”, usado para qualificar uma crítica a determinadas mudanças que aconteceram no mundo futebol, foi empregado pela primeira vez por torcedores da Roma em um site não oficial do clube. SEI tu che scegli com chi stare: contro il calcio moderno... sostieni la tua squadra local”. **AsRomaUltras**. 1999. Disponível em: <<http://www.asromaultras.org/manifesto.html>>. Acesso em: 29 de jul. 2021.

consumo, ofertando uma variedade de produtos em suas dependências e priorizando indivíduos com alta capacidade de consumo em detrimento de torcedores vinculados afetivamente com as equipes. Além disso, na maioria das novas arenas, existem dispositivos tecnológicos, como telões, que proporcionam uma nova experiência social para quem frequenta os estádios, com o objetivo de reproduzir o que se acompanha nas transmissões televisas e oferecer o mesmo conforto, para os consumidores, que eles vivenciariam se estivessem nos sofás de suas casas. Ou seja, trata-se de um processo de produção social do olhar. Com isso,

As novas praças esportivas têm dispositivos tecnológicos capazes de permitir que o torcedor acompanhe as partidas como se estivesse no sofá de sua casa. Gigantescos telões, por exemplo, mostram em detalhes a partida e as manifestações da torcida. Durante o intervalo, o antes e depois do jogo, inspirado no *business*, nos *talks shows* e no *entertainment* consagrados pelos espetáculos esportivos norte-americanos, as telas das arenas repetem, de diversos ângulos, os principais lances. (HOLLANDA E LOPES, 2018, p. 214)

Assim, com a mercantilização do futebol e sua absorção pela lógica do espetáculo e da indústria do entretenimento, houve uma exclusão da atmosfera festiva e passional das arquibancadas, do mesmo modo que os laços tradicionais, majoritariamente locais e comunitários com os clubes de futebol, também foram comprometidos. Por isso, a oposição política ao “futebol moderno” anuncia uma disputa simbólica pelo “significado do torcer”<sup>21</sup>, pela crítica efetuada aos que seriam os frequentadores das novas arenas, caracterizados como espectadores passivos, que não passariam de meros clientes ou consumidores, desengajados no ato de torcer – fidelização comercial dos torcedores, presente nos programas de “sócio-torcedor” dos clubes, é reprovada por esse mesmo princípio. Ilustra-se esse embate cultural, por exemplo, entre os indivíduos que querem acompanhar ao jogo sentados “civilizadamente” nas arenas e os torcedores que optam por ficar em pé, para cantar, pular e manifestar, de maneira catártica, o seu modo de torcer.

Com isso, a crítica política feita ao “futebol moderno” está baseada na defesa de garantia do acesso aos eventos esportivos para toda a sociedade. Contudo, não devemos ignorar as contradições e complexidades dos movimentos que enfrentam politicamente o “futebol moderno”. Como nos contou Hollanda e Lopes (2018), parte desses grupos reificam estereótipos de gênero e práticas homofóbicas:

Nesse contexto de valorização acentuada de uma “masculinidade agressiva”, norteador por um “*ethos* guerreiro”, há, evidentemente, muito pouco espaço para a manifestação de outras masculinidades e feminilidades. Não parece, portanto, ser sem razão o fato de os conflitos violentos no futebol não ser objeto das críticas ao “futebol moderno”. Assim, mesmo dentro de um movimento que tem pautas progressistas, como o das organizadas, o futebol ainda é, como diria Eric Dunning (2014), um domínio masculino. Mais exatamente, um esporte feito por homens e para homens. Mas não

---

<sup>21</sup> “A redução do novo torcedor a imagens caricaturais é parte constitutiva das “disputas simbólicas” pelo significado do torcer (Toledo, 1999)” (apud HOLLANDA E LOPES, 2014, p. 208).

quaisquer homens, pois eles têm de ser heterossexuais, capazes e dispostos de provar sua virilidade para os demais. (p. 228 – 229).

Por essa razão, mesmo que exista uma defesa por um futebol mais popular, não é raro vermos torcedores críticos ao “futebol moderno” identificados com pautas e grupos de extrema-direita.

Sobre a exclusão das camadas populares das arquibancadas dos estádios, como consequência da elitização social promovida pelo fenômeno da “arenização”, Giulianotti (2010) nos conta que a lógica da economia capitalista, que organiza a distribuição das transmissões esportivas, sobretudo, com a criação e desenvolvimento das emissoras de televisão por assinatura e do *pay-per-view*, também limitam a aquisição de jogos de futebol por parte da população mais pobre. Assim sendo, pode-se dizer que, se a “arenização” busca reproduzir o conforto do sofá nas arquibancadas do estádio, por outro lado, uma parcela significativa dos torcedores não possui o poder de consumo necessário para assistir aos jogos, nem nos estádios, nem em suas próprias casas, quando as partidas não são transmitidas pelos canais de televisão com sinal aberto e de domínio público.

Nesse sentido, segundo Giulianotti (2010), os detentores dos direitos de transmissão também influenciam diretamente no calendário esportivo das competições, definindo o horário, o dia dos jogos e a realização fragmentada das partidas, em função de seus interesses comerciais, o que, consecutivamente, condiciona as circunstâncias de acesso aos jogos nos estádios. Ou seja, a experiência torcedora nas arquibancadas é condicionada pelos ganhos econômicos das emissoras de televisão, o que representa uma outra forma de subordinação à mercantilização da cultura popular. Outro aspecto, é a influência das transmissões esportivas no processo de identificação dos indivíduos com os clubes de futebol. Seguindo a lógica da globalização econômica, que prioriza veiculação dos principais times nacionais ou de equipes que se tornaram marcas globais, as emissoras de televisão atingem a base social de torcedores de clubes menores, já impactada pelo enfraquecimento dos vínculos comunitários provocado pelo processo de globalização:

E o que é mais sério, argumenta-se que a televisão acelerará a transformação dos torcedores de “membros” do clube para “consumidores” (Cricher, 1971, p. 116-117). O novo espectador pode escolher “fazer comparação entre preços” no supermercado do futebol para descobrir o time com as melhores características (Alt, 1983, p. 100). A base do torcedor de pequenos clubes de futebol será irrevogavelmente corroída. Os clubes da segunda ou terceira divisão desaparecerão da mesma maneira que o dialeto ou o sotaque da localidade. A próxima geração de torcedores de futebol desarraigados pode chegar a praticar formas de linguagem e de torcida sem referências locais, fomentadas pela cobertura espetacular dos times principais pela TV. (GIULIANOTTI, 2010, p. 126)

Dessa maneira, a nova economia política da indústria do “futebol moderno” tende à concentração de renda em favor dos clubes mais bem posicionados na economia global do jogo,

o que ameaça o equilíbrio competitivo do futebol, a “incerteza do resultado”<sup>22</sup>, ao transformar determinadas equipes em monopólios de talentos, por poderem contratar e arcar com os salários dos jogadores mais qualificados. Além disso, considerando os novos parâmetros de performance do “futebol moderno”, que demandam das entidades esportivas investimentos infraestruturais em centros de treinamento, assim como a aquisição de novos recursos tecnológicos para a avaliação de jogadores, a desigualdade econômica se torna um obstáculo desportivo objetivo para os clubes menores, para além da formação de seus elencos. Com isso, levando em conta que a capacidade competitiva de um time está diretamente relacionada com seu potencial mercadológico e sua capacidade de arrecadar recursos, Hollanda e Lopes (2018) apontam que agremiações esportivas consideradas inviáveis financeiramente, acabam fundidas com outros clubes, sobrepondo suas respectivas histórias, tradições e identidades em nome de sua sustentabilidade financeira:

Para agravar a disparidade da situação, as desigualdades econômicas (e, por extensão, técnicas) entre as ligas nacionais e dentro delas têm crescido de maneira significativa. Além disso, como o foco dos clubes é cada vez mais ampliar seu potencial mercadológico, aquelas agremiações que não são consideradas viáveis do ponto de vista financeiro têm sido fundidas com seus rivais, passando por cima de sua história e de identidade de seus torcedores (Kennedy e Kennedy, 2012). É a partir desse cenário conflituoso e contraditório que uma série de movimentos de torcedores têm surgido na Europa e pelo mundo. (HOLLANDA E LOPES, 2014, p. 215)

Dessa forma, a crítica política ao “futebol moderno”, que perpassa a experiência torcedora nos estádios e fora dele, apontando para o enfraquecimento dos clubes de menor expressão, também alcança os desdobramentos que acabam por invadir o terreno das quatro linhas ao afetar, por exemplo, o equilíbrio competitivo do próprio futebol. Com isso, faz-se importante analisar como a nova economia política da indústria do “futebol moderno” condicionou mudanças culturais e sociais ao ponto de transformar como o próprio jogo de futebol é jogado.

---

<sup>22</sup> “Uma crítica relacionada é a ameaça feita pela televisão a uma das maiores atrações do futebol: “a incerteza do resultado”. O futebol profissional sempre tendeu economicamente em favor dos grandes clubes que têm condições de comprar e de pagar os melhores jogadores. Isso ficou ainda mais óbvio desde a abolição do velho “sistema de passe e de transferência. [...] A distribuição desigual dos pagamentos feitos pela televisão entre os clubes resulta em uma concentração ainda maior da riqueza financeira e do sucesso no futebol” (GIULIANOTTI, 2010, p. 126 – 127).

## 2. O FUTEBOL MODERNO ENTRA EM CAMPO

### 2.1. RANGNICK E A RACIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL

Ralf Rangnick, nascido em Backnang, na Alemanha, no dia 29 de junho de 1958, é um ex-jogador de futebol alemão, formado em educação física e que trabalhou como treinador e diretor esportivo em diferentes clubes do futebol europeu. Como atleta, Rangnick atuou, principalmente, por equipes de pouca relevância esportiva no futebol alemão. Como treinador, iniciou sua carreira na década de 80 e começou a se destacar no país germânico durante os anos 2000, em equipes como o Stuttgart, Hannover 96, Schalke 04 e TSG Hoffenheim. Em 2012, começou a desempenhar a função de diretor esportivo no RB Leipzig e RB Salzburg, times alemão e austríaco, respectivamente, que são propriedade da Red Bull, empresa multinacional de bebidas energéticas. Pelo RB Leipzig, entre 2015 e 2016 e 2018 e 2019, também exerceu a função de treinador. Em 2020, tornou-se diretor de relações institucionais dos clubes da Red Bull, participando também da gestão do RB Brasil e RB Bragantino, sediados no Brasil, e New York Red Bulls, dos Estados Unidos. Em seguida, tornou-se diretor esportivo do russo Lokomotiv Moscou. Entre 2021 e 2022 foi treinador e consultor esportivo do inglês Manchester United. Atualmente, comanda a seleção da Áustria.

A relevância de Rangnick está no fato de que trabalhou como treinador e diretor esportivo em clubes que operam a partir de um novo modelo de negócio, o que pode ser mais um indício de mudança na nova economia política da indústria do futebol e que vale verificar se produz novos desdobramentos na maneira como o futebol é jogado dentro de campo. A Red Bull atua em nível global, criando, adquirindo ou firmando parcerias com equipes de diferentes países. Os times que são gerenciados pela multinacional possuem uma identidade visual única, que reproduz o logotipo e as cores da Red Bull, incluindo uma mudança no nome da equipe, adicionando o prefixo “RB” ou outro modo designar o nome da empresa. Desse modo, quando a Red Bull gerencia um clube de futebol, as cores, o escudo e até mesmo seu nome são modificados, transformando radicalmente os elementos que conectavam a identidade da entidade esportiva com sua história pregressa. Além disso, como ex-jogador, treinador e diretor esportivo, Rangnick é alguém envolvido diretamente com a elaboração do jogo de futebol dentro das quatro linhas.

Com isso, a interação social que será analisada<sup>23</sup>, com o uso da hermenêutica objetiva, consiste em uma entrevista de Ralf Rangnick para o periódico espanhol *El País*, com o título “Alemania influye más por sus entrenadores que por sus futbolistas”<sup>24</sup>, em uma interação entre entrevistador e entrevistado, documentada em forma de texto e escrita em espanhol. A entrevista acontece quando Rangnick havia deixado sua função de diretor institucional dos clubes da Red Bull e não estava trabalhando em nenhum outro time. Posteriormente, esteve no Lokomotiv Moscou e Manchester United, antes de assumir o comando técnico da seleção austríaca.

El fundador del RB Leipzig, patriarca de la nueva escuela del fútbol alemán, reflexiona sobre los éxitos de Klopp, Flick, Nagelsmann y Tuchel en las últimas Champions. Las semifinales de la pasada edición de la Champions enfrentaron a tres entrenadores alemanes. Julian Nagelsmann con el Leipzig, Hans-Dieter Flick con el Bayern, y Thomas Tuchel con el PSG, formaron la última ola de una marejada que ya agitó Jürgen Klopp cuando levantó la copa con el Liverpool en 2019. La nueva escuela de fútbol de Alemania marca la tendencia en el máximo nivel. Su patriarca — reconocido por todos ellos— es Ralf Rangnick (Backnang, Alemania, 62 años).

A ideia de uma “nova escola”, formada por treinadores alemães, é um indício de um possível processo de mudança no futebol, o que pode ser entendido como uma corrente de pensamento inovadora ou um determinado processo pedagógico e/ou metodológico que teria influenciado o jogo em geral, produzindo algo que se distinguiria do que vinha sendo feito até então. Nesse sentido, o editor da matéria enfatiza que na edição da Liga dos Campeões da Europa, disputada entre 2019 e 2020, entre os clubes que chegaram até as semifinais, três deles eram treinados por técnicos alemães (Julian Nagelsmann, com o RB Leipzig, da Alemanha; Hans-Dieter Flick, com o Bayern de Munique, da Alemanha; Thomas Tuchel, com o Paris Saint-Germain, da França), do mesmo modo que, na edição anterior do torneio, o inglês Liverpool, comandando pelo alemão Jürgen Klopp, foi o vencedor do campeonato. Um fato que apontaria como a “nova escola” do futebol alemão marcou uma tendência no alto nível do futebol mundial. O patriarca dessa “nova escola” seria Ralf Rangnick.

**Pregunta.** Muchos directores deportivos y fondos de inversión que observan el fútbol como una fuente de ingresos consideran que usted es el estándar en el arte de generar valor económico de la nada y, al mismo tiempo, construir equipos muy competitivos. ¿Cuál es la clave para tener éxito en esta industria?

<sup>23</sup>Análise feita com o Dr. João Mauro G.V de Carvalho, Pedro Luís Panigassi, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara) e Talic Jaber Sleman, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – (UNESP/Araraquara).

<sup>24</sup> ALEMANIA influye más por sus entrenadores que por sus futbolistas. **El País**. Madrid, 19 de out. de 2020. Disponível em: <<https://elpais.com/deportes/2020-10-19/ralf-rangnick-alemania-influye-mas-por-sus-entrenadores-que-por-sus-futbolistas.html>>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

**Respuesta.** Cuando inicias un proyecto debes plantearte cinco pasos básicos. Lo primero es tener una idea clara de cómo debe ser tu estilo. ¿Cómo quieres que juegue tu equipo? En términos empresariales lo denominaría identidad corporativa. En el Hoffenheim y en el Leipzig acordamos definir claramente un estilo muy proactivo, sin importar que la pelota la tengamos nosotros o el rival. Los primeros entrenadores que hicimos una apuesta decidida por este fútbol en Alemania fuimos Klopp y yo.

Na pergunta, Rangnick é colocado como alguém que criou um paradigma na “arte” de gerar valor econômico “do nada” – o que pode indicar a capacidade de formar elencos com investimento baixo, mas com potencial para arrecadar cifras maiores em negociações futuras – , ao mesmo tempo que desenvolve equipes competitivas do ponto de vista desportivo, o que chama a atenção de diretores esportivos e fundos de investimentos interessados no futebol. Com isso, percebe-se que a questão feita pelo entrevistador está fundamentada em parâmetros econômicos. Perguntado sobre qual é a chave para ser exitoso na indústria do futebol, ele responde que todo projeto esportivo deve ser sustentado em cinco passos. O primeiro, é a formação da identidade corporativa (em termos empresariais) de um clube de futebol, o que, dentro de campo, apareceria através do estilo de jogo da equipe. Portanto, o caminho para potencializar a geração de valor econômico está diretamente relacionado com uma escolha a priori em relação à forma como um time vai praticar futebol, promovendo uma aproximação entre a cultura empresarial e a cultura esportiva, em que os ganhos financeiros e a maneira como uma equipe atua dentro de campo estão interligados.

**R.** El segundo paso es fichar jugadores jóvenes. El mercado es como una partida de póker, y bajo circunstancias normales los jugadores no están libres y si lo están hay que pagarles primas muy elevadas. Con jóvenes puedes recuperar la inversión, o aumentar su valor de mercado y obtener un rendimiento.

O segundo passo consiste na contratação de jovens jogadores. Ralf Rangnick estabelece uma comparação entre o mercado de transferências de atletas de futebol e uma partida de poker<sup>25</sup> e aponta que, em circunstâncias normais, os jogadores não estão livres para serem contratados e aqueles que estão, exigem que um investimento financeiro elevado seja feito para que o negócio se concretize. Por isso, contratar futebolistas mais novos amplia as chances de que a aplicação monetária realizada seja recuperada, ou que o valor de mercado do jogador cresça, gerando novos rendimentos financeiros para o clube. Desse modo, a busca por jogadores em idade precoce se justifica por razões econômicas, minimizando a probabilidade de que o clube perca o dinheiro investido – aqui está o paralelo com uma partida de poker, reduzindo o risco de que o valor apostado seja perdido. No mais, essa concepção pressupõe que os jogadores mais jovens sejam vistos como um produto – uma *commodity* –, que será negociado no futuro,

---

<sup>25</sup> Em um jogo de poker, todas as ações consistem em uma aposta que envolve um risco.

o que reforça a lógica econômica que baliza o novo paradigma desenvolvido por Rangnick e que, nesse caso, está diretamente relacionado com um cálculo de custo e benefício.

El tercer paso es contratar a los mejores técnicos, y por último dejar que los profesionales desarrollen al equipo. Si tienes éxito es una constelación ganadora para todos. Suena muy simple. Pero no lo es: debes ser fiel al plan incluso en tiempos de malos resultados. Por eso lo primordial es la identidad corporativa, y a partir de ahí construir el comportamiento corporativo, que se consigue contratando a la gente adecuada. Tan importante es fichar a los jugadores adecuados como no fichar a los que no te convienen y vender en el momento justo para regenerar al equipo, aunque te haya ido bien.

O terceiro passo consistiria na contratação dos melhores treinadores e, por fim<sup>26</sup>, outorgar a autonomia necessária para que esses profissionais desenvolvam a equipe. Nesse sentido, há uma valorização da profissionalização, compreendendo que determinadas competências técnicas específicas são necessárias para a evolução de um time de futebol e que esse trabalho deve ser conduzido exclusivamente por esses profissionais. Ao mesmo tempo, indica a posição estratégica dos treinadores de futebol nesse processo de maximização da geração de valor econômico para os clubes e formação equipes competitivas, já que a identidade corporativa do clube está ligada com o estilo de jogo, que depende do treinador para ser elaborada.

Em seguida, Rangnick pondera ao argumentar que essa planificação soa simples, mas não é, tendo em vista que se faz necessário que o clube seja fiel ao planejamento mesmo em momentos que os resultados esportivos forem ruins. Isso aponta que um eventual insucesso dentro de campo não deve ser considerado como o único elemento para indicar se o plano deve ser revisto, tendo em vista que o objetivo final do clube, delimitado dentro desse novo paradigma, deixou de ser, exclusivamente, a performance desportiva, já que o clube também é pensado primordialmente como uma empresa geradora de valor. Assim, Rangnick complementa dizendo que, para que o planejamento não seja traído em decorrência de maus resultados, a formação de uma identidade corporativa é essencial e, consecutivamente, a construção de um comportamento corporativo, que dependeria, justamente, da contratação de profissionais adequados, são fundamentais. Ou seja, a correlação entre a cultura empresarial e a cultura esportiva seria garantidora da manutenção da estratégia inicialmente formulada. Contudo, em alguma medida, é possível supor que há uma sobreposição da primeira em relação à segunda, já que a cultura empresarial é priorizada em detrimento da cultura esportiva, a partir do momento que a negociação de atletas é tratada como prioridade.

---

<sup>26</sup> Rangnick menciona cinco passos no início da sua resposta, mas elabora apenas quatro no desenvolvimento de sua resposta.

Essa tensão entre duas culturas fica evidente quando Rangnick complementa seu argumento indicando que tão importante quanto contratar os jogadores adequados – para o desenvolvimento da identidade corporativa do clube, que se expressa dentro de campo –, é necessário também que não se contrate aqueles que não convém e que outros atletas sejam vendidos no “momento justo”, para renovar o elenco, mesmo que o time tenha se saído bem do ponto de vista desportivo. Portanto, a lógica do mercado imporá o momento em que um jogador deve ser negociado – provavelmente, alguém que tenha obtido algum destaque técnico durante o período –, sobrepondo-se aos êxitos desportivos alcançados pelo clube.

Esse aspecto é relevante considerando que, necessariamente, ao operar a partir dessa lógica, cria-se, de princípio, um impedimento para uma identificação mais prolongada entre um clube e um jogador, tendo em vista que a vinculação histórica que, necessariamente, é construída em longo prazo, seria interrompida pelo tempo do mercado. É importante frisar que, em momento algum, Rangnick faz referência sobre o processo de identificação de um atleta com um time de futebol.

**P.** ¿Es realista pensar que este modelo se puede aplicar a clubes grandes?

**R.** En 2008 Klopp dejó el Mainz por el Dortmund, uno de los clubes más grandes y tradicionales de Alemania. Y allí demostró que se podía hacer exactamente lo mismo que hizo en el Mainz. Y ahora en el Liverpool no solo ha elevado el nivel del club, ha contribuido al florecimiento de la ciudad.

Questionado se o programa idealizado por ele poderia ser reproduzido em grandes clubes, Rangnick resgata os feitos de Jurgen Klopp, que teria sido capaz de replicar no Borussia Dortmund, um dos maiores clubes da Alemanha, e no Liverpool, um dos maiores clubes da Inglaterra, o modelo de que desenvolveu no Mainz 05, um clube pequeno do país germânico. Nesse sentido, em primeiro lugar, Rangnick aponta para a pretensão de universalidade desse modelo, o que, em alguma medida, indicaria uma noção de reprodução fundamentada por princípios técnicos, já que o paradigma delimitado por ele pode tanto ser repetido em diferentes clubes e contextos, como também implementado por diferentes treinadores, considerando que seu triunfo paradigmático é justificado a partir da experiência de outro treinador alemão. O sucesso de Jurgen Klopp é sinônimo do sucesso do seu modelo. Além disso, Rangnick reforça a posição estratégica do treinador de futebol para essa concepção, já que a execução bem-sucedida desse estratagema é concebida e realizada pelo próprio técnico. No mais, em relação ao trabalho de Klopp, no Liverpool, Rangnick ainda diz que o treinador elevou o nível do clube – o que, com base nas formulações apresentadas pelo diretor esportivo alemão, representaria um crescimento em âmbito empresarial e esportivo –, o que contribuiu para o “florescimento da cidade”. Ou seja, a própria experiência social, no espaço da cidade, foi transformada pari

passu com as mudanças que ocorreram no clube, o que indica a potência do futebol para impactar outras esferas da vida social.

**P.** ¿Cómo explica la nueva ola de influencia alemana en el fútbol? ¿Se trata del talento individual de los jugadores o de las ideas y métodos de los clubes?

**R.** El número de jugadores de gran talento que tuvimos en los 60, 70, 80, e incluso en los 90, fue mucho mayor que el que tenemos ahora. Con el Leipzig hemos buscado jugadores de nivel internacional sub-14, sub-15 y sub-16, y es bastante obvio que la cantidad ha disminuido.

Sobre a nova onda de influência da Alemanha no futebol em geral, se estava relacionada ao talento individual dos jogadores ou às ideias e métodos dos clubes – ou que, no questionamento formulado pelo entrevistador, contrapõe a qualidade individual dos atletas e um pretenso processo de racionalização que teria sido implementado pelos clubes –, Rangnick responde que o número de jogadores talentosos que havia na Alemanha nos anos 60, 70, 80 e 90 era muito maior em comparação com os dias de hoje – o que, por dedução, já evidencia que o impacto promovido pelo futebol alemão é provocado por um determinado processo de racionalização; além do mais, indica também que as condições necessárias para a geração de talentos, na Alemanha, foram alteradas. O diretor esportivo alemão complementa dizendo que no RB Leipzig, clube alemão em que foi diretor esportivo, há uma diretriz para que se avalie jogadores de nível internacional nas categorias sub-14, sub-15 e sub-16 e que, já nessa faixa etária, constata-se uma queda, em quantidade, de talentos alemães, precisando que o país pode viver um problema com o grupo de jogadores nascidos entre 2001 e 2005. Por outro lado, Rangnick diz que a Espanha e a França possuem uma quantidade grande de jovens com aptidão – o que, consecutivamente, pressupõe um cenário distinto, em comparação com a Alemanha, para o surgimento de futebolistas talentosos.

Mesmo que não seja o eixo central do argumento mobilizado por Rangnick na resposta em questão, a busca por jogadores em idades tão precoces e já julgados em suas capacidades para competir em alta performance, ilustra um modelo baseado na geração de valor através da contratação de atletas mais novos. Uma ideia que também sugere um processo de profissionalização precoce dos jogadores, em uma fase da vida em que ainda são meninos, e que aponta que o desenvolvimento do talento acontece ainda nas etapas iniciais da formação de um jogador de futebol.

**P.** ¿Por qué Alemania ha dejado de producir el número de buenos futbolistas de otras épocas?

**R.** La primera razón, y esto es un factor global, son las distracciones de la nueva tecnología, comenzando por los móviles. En Alemania ya no existe el fútbol en la calle. Para Naby Keita, Mané, Mbappé, Firmino o *Neymar*, la única posibilidad real

de ganarse la vida fue hacerse jugadores de fútbol. En Alemania no tenemos tantos chicos que vean el fútbol como la mejor posibilidad de hacer una carrera profesional. Esto significa que los clubes deben plantearse seriamente cómo reemplazar el fútbol callejero. Los jóvenes necesitan más tiempo de entrenamiento.

Acerca das razões para que a Alemanha tenha deixado de produzir bons futebolistas, Rangnick diz que o primeiro fator é de ordem global, que são as distrações provocadas pela nova tecnologia, começando pelos telefones celulares, e complementa apontando que não existe mais futebol nas ruas da Alemanha. Nesse sentido, uma mudança social, a partir da criação de novas tecnologias e, consecutivamente, novas modalidades de ocupação do tempo livre, seria responsável pela redução do número de jogadores talentosos no país. Além disso, a valorização do futebol de rua como uma experiência criadora de talento indica que um espaço informal para a prática do jogo seria importante para a evolução de jovens jogadores. Em alguma medida, um espaço que não é mediado por um método, em que a vivência acontece sem as coerções impostas pela alta performance, é importante para gerar futebolistas de qualidade. No mais, a relação entre o emprego do tempo livre com o uso de telefones celulares e a ausência de futebol sendo jogado nas ruas, indica uma mudança na sociabilidade contemporânea, que é produzida através de um novo padrão produtivo e tecnológico, além de suscitar uma hipótese a respeito do processo de urbanização, considerando quais seriam os espaços públicos disponíveis, dentro do atual modelo das cidades, que poderiam ser ocupados por crianças e adolescentes jogando bola.

Acrescendo o seu argumento, Rangnick diz que para jogadores como Naby Keita, Sadio Mané, Kyllian Mbappé, Roberto Firmino e Neymar, que teriam crescido em uma situação de pobreza econômica, a carreira como futebolista é a única oportunidade de ascensão social, o que não aconteceria na Alemanha. Mesmo que esse ponto expresse uma visão absolutamente estereotipada sobre países periféricos ou pessoas em condições de vulnerabilidade social, é digno de menção a relação estabelecida entre escassez e sucesso desportivo, como se a ausência de oportunidades no mercado de trabalho, que possibilitassem um progresso econômico, fosse uma causa relevante para a produção de grandes jogadores de futebol. A equação, em alguma medida, indica que a redução do horizonte de possibilidades propulsiona o surgimento de talentos. Considerando esses aspectos, o diretor esportivo alemão aponta que os clubes devem se planejar para conseguir replicar, dentro de sua estrutura, o futebol de rua, para suprir as lacunas de treinamentos dos jovens. Portanto, há uma proposta para que as agremiações recriem artificialmente o futebol de rua. Considerando que o planejamento dos clubes deve funcionar, segundo a concepção de Rangnick, em uma correlação entre a cultura empresarial e cultura esportiva, a reprodução artificial de um simulacro do futebol de rua significaria uma resposta

dos clubes para as mudanças na sociabilidade contemporânea, do mesmo modo que representaria uma tentativa de instrumentalizar, para a alta performance, um espaço que, a priori, seria livre de coerções para o rendimento, e que seria funcional para a estratégia de potencializar a geração de valor econômico dos clubes.

**P.** ¿Cómo es posible que Alemania produzca cada vez menos jugadores y a la vez sea un país cada vez más influyente en las competiciones?

**R.** Por los entrenadores. Cuando empecé a estudiar educación física en la universidad, en 1978 para mí se hizo evidente que no quería jugar ese 3-5-2 con un líbero y marcas al hombre, con dos centrocampistas defensivos que debían trabajar duro presionando la pelota y asegurarse de que el *diez* tenga un bonito día.

Nesse sentido, Rangnick é questionado sobre algo que aparece como um paradoxo: como a Alemanha é capaz de ser cada vez mais influente em competições de alta performance, ao mesmo tempo que produz cada vez menos jogadores de qualidade? Para ele, a resposta está nos treinadores. Em seu argumento, Rangnick retoma sua trajetória universitária, quando estudou educação física, em 1978, e decidiu que não gostaria de jogar futebol em um 3-5-2, com um líbero e marcações homem-a-homem, com dois meio-campistas defensivos, que se esforçariam para recuperar a bola, e se certificar de que o camisa dez da equipe tivesse um “dia bonito”. Com isso, há uma crítica a uma concepção de futebol baseada na individualidade, que parte da premissa de que a maioria deveria se sacrificar em nome do talento de apenas um jogador que, em um “dia bonito”, conduziria o time. Além disso, é importante constatar que o “dia bonito” de um camisa dez – em que a ênfase está no aspecto estético, o que, até o momento, é absolutamente ausente no paradigma postulado por Rangnick – demonstra a presença do imponderável, já que nem todos os dias são “bonitos”, o que indica algo que não pode ser racionalizado e reproduzido.

**R.** Como pensaba que el fútbol debía ser más proactivo y complejo, tuve que buscar en el extranjero. Así descubrí a Valeri Lobanovski y Arrigo Sacchi

Aqui, Rangnick aponta que pensava o futebol de modo mais proativo e complexo e que, por isso, buscou referências em outros países<sup>27</sup> que exerceram influência em sua ideia de marcação orientada ao portador da bola e por zona, em um sistema tático composto por uma linha de quatro defensores, o que era contra-cultural na Alemanha da década de 80 e 90. Dessa forma, constata-se que a formação da “nova escola” alemã dependeu da influência de um futebol que já era praticado em outros países, o que sugere uma globalização de uma determinada forma de praticar o ludopédio.

---

<sup>27</sup> Rangnick menciona Valeri Lobanowski, treinador russo que se destacou durante a década de 80 na União Soviética, e Arrigo Sacchi, técnico italiano, que treinou uma das equipes mais notáveis da história, o Milan, da Itália, do final da década de 80 e início dos anos 90.

**R.** Por qué los futbolistas alemanes tienen que ser menos astutos que los italianos o los españoles? El problema es que no teníamos entrenadores suficientemente valientes como para enseñar este tipo de fútbol. Hasta 1999-2000 los alemanes éramos famosos por nuestras virtudes alemanas (ser agresivos y comernos la hierba) pero no por nuestra estrategia. Hasta el año 2000 no hubo un solo entrenador alemán que fuera un ejemplo de táctica y estrategia. Ahora tenemos a Löw, Flick, Tuchel, Klopp, Nagelsmann y yo mismo, marcando una tendencia. Esto es nuevo. Y por supuesto, este tipo de entrenadores también es capaz de mejorar jugadores. Sacchi y Cruyff no solo fueron influyentes en otros entrenadores: desarrollaron equipos y jugadores que luego se convirtieron en maestros.

Nesse trecho, Rangnick faz uma pergunta retórica sobre a inteligência dos jogadores alemães em comparação com os futebolistas italianos e espanhóis, para propor que a maneira como o futebol era jogado na Alemanha passava pela falta de valentia dos treinadores em promover um “outro tipo de futebol”, já que até o final do século passado, os alemães eram identificados com virtudes atribuídas à sua identidade nacional, como a agressividade, mas que nunca foram considerados um exemplo de estratégia, uma condição que mudou com ele e outros técnicos alemães, como Joachim Löw, Hans Flick, Thomas Tuchel, Jurgen Klopp e Julian Nagelsmann, marcando, com isso, uma nova tendência. Ou seja, tanto no início da sua primeira resposta, sobre a influência germânica no futebol atual, tal como agora, quando aponta para a falta de coragem dos técnicos para praticar um futebol diferente, Rangnick reforça o papel estratégico dos treinadores de futebol, que seriam os principais responsáveis por promover essa mudança de ordem cultural – função que Lobanovski e Sacchi desempenharam em sua trajetória –, assim como fortalece a dimensão globalizante de um determinado modo de jogar, já que as características nacionais sucumbem ao “outro tipo de futebol”. Esse aspecto faz-se importante porque, a partir de um princípio subjetivo, relacionado com a experiência pessoal de Rangnick em sua formação como educador físico, o diretor esportivo alemão desenvolveu um “outro tipo de futebol” com pretensões normativas, que deveria ser reproduzido por outros treinadores, o que indica uma variação na estrutura de sentido da interação social, considerando os pressupostos técnicos aqui apresentados e que fundamentariam sua concepção de futebol.

Por fim, Rangnick pontua que os treinadores desse “tipo” também são capazes de melhorar os atletas, já que convertem os seus jogadores em maestros. Logo, a formação desses futebolistas passa a ser orientada para a reprodução desse estilo específico. Com isso, os técnicos seriam os atores responsáveis pela universalização de um “tipo de futebol”, que está se globalizando e que, com Rangnick, invadiu as fronteiras da Alemanha. Como maestros, os jogadores comandariam harmonicamente essa orquestra proativa e complexa, fundamentada em princípios sistêmicos, e que abdica do “dia bonito” de um camisa dez.

**P.** ¿No cree que el Bayern sin Thiago corre el riesgo de convertirse en un equipo demasiado previsible?

**R.** Todos los equipos necesitan un Thiago en plena forma y el Bayern lo echará de menos. Pero también es un hecho que la temporada pasada no siempre jugó desde el principio, ni siquiera en partidos importantes.

Perguntado sobre a Thiago Alcântara, meio-campista que deixou o Bayern de Munique, e se sua ausência não poderia tornar a equipe alemã mais previsível, o que pressupõe, na pergunta elaborada pelo entrevistador, a valorização de jogadores capazes de produzir cenários imprevistos durante uma partida, Rangnick responde que todas as equipes precisam de “um” Thiago e que o clube bávaro irá contratar outro atleta com as mesmas características. Nesse sentido, a centralidade do argumento de Rangnick não está na individualidade do jogador, assumindo a premissa de que sua singularidade não é reproduzível, o que provocaria um impacto no time do Bayern de Munique, mas na condensação de Thiago como um “tipo” de jogador, com um conjunto de características determinadas que são importantes para manter o funcionamento sistêmico da equipe. Portanto, o indivíduo em si é substituível, considerando que acaba por ser reduzido a um conjunto de atributos e valorizado por características funcionais que servem para a execução de uma determinada tarefa dentro de uma estrutura. É uma lógica orientada pela racionalidade instrumental e que, em alguma medida, indica um processo de padronização dos jogadores de futebol. Esse elemento é importante considerando que, anteriormente, Rangnick admite a importância do futebol de rua para a formação de jogadores mais talentosos, que estariam em escassez nos dias atuais, em comparação com o ludopédio do passado. O futebol de rua, no qual não há qualquer pré-definição sistêmica para que o jogo aconteça, seria o espaço em que as individualidades mais qualificadas floresceriam – segundo o raciocínio outrora desenvolvido por ele –, mas, no momento em que projeta a operação de um time de alta performance, a destreza individual é sobreposta pela lógica sistêmica. No mais, Rangnick relativiza a importância de Thiago para a temporada do clube alemão, tendo em vista que não atuou com frequência, nem mesmo em partidas importantes.

**P.** ¿Cómo define el estilo?

**R.** Hay cinco apartados en los cuales debes ser excelente si pretendes competir al máximo nivel. Primero, qué haces para construir la jugada cuando quieres tener la posesión. Para mí es evidente. Si quieres marcar un gol necesitas velocidad, fintas que aceleren la acción y verticalidad. Si no tienes eso, puedes tener el 80% de la posesión pero no marcarás. Número dos: qué haces si el otro equipo tiene la pelota. Cómo, dónde, y a qué altura presionas. En tercer y cuarto lugar, trabajar las transiciones. ¿Qué quieres que haga tu equipo en el momento de la recuperación y qué quieres que haga en el instante posterior a la pérdida? Esas dos situaciones necesitan ser entrenadas en profundidad. Y en quinto lugar, las jugadas a balón parado. Lo vimos en la final de la Liga Europa: Inter-Sevilla. Cuatro de los cinco goles surgieron de jugadas ensayadas. Más del 30% de los goles en el fútbol se marcan a balón parado. ¿Dedicamos el 30% de nuestro tiempo de entrenamiento a las jugadas ensayadas?

Quando perguntado genericamente sobre a definição do “estilo”, Rangnick aponta uma planificação do jogo de futebol, dividida em cinco fases, em que, em ao menos duas delas – com a posse de bola e quando se está defendendo – há uma ênfase na velocidade e na pressão, que são elementos constitutivos da experiência social do tempo contemporânea. Por fim, o treinador alemão também destaca a relevância das jogadas de bola parada, argumentando que 30% dos gols, em uma partida de futebol, acontecem em lances com essa origem, questionando se as equipes usam 30% do tempo de treinamento para as jogadas desse tipo. Portanto, as ocorrências de um jogo de futebol passam por uma metrificacão que, através da racionalidade instrumental e do cálculo de custo-benefício, orientam como o tempo de treinamento deve ser usado com o objetivo maximizar e obter uma eficácia maior nas oportunidades de gol.

**P.** Muchos equipos que pretenden controlar el balón y el espacio en campo rival acaban hundiéndose cuando intentan añadir matices conservadores y retrasan la presión. Pienso en el 7-2 del Villa al Liverpool, o el 2-5 que sufrió el City ante el Leicester. ¿Este sistema exige fanatismo?

**R.** Tienes que estar *on fire*. Klopp y yo sabemos que es más económico jugar así. Si lo haces bien completas un mayor número de sprints pero reduces el número de carreras largas. Si no lo haces bien, incurres en carreras negativas. Si permites que el equipo contrario te rompa la presión y juegue a tu espalda eso, puesto en la balanza, te cuesta más energía.

Aqui, questionado se o sistema proposto por ele exige “fanatismo” – o que indicaria algo demasiadamente apaixonado ou ortodoxo –, Rangnick responde que é necessário estar “*on fire*” para que ele seja bem executado, o que denota algo que é realizado em sua máxima intensidade ou potência. Em primeiro lugar, o diretor alemão argumenta que ele e Klopp sabem que essa forma de jogar é mais econômica, porque aumenta o número de *sprints*<sup>28</sup>, mas, em contrapartida, reduz a quantidade de corridas longas. Ou seja, um dos princípios que norteia essa concepção de futebol está baseado no cálculo de custos e benefícios em relação ao gasto energético dos jogadores. Além disso, Rangnick argumenta que praticar futebol dessa maneira é muito desgastante do ponto de vista mental e físico, o que indica um novo parâmetro de alta performance que deve ser atingido pelos jogadores para atuarem nessa proposta.

**R.** No es coincidencia que Klopp tenga a cinco de mis exjugadores en su equipo: Firmino, Mané, Keita, Minamino, y Matip. Si miras a los tres delanteros: Mané es senegalés, Salah es egipcio y Firmino brasileño. No eran máquinas de presionar. No venían de una formación así. Klopp consiguió convertirlos en los delanteros que mejor presionan en el mundo. Y ahora Tuchel lo está haciendo con Neymar: ¿alguien vio alguna vez a Neymar presionar como lo hizo contra el Atalanta?

Nesse sentido, Rangnick argumenta que não é uma coincidência que cinco jogadores que trabalharam com ele tenham sido contratados pelo Liverpool de Jurgen Klopp, do mesmo

---

<sup>28</sup> *Sprints* são corridas de alta intensidade realizadas em curtas distâncias e tempo reduzido.

modo que Mané, Salah e Firmino não eram “máquinas de pressionar”, mas foram transformados pelo treinador alemão e executam com excelência esse tipo de movimento, e que Thomas Tuchel estaria fazendo o mesmo com Neymar. Esse aspecto reforça, uma vez mais, o papel estratégico do técnico, que através da sua intervenção, é capaz de transformar as características dos jogadores, do mesmo modo que o processo de formação é feito visando desenvolver características específicas para a execução de um papel determinado que garante a funcionalidade sistêmica de uma equipe. Portanto, não é uma formação que visa o desenvolvimento da individualidade do futebolista.

**P.** Usted detectó a Mané, a Timo Wegner, a Firmino, a Haaland... cuando eran adolescentes. ¿Cuál es la clave para futbolista la progresión de un gran futbolista?

**R.** Que sea bueno con la pelota es una gran ventaja. Velocidad, ritmo, aceleración, son importantes. Pero lo más importante no es correr rápido sino pensar rápido. Que sepan capaces de analizar la situación y repentinamente darse cuenta cómo deben jugar un balón. Si a eso añades la mentalidad, el talento de la personalidad, tienes a un grande. Debes preguntarte; “¿Está el jugador complaciente y satisfecho después de uno o dos partidos buenos, o después de una o dos buenas temporadas, o su ambición se mantiene?”.

Sobre a “chave” para antecipar a progressão de um grande futebolista, Rangnick responde que a qualidade técnica é uma grande vantagem, assim como a velocidade, o ritmo e a aceleração também seriam importantes. Ou seja, o talento, por si só, não só não é suficiente, como também não é definido como uma condição básica para que alguém se converta em um jogador da elite esportiva. Além disso, “velocidade, ritmo e aceleração” dizem respeito à dinâmica do jogo e à capacidade física de um atleta, em correspondência com as novas exigências do futebol de alta performance. Contudo, o diretor esportivo alemão afirma que a característica fundamental a ser observada em um atleta, seria sua capacidade de “pensar rápido”, o que assinala para a valorização de um determinado padrão cognitivo, relacionado com a velocidade de raciocínio, e a sua “mentalidade”, enquanto um traço de personalidade que expressaria ambição e agressividade. Assim sendo, inicialmente, fica evidente como a “chave” para a progressão de atletas de alto rendimento está relacionada com aspectos de ordem subjetiva, sobrepostos às aptidões inerentes ao futebol, e que são instrumentalizados em função do jogo. Com isso, a centralidade da análise, para identificar um jogador distinto, está em sua personalidade e subjetividade, o que indicaria que a formação dos jogadores de futebol, nessa concepção, significaria também a formação de um determinado tipo de sujeito, o que, consecutivamente, provocaria a exclusão de outros “modos de ser” que não seriam correspondentes ao padrão postulado por essa proposta. No mais, a exigência de rapidez no pensamento e a valorização de “velocidade, ritmo e aceleração”, apontam para uma qualificação

positiva daquilo que é rápido, realizado no menor espaço de tempo possível, o que sugere uma atividade que se desenvolve, atualmente, dentro de uma compressão espaço-temporal.

**P.** ¿Qué patrón de búsqueda relacionado con la edad es el más eficaz?

**R.** Nuestros *scouts* en el Leipzig se pasan el día mirando vídeos de jugadores de primera clase, consagrados, cuando tenían 16 años. Para ver qué proceso siguieron en su desarrollo. Hace dos años hicimos un análisis entre los clubes que llegaron a cuartos de final de la Champions: el 80% de los 200 jugadores participantes, con 17 años únicamente jugaban en categorías de adultos. Si traduces este dato, significa que un talento de primer nivel, con 17 años no debe estar jugando con los sub-19. Si no se lo puedes permitir competir con profesionales en su club, cédelo en préstamo a otro club de Segunda o Primera.

Ao ser perguntando sobre qual é o padrão mais eficaz para a busca e observação relacionadas com a idade dos jogadores, Rangnick responde que os *scouts*<sup>29</sup> do RB Leipzig analisam vídeos de atletas de primeira classe, quando tinham 16 anos de idade, e buscam identificar um padrão no processo de desenvolvimento desses futebolistas. Portanto, o objetivo é encontrar o que foi correspondente no curso da evolução desses atletas e que poderia ser reproduzido com outros jogadores. Nesse sentido, o diretor esportivo alemão pontua que, nas últimas duas temporadas da Liga dos Campeões da Europa, 200 atletas que participaram das quartas de final da competição, 80% fizeram sua transição para o futebol profissional ainda aos 17 anos de idade, o que significaria que, se existe um talento de primeiro nível nas categorias de base de um clube, ele deve estar atuando no primeiro time ou ser emprestado para outra equipe de primeira ou segunda divisão, para já jogar junto com os adultos. Aqui, percebe-se uma defesa da aceleração do desenvolvimento dos jovens futebolistas – o que produz o fenômeno da profissionalização precoce –, baseada em uma metrificação desse processo, a partir de dados estatísticos referentes à principal competição de clubes do futebol europeu. Mais uma vez, trata-se de um princípio baseado na padronização e na reprodução.

**P.** Ha mencionado que los jugadores necesitan decidir rápido. ¿Qué modelo sigue para verificar que un jugador es mentalmente rápido?

**R.** Únicamente debes valorarlos por las decisiones que toman bajo presión, en los momentos del partido en los que no hay tiempo ni espacio para actuar. Hay que educar a los jugadores en este sentido. Los goles y los driblings bonitos te pueden confundir.

Perguntado em relação ao modelo para identificar se um jogador é “mentalmente rápido” (tendo em vista que o raciocínio rápido é considerado como um elemento distintivo para que um atleta jogue em alta performance), Rangnick diz que a única coisa que deve ser avaliada é a capacidade que esse jogador possui para tomar decisões quando está sob pressão,

---

<sup>29</sup> Os *scouts* ocupam uma função específica no departamento de futebol dos clubes, sendo responsáveis por analisar jogadores através de dados qualitativos e quantitativos. Em alguma medida, trata-se de uma reconfiguração do trabalho dos olheiros, mediada por novas tecnologias implementadas pelos clubes.

sem tempo e espaço para atuar, e que é preciso educar os olheiros para identificarem esse padrão. Portanto, mais uma vez, há um indício de um jogo que acontece em um cenário de compressão espaço-temporal, do mesmo modo que há uma valorização do olhar qualitativo de um olheiro, mas orientado a identificar um padrão pré-determinado. No restante, Rangnick complementa dizendo que os gols e os dribles bonitos podem confundir. Ou seja, assim como não se pode mais depender do “dia bonito” de um camisa dez, já que a individualidade e o imponderável não podem ser racionalizados e reproduzidos, os próprios gols e os dribles mais plásticos são insuficientes, considerando que, para essa concepção, a qualidade técnica não é condição primordial para atuar nesse novo contexto. Esses elementos indicam, em primeiro lugar, uma espécie de desencantamento do jogo, já que os aspectos estéticos, até esse momento, foram adjetivados negativamente e desvalorizados enquanto elementos importantes para o futebol. Além disso, essa afirmação estabelece uma espécie de contraposição entre aparência e essência, em que a primeira (“gols e dribles bonitos”) seria capaz de distrair e enganar em relação à segunda (capacidade de jogar sob pressão), considerando que a aptidão para atuar pressionado pode ser mensurável e apreendida objetivamente, diferentemente dos aspectos estéticos do jogo. Por fim, há um esvaziamento do componente lúdico do futebol – o que, em alguma medida, pode ser encarado como uma contradição em termos, considerando que a natureza dos jogos, em si, é lúdica – tendo em vista que, assim como em relação aos aspectos estéticos, a criatividade sequer é mencionada, enquanto a formação dos jogadores para desenvolver determinadas competências, para garantir a execução funcional de um sistema, é considerada elemento fundamental. Em síntese, emerge uma situação paradoxal: para ser jogador de futebol em alto nível, jogar só futebol já não é o bastante.

## 2.2. MENOTTI E A FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA

César Luís Menotti, nascido em Rosário, na Argentina, no dia 5 de novembro de 1938, é ex-jogador de futebol, com passagem pelos times argentinos Rosario Central, Racing e Boca Juniors, pelo estadunidense New York Generals e pelo Santos, de Pelé, e Juventus, de São Paulo. Como treinador, foi campeão mundial com a seleção da Argentina na Copa do Mundo de 1978 e treinou equipes como os argentinos Huracán, Boca Juniors e Independiente, os espanhóis Barcelona e Atlético de Madrid, a italiana Sampdoria, o uruguaio Peñarol, entre outros clubes. No momento da entrevista, Menotti não estava trabalhando profissionalmente com futebol. Atualmente, é diretor de seleções da seleção argentina.

A relevância de Menotti reside em suas posições reflexivas e críticas em relação ao que ele considera como os impactos do capitalismo no mundo do futebol, o que poderia oferecer um contraponto ao que seria a concepção de futebol de Rangnick. Além disso, atuou profissionalmente como jogador e treinador em um momento histórico diferente de Rangnick, o que poderia gerar um contraste que indicaria possíveis mudanças sociais do futebol. Por fim, para além de seus êxitos esportivos, trata-se também de um personagem fundamental para a formação cultural do futebol argentino, simbolizando uma determinada escola do jogo, nomeada como *menottismo*, que depois teria sido contraposta ao estilo de jogo representado por Carlos Bilardo, o *bilardismo*<sup>30</sup>. Portanto, configura-se enquanto um sujeito que marcou a história do futebol argentino pela maneira como suas equipes atuavam.

Assim, a interação social que será analisada<sup>31</sup>, com o uso da hermenêutica objetiva, consiste em uma entrevista de César Luis Menotti para o periódico espanhol *El País*, com o título “El fútbol se lo robarán a la gente”<sup>32</sup>, em uma interação entre entrevistador e entrevistado, documentada em forma de texto e escrita em espanhol. A entrevista acontece quando Menotti não estava trabalhando diretamente com futebol.

**P.** ¿Cómo lleva el de haber dejado de fumar?

**R.** Mal. Me dijeron: "El primer mes es muy duro, pero después..." ¡Nada, cada mes tengo más ganas! Los médicos insisten en hacernos la vida más larga y menos agradable. Amargarnos la vida es lo que hacen ¡Y los cirujanos son peores! Ahora tienen una maquinita, como si fuera una play, pim pim, y ya te han operado. Se acabó la medicina profunda, lenta, ya no hay ni sangre en los quirófanos.

**P.** ¿Qué tal está de la operación?

**R.** No fue nada, tres días estuve en el hospital. Era una cosa pequeña, no estaba claro que me la tuviera que quitar siquiera, y yo le dije al médico: "Usted manda. Yo sé de fútbol, no de pulmones. Luego, me dijo que no fumara, pero que podía hacer vida normal. ¿Vida normal para quién? Mi vida normal no es como su vida". [...] Agradezco que me echen el humo a la cara, lo busco por las puertas de los restaurantes. Ayer, un señor sacó un habano a la puerta del bar y dijo: "Me voy". "No, venga lo más cerca posible", le dije.

No início da interação, o entrevistador questiona Menotti sobre como tem vivido após ter parado de fumar e um procedimento médico realizado por ele. Mesmo que o assunto da

<sup>30</sup> “Um dos pioneiros de tantas mentiras foi Carlos Bilardo, que pretendia que acreditássemos que a seleção argentina campeã no México, em 86, havia ganhado a Copa graças a um modelo moderno, desenhado por ele, mas, sem dúvida, no plano tático, não foi nada diferente do que fizeram Itália e Alemanha 40 anos atrás”. César Luis Menotti. O sucesso e as mentiras no futebol. **Folha de S. Paulo**. 5 de fev. de 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk05029907.htm>>. Acesso em: 7 de abr. de 2022.

<sup>31</sup> Análise feita com o Dr. João Mauro G.V de Carvalho, Pedro Luís Panigassi, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara) e Talic Jaber Sleman, mestrando no ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – (UNESP/Araraquara)

<sup>32</sup> EL fútbol se lo robaron a la gente. **El País**. 10 de jul. de 2011. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2011/07/11/actualidad/1310368914\\_850215.html](https://elpais.com/deportes/2011/07/11/actualidad/1310368914_850215.html)>. Acesso em: 4 de abr. de 2021.

entrevista ainda não seja futebol, essas declarações aparecem como relevantes porque, em primeiro lugar, percebemos uma crítica do ex-treinador sobre uma determinada forma de racionalidade que pressupõe o prolongamento da existência por si mesmo, independentemente de qual será o seu impacto sobre a vida dos sujeitos, podendo fazer com que sua existência seja menos agradável. Além disso, Menotti tece um comentário sobre o que seria o fim da medicina profunda, mais lenta, com o avanço tecnológico que permite aos médicos o uso de um maquinário que simplifica o trabalho dos cirurgiões, o que permite supor uma mudança na relação entre a medicina e o corpo humano. Em alguma medida, nota-se uma oposição a uma visão asséptica da vida, em que nem mesmo há sangue nas salas de cirurgia. Esse aspecto pode ser entendido como uma visão idealista-romântica da existência em relação aos progressos e mudanças protagonizados pelo avanço técnico e científico.

No mais, Menotti também faz um apelo à individualidade, que se contrapõe a uma determinada forma de normatização da vida, ao recusar a ideia de que exista uma “vida normal” que valesse para todos os indivíduos. De algum modo, pode-se entender que o significado da existência reside naquilo que é diferente em cada sujeito e, dependendo de sua valorização em âmbito particular, atribui sentido para a vida.

**P.** ¿Del fútbol también se está quitando?

**R.** Uno recibe alguna recompensa a la lucha despiadada en contra del fútbol que traiciona su sentido de pertenencia. Como el Huracán salvó al fútbol argentino, España me reconcilió con el fútbol, me devolvió el apasionamiento por el juego. Verles jugar con los chiquitos pequeños fue reconfortante.

Perguntado se também está parando com o futebol, Menotti diz que há uma recompensa para quem travou uma luta contra o futebol que trai o seu sentido de pertencimento. Desse modo, o ex-treinador afirma que o jogo possui um significado original, como se houvesse um sentido simbólico que identifica o que é futebol. Contudo, pontua que existiria uma determinada manifestação do futebol que trai sua autenticidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que há uma disputa simbólica em relação ao significado do jogo. Em sequência, Menotti estabelece uma comparação, ao dizer que assim como o Huracán um dia salvou o futebol argentino, a Espanha devolveu a ele o apaixonamento pelo jogo. Considerando a sequencialidade do argumento, pode-se imaginar que Huracán e Espanha foram equipes que preservaram o significado original do futebol. Além disso, ao mencionar dois times que guardaram a autenticidade do jogo, pode-se que o sentido de pertencimento do futebol se expressa dentro de campo, no jogo jogado. Por fim, ao estabelecer uma relação entre a recompensa pela luta que travou e o apaixonamento provocado por determinados times, Menotti posula que a ligação com o jogo se dá através dos afetos.

**R.** El fútbol es el único lugar donde me gusta que me engañen. El fútbol son tres cosas: tiempo, espacio y engaño. Pero no hay tiempos, no se buscan los espacios y ya no me engañan nunca; me aburro de una manera que tengo la sensación que eso que llaman fútbol es otra cosa. Yo digo que el 99,9% de los entrenadores viven envidiando el juego del Barcelona. Todos quisieran ser Guardiola. Pero la mayoría no sabe cómo se hace.

Aqui, Menotti define o futebol em três dimensões: tempo, espaço e engano. O engano, enquanto algo que foge à expectativa e perspectiva, que pode se aproximar do erro, mas também indica um ponto de fuga da previsibilidade, é especialmente valorizado por ele. Contudo, em seguida, Menotti afirma que no futebol atual não há mais tempo, as equipes não buscam os espaços e ele já não se sente mais enganado assistindo aos jogos. Por isso, tem a sensação de que o futebol de hoje em dia, na realidade, é outra coisa. Com isso, pode-se dizer que, em relação ao significado original do futebol, uma determinada manifestação do jogo que não valoriza o tempo, o espaço e o engano, estaria traindo seu sentido autêntico. Desse modo, verifica-se mais uma vez uma disputa pelo sentido simbólico do que é futebol, para além de sua dimensão objetiva, que determinaria a prática desse esporte a partir de regras específicas. Além do mais, tendo em vista que a ênfase está no futebol contemporâneo, pode-se compreender que há um indício de mudança em relação à forma como o jogo vem sendo jogado na atualidade.

No mais, em relação à valorização do engano, permite-se dizer que um elemento imprevisível e imponderável é imanente ao futebol, como um aspecto que seria fundamental para a constituição do seu próprio significado simbólico. Por fim, Menotti faz uma crítica aos treinadores que invejam como joga o Barcelona do treinador catalão Pep Guardiola, que todos gostariam de ser, mas não sabem como reproduzir o que ele faz. Inclusive, considerando a porcentagem hiperbólica mencionada por Menotti, podemos imaginar uma determinada tendência de uniformização das formas de se jogar futebol.

**P.** Él dice que con buenos jugadores...

**R.** No, eso se lo come un pelotudo, yo no. Esto no es un señor que se para en la línea y dice: tocar, tocar y tocar, y que como son buenos le hacen caso. Lo de Guardiola es muchísimo más difícil que todo eso. Es producto del entrenamiento, de ideas claras, de saber hacerse comprender y ganar adeptos... Quedó demostrado que Guardiola es más importante que sus jugadores.

Interpelado pelo entrevistador, que menciona a importância dos bons jogadores para Guardiola, Menotti afirma que o trabalho do técnico catalão é mais complexo, tendo em vista que não consiste em simplesmente ordenar o que deve ser feito pelos bons jogadores. Segundo o ex-treinador argentino, suas equipes são resultado de seus treinamentos, convicção e lucidez, comunicação clara e persuasiva, fazendo com que Guardiola seja mais importante do que seus

comandados. Desse modo, Menotti menciona um conjunto de elementos que comporiam o trabalho do treinador em questão, desde sua relação objetiva com o jogo, traduzida em sessões de treinamento, até uma determinada concepção de futebol e aspectos relacionados à liderança, considerando sua capacidade de convencimento. Por isso, ser capaz de fazer o que Guardiola faz está para além dos bons jogadores que seus times têm à disposição. Do mesmo modo, em alguma medida, aqui há uma caracterização daquilo que se faz presente no trabalho de um bom treinador.

**R.** Pero vamos a revisar quién era Piqué antes de Guardiola, quién era Pedro, quién era Busquets. Ni siquiera Iniesta era titular, era discutido. Ahora son unos fenómenos. Lo cierto es que tuvo un punto de suerte.

Nesse sentido, ao resgatar o que eram alguns jogadores antes de serem treinados por Guardiola, Menotti sugere que o treinador catalão é capaz de melhorar seus jogadores, fazendo com que joguem mais do que apresentavam anteriormente. Aqui, em alguma medida, nota-se uma dimensão pedagógica, considerando que jogar futebol é visto como algo que pode ser ensinado. Como consequência, pode-se deduzir que há uma recusa sobre uma determinada ideia de talento que seria imanente e bastasse por si só. Além disso, esse aspecto ganha relevância, considerando que a pedagogia do jogo, ao que tudo indica, está ligada ao treinamento, à concepção de futebol e ao convencimento. No mais, através desses elementos, há uma racionalização específica mobilizada no ofício de um treinador, na busca por fazer com que seus jogadores sejam melhores do que eram. Portanto, outro aspecto que denota como seu trabalho está para além dos jogadores de qualidade presentes em sua equipe. Afinal, por ensinar seus jogadores, Guardiola torna-se mais importante do que eles.

**P.** ¿Por?

**R.** Encontró un camino facilitado por Rijkaard, eso es cierto. A veces, el entrenador que sale te deja unos líos tremendos. Rijkaard, en ese sentido, le dejó algo hecho. Pero, por encima de todo, está el convencimiento. Siempre digo que un gran director puede hacer una gran orquesta con grandes músicos y con músicos normalitos conseguirá una orquesta afinada que se escuche bien.

Menotti menciona que Guardiola foi afortunado porque seu antecessor no Barcelona foi Rijkaard, o que teria favorecido o desenvolvimento de sua equipe. Nesse sentido, pode-se compreender um caminho facilitado foi encontrado para que seus treinamentos, suas ideias e sua liderança fossem exitosas no clube. Nesse sentido, percebe-se uma determinada noção de legado, que consiste na relação entre os trabalhos dos treinadores que se sucedem no comando técnico de um time. Contudo, Menotti ressalta que, em relação a Guardiola, acima de tudo, está sua liderança, considerando sua capacidade de convencer. Isso significa que, para além das competências técnicas de um treinador de futebol, existe uma dimensão carismática, relativa ao

papel de líder, que se faz fundamental e distingue aquele que é um grande treinador. Nesse sentido, Menotti traça um paralelo entre o ofício de um técnico de futebol e um maestro de orquestra, dizendo que seja com grandes músicos, seja com artista sem distinção, um grande maestro fará um bom trabalho. A qualidade dos músicos influencia se existirá uma grande orquestra ou uma apenas orquestra afinada e agradável de ser ouvida, mas o grande maestro é capaz de elaborar uma boa música para além da qualidade dos instrumentistas. Esse processo, para Menotti, está ligado ao convencimento.

**P.** Entonces lo de los futbolistas...

**R.** Nada, mentira que Guardiola sea Guardiola por los jugadores que tiene. Es mentira. Tuvo a Eto'o, tuvo a Henry, tuvo a Ibra, ahora tiene a Villa... Y por el lateral izquierdo han pasado cuatro o cinco, a Mascherano le usa de central... Lo de Guardiola es muy serio y me provoca una envidia tremenda a mí también. Y tampoco estoy de acuerdo con otra cosa...

**P.** ¿Con qué...?

**R.** Cruyff tampoco fue el primero que empezó a hacerlo. El primero que intentó jugar como Guardiola en el Barcelona se llamó César Menotti. Y me costó la vida. ¡Nos pitaban por dar muchos pases! No sé si hubo otro antes, pero yo jugaba con Maradona de 9, parecido ahora a Messi, Carrasco y Marcos en las bandas, Schuster como juega Xavi... Y entraban en el descanso en el vestuario, empatados a cero y los jugadores ¡de un humor!: "Así no podemos jugar", me decían, porque cada vez que Schuster se la daba a Alexanco nos pitaban. Con 3-0 sí... ¡olé, olé! Nos costó bastante.

Aqui, Menotti reivindica que ele foi o primeiro treinador que tentou jogar como Guardiola no Barcelona, o que assinala uma semelhança entre o antigo treinador argentino e o técnico catalão em relação ao estilo de jogo e o modo de interpretar o futebol, sugerindo também que haveria uma aproximação entre os dois na promoção do futebol que, mencionado anteriormente por Menotti, não trai o seu sentido de pertencimento. Contudo, Menotti diz que enfrentou resistência ao tentar jogar dessa maneira na Catalunha, indicando uma rejeição por parte dos torcedores e jogadores a essa forma de jogar futebol – excetuando nos momentos de vitória –, que exigiria muitas trocas de passes. Nesse sentido, pode-se supor que a disputa simbólica, que já se fez presente anteriormente na estrutura desse sentido, repõe-se na experiência do treinador argentino em Barcelona.

**R.** Migueli, cuando me fui, me dijo que si venía después de mí un entrenador que le hiciera marcar al hombre no jugaba más, porque estaba harto de pegarse con los delanteros. A veces ni existían, tenía que buscar al 9 y no jugaba. Y a él le gustaba tocarla porque era andaluz y la jugaba muy bien, pero como era alto y fuerte... Era muy bueno con los pies y le tenían como a una bestia.

Ao mencionar sua relação com Migueli, zagueiro espanhol que atuou no Barcelona por quase 15 temporadas, Menotti conta um diálogo em que o jogador reclamava que não jogaria mais se o eventual sucessor de Menotti fosse alguém que limitasse seu jogo à marcação homem-a-homem e perseguição aos atacantes adversários, o que podemos supor, por dedução, que

seriam elementos ausentes no estilo de jogo de Menotti. Desse modo, o treinador argentino conta como contribuiu para o desenvolvimento de Migueli como jogador, para além do estereotipo que carregava por ser um jogador alto e forte, aproveitando sua qualidade para jogar com os pés, o que teria sido inexplorado por outros treinadores. Isso indica que um técnico deve perceber o que os outros não percebem para valorizar as potencialidades dos jogadores. Nesse aspecto, retomando o que foi mencionado anteriormente na entrevista, vemos outra semelhança com Guardiola, considerando o que Menotti diz sobre a influência do técnico catalão no desenvolvimento de jogadores como Piqué e Busquets.

Além disso, Menotti estabelece uma relação entre a qualidade técnica de Migueli e seu local de origem, a Andaluzia, indicando um aspecto cultural que se faria presente na formação do zagueiro como jogador.

**P.** ¿Por qué se fue del Barça?

**R.** Había fallecido mi mamá, volvía la democracia a Argentina y sentí que debía estar... Fui a comer con Núñez y me puso un cheque en blanco y me preguntó qué jugadores quería para quedarme. Y yo le dije que no quería ninguno, que lo que quería era que sacara del plantel a jugadores grandes, de prestigio increíble y que me paraban la subida de los jóvenes. Fue después de ganar la Copa del Rey, que entonces era una copita. Ahora la gana el Madrid y parece que haya ganado la Intercontinental. Pero, ¿a dónde quería llegar?

Sobre o motivo de sua saída do Barcelona, Menotti articula elementos da sua vida pessoal, do momento político de seu país de origem e um determinado senso ético para justificar sua escolha, considerando a morte de sua mãe, o retorno da democracia em seu país de origem e uma sensação de dever que se apresentou. Portanto, uma decisão profissional, no mundo dos esportes, que se fundamentou em aspectos subjetivos, políticos e éticos.

Nesse sentido, Menotti conta que Nuñez fez um esforço para que ele ficasse no clube, sinalizando a ausência de restrições financeiras para que o treinador argentino formasse o elenco com os jogadores que quisesse contratar. Com isso, pode-se pressupor que o convencimento para que um técnico siga em um clube passa pela constituição de um plantel que corresponda às suas expectativas, o que pode representar um investimento financeiro alto para a contratação de jogadores por parte do clube. Desse modo, há uma aproximação entre uma determinada lógica econômica e promoção de um projeto esportivo que seja competitivo. Contudo, Menotti respondeu que não gostaria de contratar ninguém, mas que queria retirar do elenco atletas importantes e com prestígio que estariam atrapalhando a transição de jogadores das categorias de base para a equipe profissional. De algum modo, indicando que os jogadores com notoriedade estariam tirando o espaço para os jovens em formação no clube. Portanto, sua concepção esportiva desconsideraria as variáveis econômicas. Além disso, pode-se dizer que

sua ênfase estaria na formação dos jovens das categorias de base para o futebol profissional. Considerando aquilo que foi dito por Menotti, é possível deduzir também que, nesse panorama, a equipe ainda poderia ser competitiva e brigar por títulos. Em relação ao cálculo econômico, tanto suas escolhas profissionais, como também sua concepção esportiva, deixariam esse elemento de fora.

Essa conversa teria acontecido depois da conquista de um título que, segundo Menotti, na contemporaneidade, quando vencido pelo Real Madrid, possui um valor simbólico maior do que em sua época como treinador do Barcelona.

**P.** Estaba hablando de la importancia del entrenador.

**R.** Eso es, quería hacer un reconocimiento muy profundo del valor del entrenador. Es como el profesor, ¿qué influencia han tenido los profesores? Depende. Si eran buenos enorme, al 99%. Si eran malos, una mierda.

Aqui, Menotti diz que reconhecer um valor muito profundo no ofício de treinador e traça um paralelo com o trabalho de professor, pontuando que a influência de um docente na vida de um aluno depende de sua qualidade, se é bom ou mau professor. Em alguma medida, também há uma correspondência entre a posição que ocupam os alunos e os jogadores de futebol. Portanto, um treinador de futebol possui um papel pedagógico e ensina sobre futebol para os seus jogadores. Do mesmo modo, existem treinadores ruins que são incapazes de influenciar na formação de um jogador de futebol. Contudo, em um primeiro momento, Menotti não apresenta elementos que permitam distinguir o que seria um bom ou mau professor.

**R.** Odié las matemáticas porque durante tres años me amargaron la vida tres profesoras a cual más idiota... Pero me enamoré de la química porque el profesor llegó el primer día fumando, llenó el pizarrón de fórmulas y nos dijo: "Esto se lo tendrían que aprender para el martes. Pero es imposible". Y nos dijo: "Esto es para que sepan que la vida es como la química: hay que interpretarla".

Menotti resgata sua experiência pessoal como aluno para justificar seu argumento. Disse que odiou as matemáticas porque três professoras “idiotas” passaram pela sua vida – o ex-treinador argentino não detalha o que fez com que ele desgostasse das aulas dessas docentes. Por outro lado, disse que se apaixonou pela química porque um determinado professor entrou na sala da aula fumando, preencheu a lousa com fórmulas e disse que, assim como a vida, é necessário interpretar a química. Dessa forma, em primeiro lugar, a mediação entre Menotti e seu professor de química não passou pelo conteúdo em si – portanto, pelo componente técnico –, mas pela relação intersubjetiva que o docente conseguiu estabelecer com Menotti quando ele era aluno. Ou seja, o que distinguiu esse professor não foi o acúmulo de conhecimento demonstrado por ele, mas como ele apresentou a química para o estudante Menotti.

No mais, considerando que em contraposição às fórmulas colocadas na lousa, que seria impossível que os alunos dominassem até terça-feira, o professor enfatizou a dimensão hermenêutica da relação com a química, ensinado que os alunos deveriam aprender a interpretar o conteúdo, é possível afirmar que o enfoque não estava na capacidade de decorar e repetir determinadas fórmulas, mas na formação para que o próprio aluno fosse capaz de compreender a química enquanto matéria. Portanto, a pedagogia está para além da normatização e da relação instrumental com determinada matéria. Assim, nota-se uma caracterização do que seria um bom professor. No mais, tendo em vista que os alunos deveriam dominar determinadas fórmulas até terça-feira, mas o próprio professor admitiu que isso seria impossível, também podemos verificar a presença de um determinado comportamento contestatório, porque haveria um projeto pedagógico que indicaria que a matéria deveria ser ensinada em um tempo específico, mas o próprio docente informou que isso não seria possível e deliberou que o conteúdo fosse trabalhado de outra maneira.

Desse modo, em relação ao paralelo apresentado com o ofício de um treinador, pode-se deduzir que, em primeiro lugar, a sua qualidade está para além do arcabouço técnico que é capaz de dominar, considerando a ênfase nas relações interpessoais e no aspecto intersubjetivo que caracterizaria o trabalho de um bom professor. Portanto, a influência que um técnico é capaz de exercer em seus jogadores depende do vínculo formado com o elenco. Além disso, da mesma forma que o moco como a química foi apresentada para o aluno Menotti foi importante para que seu encantamento acontecesse, pode-se dizer que a maneira como um técnico apresenta e ensina futebol para os seus atletas também é uma dimensão fundamental. Com isso, mais uma vez, o elemento pedagógico ganha destaque em relação ao ofício de um técnico. Por fim, em decorrência da ênfase na hermenêutica, tendo em vista que a química deve ser ensinada assim como a vida, considera-se a hipótese de que o papel de um treinador seria, portanto, ensinar seus jogadores a interpretar o jogo de futebol.

**P.** Yo creo que el profesor anda un poco devaluado...

**R.** No sé en España. Aquí hace 50 años que se produjo la desculturización. Es preocupante. La marginalidad ha llegado a la clase media-alta. Hubo quien se mató por las ocho horas de trabajo por jornada y ahora la gente hace 14 para poder vivir y no se queja...Eso sumado a que un país rico entre comillas produce miserables en el poder.

O entrevistador menciona que os professores são desvalorizados, o que Menotti responde dizendo que, na Argentina, há 50 anos, foi produzido o processo de desculturalização. Aqui, o ex-treinador apresenta um diagnóstico de época em relação ao que aconteceu em seu país de origem e que não representa um fenômeno propriamente contemporâneo. Em sequência,

apresenta elementos que articulam aspectos de ordem política e social, ao mencionar que a criminalidade atingiu a classe média alta, que existe uma resignação com a sobrecarga de trabalho, necessária para garantir as condições básicas de existência, o que também indicaria uma precarização das condições, e o surgimento de miseráveis no poder em um país que, de alguma forma, pode ser considerado como rico. Esse elemento é importante porque, em alguma medida, Menotti aponta uma contradição, ao mencionar a riqueza Argentina, mas dizer que os políticos produzidos pelo país – o que, de certo modo, indica uma consequência própria do contexto argentino – são miseráveis. Aqui, considerando a estrutura, pode-se deduzir que são figuras miseráveis do ponto de vista moral. Desse modo, o processo de desculturalização articula o aumento da violência social e da pobreza com a ascensão política de indivíduos que seriam desprezíveis.

**R.** Y lo primero que han hecho ha sido robarle a la gente el sentido de pertenencia. Parece que todo es suyo, incluso el fútbol. Cuando el gobernador hace una calle parece que la ha pagado de su bolsillo. Nos robaron la música, nos roban los parques, las plazas y hasta el fútbol. Y luego se extrañan que la gente se canse y acampe en las plazas.

Em relação aos miseráveis no poder, Menotti complementa dizendo que a primeira coisa que foi roubada do povo foi o sentido de pertencimento. Ou seja, trata-se de um processo que atinge a constituição da identidade do povo argentino, como se os objetos elementares para as experiências sociais que vinculam os cidadãos com a nação tivessem sido roubados. Em alguma medida, refere-se a uma apropriação particular daquilo que pertence ao domínio público, porque o que foi roubado do povo se converte em uma posse dos miseráveis do poder, o que inclui o futebol. Desse modo, pode-se supor que há uma relação entre o processo de desculturalização e um esvaziamento das experiências sociais vividas no espaço público, que teria como consequência uma crise no senso de pertença do povo argentino. Por isso, quando Menotti menciona que a música, os parques, as praças e o futebol foram roubados, é possível afirmar que o ex-treinador argentino está apontando elementos que comporiam a formação da identidade argentina e que teriam sido surrupiados pela ascensão de miseráveis no poder. Nesse momento, o futebol é apresentado como mais um fenômeno público fundamental para a formação da identidade do seu país. Assim, há um processo em curso nos últimos 50 anos que transformou a experiência social de uma nação com o futebol.

Entretanto, em relação ao “roubo” feito pelos miseráveis do poder, não fica claro se Menotti está falando estritamente de um processo que fez elementos importantes para a cultura argentina perderem seu caráter popular, ou se há também uma crítica ao que podemos interpretar como uma prática corrupta, ao apropriar em âmbito privado aquilo que é de domínio

público. Por fim, Menotti vê como consequência do processo de desculturação que a população se mobilize politicamente e manifeste seu descontentamento. Ao que parece, com uma expressão simbólica, ao ocupar as praças que, segundo Menotti, teriam sido roubadas da população.

**P.** ¿Les entiende?

**R.** Claro que les entiendo, esto es una mierda. No me quiero transformar en un escéptico, pero soy un pesimista feroz...

Aqui, Menotti expressa sua compreensão com as mobilizações populares que seriam uma resposta ao processo de desculturação que ocorre na Argentina. Ao explicar sua posição particular sobre essa situação, o ex-treinador se identifica como um pessimista feroz, o que representa uma posição que manifesta pouca esperança em relação ao futuro, como se fosse improvável que a conjuntura descrita por ele pudesse melhorar. Em alguma medida, pode-se dizer que, por dedução, há uma espécie de concepção normativa subjacente que sustenta a crítica elaborada por Menotti e que representaria o que seria um porvir mais razoável do ponto de vista social.

**R.** Después de lo que he vivido, me siento un marxista hormonal, sin más explicación ideológica. Durante 70 años de mi vida he comprobado el desastre que ha hecho el capitalismo en todo lo que me rodea, incluido el fútbol. Este país no tiene sentido.

Em seguida, Menotti afirma que sua vivência fez com que ele se transformasse em um marxista hormonal, um posicionamento que estaria para além de qualquer justificativa no âmbito dos valores políticos. Desse modo, a posição política em que Menotti se encontra está fundamentada em uma raiz afetiva, praticamente instintiva, como se fosse uma reação biológica inevitável pelas experiências sociais que foram vividas em seu corpo. De alguma forma, uma posição política que constituiu para além da dimensão moral. Além disso, ao afirmar-se um marxista, evidentemente, mesmo que entenda que não sejam necessárias maiores justificativas ideológicas, Menotti se situa no campo político da esquerda, alinhado com uma tradição crítica ao capitalismo e que defende a ascensão da classe trabalhadora ao poder. Um posicionamento que decorre das experiências vividas por ele.

Nesse sentido, o ex-treinador afirma que durante 70 anos de sua vida, ele pôde observar o desastre promovido pelo capitalismo em tudo, inclusive no futebol. Dessa forma, sua crítica ao modo de produção capitalista fica ainda mais clara, ao abordar esse sistema econômico, político e social como um promotor de desastres. Assim, há uma articulação entre o processo de desculturação da Argentina, seu “marxismo hormonal” e a crítica feita aos efeitos do capitalismo. Além disso, ao situar em sete décadas as destruições protagonizados pela ordem capitalista, no que se refere ao futebol, pode-se afirmar que seus efeitos sobre o jogo – que, para

Menotti, são perversos – já poderiam ser notados na metade do século XX. Do mesmo modo, ao traçar uma linha do tempo entre esse período e o momento em que a entrevista foi dada, como se houvesse uma continuidade desde então, Menotti sugere um recorte histórico em que se pode perceber sequencialmente como o modo de produção capitalista teria agido em função daquilo que, para ele, seria a destruição do futebol. Portanto, tratar-se-ia de um processo antigo.

No mais, considerando que o ex-treinador aponta as consequências do capitalismo em tudo que lhe rodeia, pode-se supor que esse processo aconteça para além das fronteiras da Argentina, que é o norte de sua crítica.

**P.** ¿A qué le suena eso de "fútbol para todos" que pregona el gobierno?

**R.** El fútbol se lo robaron a la gente, ya no les pertenece. Por eso, la selección Argentina ya solo tiene espectadores. El que entiende de fútbol no va más, no tiene público, sino espectadores.

Ao responder sobre uma iniciativa do governo argentino que promoveria o “futebol para todos”, Menotti repete o que já havia aparecido outrora na estrutura de sentido de sua entrevista: o futebol foi roubado e não pertence mais ao povo, caracterizando, mais uma vez, um processo de despopularização do futebol. Nesse sentido, o ex-treinador afirma que, como consequência desse fenômeno, a seleção argentina só possui espectadores, já que o público, aqueles que entendem de futebol, não acompanham mais a equipe nacional. Portanto, Menotti estabelece uma conexão de sentido entre a crise de pertencimento do povo argentino em relação ao futebol e a mudança no perfil daqueles que acompanham os jogos da seleção argentina. Ao criar uma contraposição entre espectadores e público, pode-se supor que essa diferenciação aponta para uma transformação em que aquilo que poderíamos definir como massa ou povo, abriria espaço para uma condição que pode ser a do espectador de um show, espetáculo, programa televisivo etc. Desse modo, para além da condição de observador, é possível compreender que haja uma proximidade em seu significado entre o espectador e o consumidor, o que significaria uma mudança na qualidade da relação com o futebol, mais uma vez, podendo haver uma apropriação daquilo que é público pela esfera privada. Nesse caso, em sendo um aspecto ligado ao consumo, tratar-se-ia de uma transformação mediada pelo mercado. Assim, ao mencionar que aqueles que entendem de futebol não pertencem mais ao jogo, podemos interpretar que se trata de uma compreensão para além dos elementos técnicos que compõe o jogo, apontando, na realidade, para indivíduos que estariam vinculados culturalmente e socialmente ao futebol. Ou seja, gente que possuiria uma relação de pertencimento com o futebol. Por isso, ao eleger a seleção nacional como um exemplo desse fenômeno, o ex-treinador aponta para os efeitos dessa

mudança em um tipo específico de relação com o jogo, em um contexto que cumpriria um papel simbólico na representação nacional.

**R.** ¿Qué lugar ocupa el fútbol en un estado? Es un negocio, bienvenido sea; si es un gran negocio que se come los tiempos, malo. Y así hemos acabado. El fútbol es educativo pasional, un lugar de expresión y el estado debe tener cierta vigilancia en tanto son sociedades sin ánimo de lucro.

Desse modo, Menotti faz uma pergunta retórica sobre qual é o lugar que o futebol ocupa no Estado, traçando uma relação entre o jogo e a política, o que está presente na pergunta elaborada pelo entrevistador. Como resposta, ex-treinador argumenta que se o futebol for tratado com um negócio, não é um problema. Assim, fica evidente que, por princípio, não há nenhuma oposição de Menotti para que o jogo seja integrado ao universo da economia. Contudo, se o futebol for pensado como um grande negócio que “come os tempos”, seria temerário. Com isso, já há uma distinção, do ponto de vista da escala dos empreendimentos econômicos, distinguindo aquilo que seria positivo para o próprio futebol. Nesse sentido, pode-se sugerir que a diferenciação sobre a ordem de grandeza dos negócios aponte o volume de circulação monetária que aconteceria envolvendo o jogo, como também pode estar relacionado com a sua internacionalização em uma economia globalizada. Além disso, a expressão “comer os tempos” pode ser interpretada de diferentes formas. Em primeiro lugar, é possível que aponte para um tipo de negócio que estaria destruindo as tradições, solapando vínculos construídos historicamente e culturalmente, que seriam fundamentais para a formação da identidade de sujeitos. Por outro lado, também pode indicar para um modelo econômico que produza o fenômeno da aceleração social, em que a experiência social estaria sendo vivida acompanhada por uma sensação de que o tempo foi reduzido. As duas hipóteses não são excludentes e podem, inclusive, ser compreendidas como fenômenos complementares. Com isso, para Menotti, não é um problema em si mesmo que o futebol esteja integrado às dinâmicas da economia, mas sim segundo qual lógica econômica ele está operando. Segundo o ex-treinador, o lugar ocupado pelo futebol dentro do Estado seguiu o segundo caminho.

Em seguida, Menotti afirma que o futebol desempenha um papel pedagógico, enquanto um espaço que educa as pessoas através dos afetos. Isso indica que o jogo possui uma função social na construção da cidadania, enquanto um processo de formação de um determinado tipo de sujeito. Além disso, o futebol também é um espaço de expressão – o que pode estar vinculado com sua dimensão socioafetiva e educacional –, o que representaria um espaço aberto em que os indivíduos manifestariam um conjunto de ideias, valores, crenças etc. Nesse sentido, pode-se dizer também que, enquanto espaço de expressão, o futebol é um lugar para a manifestação da criatividade e inventividade, o que significaria também alguma forma de liberdade para a

criação dos indivíduos. Com isso, pode-se perceber a compreensão do futebol como uma expressão cultural que possui uma finalidade pública. Por essa razão, o ex-treinador diz que o Estado deveria ser vigilante, considerando que a maioria dos clubes são entidades sem fins lucrativos. Portanto, considerando que Menotti está mencionado os clubes, pode-se pensar que o futebol profissional também está incluído ao considerar a dimensão pedagógica e cultural do jogo. Assim sendo, seria um papel da política proteger o futebol em decorrência de sua finalidade pública.

**R.** Pero ha mirado a otro sitio con las sociedades anónimas y han desaparecido clubes históricos, se los han fundido. Aquí tuvimos a grupos inversores que vendían por tres millones de euros y al club entraban 300.000, el resto para ellos. El deporte en este país, a nivel organizativo, es un desastre, se llegó a hacer secretaría de deporte y turismo, ¡como si se pudiera ser sastre y carnicero! Es de locos. Los militares siempre pusieron al más tonto al frente de deporte, siempre.

Entretanto, Menotti argumenta que as políticas do Estado deram prioridade ao desenvolvimento das sociedades anônimas, o que pode ser entendido como um fortalecimento do modelo empresarial para a gestão de clubes de futebol. Isso promoveu o desaparecimento de equipes históricas, que em alguns casos teriam sido fundidas com outros times. Com isso, pode-se dizer que, ao invés da política proteger o futebol em nome de sua finalidade pública, houve um crescimento da inserção da lógica de mercado na organização institucional dos clubes. Portanto, como se um fenômeno de ordem pública começasse a operar segundo os princípios da iniciativa privada. Desse modo, considerando que o enfraquecimento do sentido de pertencimento do povo argentino com o futebol é um elemento que norteia todo o raciocínio desenvolvido por Menotti em sua entrevista, pode-se supor que o desaparecimento dos clubes históricos, que também representariam uma forma de apagamento da memória, seria mais um aspecto que contribuiria para que o futebol deixasse de pertencer ao povo. Além disso, tendo em vista que equipes históricas deixaram de existir, é possível afirmar também que há uma crise daquilo que seria a tradição do futebol argentino, considerando que a história estaria sendo solapada pela lógica de mercado. Todos esses elementos comporiam uma miríade que formaria a identidade argentina e sua relação com o futebol.

Em seguida, o ex-treinador menciona que grupos de investidores chegaram a futebol argentino e promoveram vendas que, no momento da arrecadação, ficou para o clube somente 10% do valor total. Mesmo que Menotti não especifique o que está sendo vendido, em seu argumento, mostra-se como o futebol torna-se um meio para enriquecimento de investidores que ficariam com uma parcela significativa do dinheiro que seria arrecadado pelo clube. Ou seja, um esporte que possuiria uma finalidade pública seria apropriado em nome do enriquecimento privado. Por fim, Menotti diz que o esporte na Argentina, do ponto de vista

organizacional, é um desastre, o que também seria uma responsabilidade do Estado. Essa hipótese ganha força quando o ex-treinador menciona que, em um dado momento, conjugou-se as pautas do turismo e do esporte em uma mesma secretaria nacional e que durante Ditadura Militar um sujeito menos capacitado do ponto de vista cognitivo – em suas palavras, um “tonto” – sempre era nomeado para cuidar do esporte.

**P.** ¿Le quedan ganas de volver entrenar?

**R.** Sí, pero acá no. Yo veo la cancha y soy como el músico que ve una guitarra. Pero aquí no, para nada. Hay veces que estoy viendo las inferiores del Barça, que las veo por la televisión, y pienso: "Yo podría armar un equipo de inferiores y ganarles, pero los jugadores me durarían seis meses; el presidente vendería a medio equipo con 16 años. Es una vergüenza.

Questionado se desejaria voltar a treinar, Menotti responde que sim, mas não na Argentina. Mais uma vez, isso indica a especificidade do contexto argentino na crítica elaborada pelo ex-treinador. Nesse sentido, Menotti menciona que acompanha os jogos das categorias de base do Barcelona, o que lhe provoca o desejo de voltar a treinar jogadores ainda em formação, considerando que se sente qualificado para armar uma equipe que seria capaz de vencer os jovens atletas que atuam no time catalão. Contudo, segundo o ex-treinador, o presidente desse clube hipotético iria negociar metade da equipe ainda aos 16 anos, com somente seis meses de convívio com os jogadores. Aqui, Menotti expõe a lógica econômica que organizaria de maneira hegemônica o funcionamento dos clubes no futebol argentino. Ou seja, antes mesmo de chegarem ao futebol profissional, os atletas já seriam negociados. Portanto, o processo de formação de atleta seria voltado para, ainda jovens e no tempo mais curto, vender esses jogadores no mercado de transferências de atletas, o que significaria que eles sequer chegariam a atuar pela equipe profissional, o que seria uma vergonha. Considerando elementos que compõe a estrutura de sentido da entrevista de Menotti, é possível dizer que esse princípio mercadológico é contraditório com o papel didático que o ex-treinador atribui ao ofício de um técnico, estabelecendo um paralelo com o trabalho de um professor. Com isso, é possível mencionar que nesse trecho há uma tensão entre a lógica econômica e um determinado imperativo moral, que se pode entender que deveria nortear os trabalhos desenvolvidos pelas equipes nas categorias de base. Ou seja, são princípios distintos que fundamentam uma determinada compreensão do que é futebol. No limite, pode-se afirmar que Menotti critica um modelo de gestão empresarial do futebol que enxerga os jovens jogadores do clube como *commodities*, como também é possível supor que os jogadores estariam sendo negociados sem ainda completar o seu processo de formação, tendo em vista que o prazo mobilizado por Menotti para efeitos explicativos (“seis meses”), representaria um curto espaço de tempo.

**P.** ¿Usted es de los que señalan a Grondona?

**R.** No. Bueno, Grondona tiene la culpa, claro que la tiene, por definición la culpa es suya antes que nadie. Pero no es el único. ¿Dónde están los otros proyectos? ¿Cuál es la permisividad que ha tenido el fútbol argentino con Grondona? O es miedo. Lleva 35 años haciendo lo que le da la gana. Aquí hay algo más grave, se han destruido instituciones maravillosas, Ferrocarril, Platense. Bueno, también ha pasado en España... Ver al Tenerife en Segunda B o la desesperación del Cádiz.

Perguntado sobre Grondona, que comandou a Associação de Futebol Argentino por mais de 30 anos, Menotti critica o antigo gestor, mas também argumenta que houve uma oposição tímida à sua administração, sem propostas para novos projetos esportivos ou um limite imposto para suas ações, mencionando, inclusive, que o medo também pode ser um elemento que comporia essa resignação. O mais grave, segundo Menotti, seria que, nesse contexto, instituições históricas do futebol argentino teriam sido destruídas. Mais uma vez, a tradição no futebol é um aspecto valorado positivamente pelo ex-treinador. Nesse sentido, haveria uma relação entre o desmantelamento de clubes históricos do futebol argentino e a maneira como os gestores do ludopédio nacional agiram no decorrer do tempo.

Esse trecho é relevante considerando que Menotti amplia sua crítica para além das fronteiras da Argentina, mencionado como instituições históricas do futebol espanhol também teriam sido enfraquecidas. Desse modo, é possível dizer que, mesmo que existam particularidades em relação ao que acontece na Argentina, o ex-treinador está abordando um fenômeno que possui elementos universais, que se reproduzem para além de sua terra natal. Assim sendo, da mesma forma que o Ferrocarril e o Platense foram destruídos, Tenerife e Cádiz teriam passado pela mesma situação na Espanha.

**P.** ¿En Argentina no existiría una figura como Guardiola?

**R.** No, Guardiola hay uno, pero llegado el caso, no le dejarían existir. Lo asesinarían antes. Aquí lo que hay son *Mourinhos* o tipos como él, que solo piensan en ganar y cuando pierden no es culpa suya; los conocemos hace mucho tiempo. Vaya personaje. Tiene unas contradicciones muy grandes.

Quando questionado se em seu país natal haveria uma figura como Guardiola, Menotti responde que o treinador catalão é único, mas que, caso houvesse alguém como ele no futebol argentino, existiria um contexto que impossibilitaria seu surgimento. Dessa forma, em primeiro lugar, Guardiola é representado como um acontecimento histórico único que não pode ser reproduzido. Portanto, a ênfase em está em sua individualidade, em um traço pessoal que constitui quem ele é. Além disso, ao argumentar que haveria uma conjuntura no futebol argentino que impossibilitaria a ascensão de uma figura similar ao técnico catalão, Menotti está sugerindo que para além do indivíduo, também se faz necessário que exista uma situação, que é de ordem social – considerando que a abordagem sobre o ludopédio é feita em dimensões

nacionais –, propícia para que determinados sujeitos ganhem notoriedade. Com isso, pode-se interpretar essa correlação como uma dimensão cultural do futebol, que é condicionante para que alguém como Guardiola possa emergir. Assim, trata-se de uma conjunção entre a singularidade de um sujeito e um contexto social e cultural com condições favoráveis. Ao falar em “assassinato” de modo alegórico, o ex-treinador sugere com que virulência seria tratado alguém que representaria algo próximo do que representa Guardiola.

**R.** Hace poco, un amigo se fue a España y asistió a los entrenamientos de Mou. También fue a ver los de Pep. Me dijo que no entrenan tan distinto, que es muy parecido lo que hacen, que Mou entrena muy bien. Conceptualmente son muy parecidos. Pero en el campo, a la hora de la verdad, no tiene nada que ver. Mourinho hay muchos, Guardiola hay uno solo... El Barça y la selección española han hecho un gran bien al fútbol, se lo agradezco

Aqui, Menotti define uma oposição entre Guardiola e Mourinho. Ao falar sobre Mourinho no plural e mencionar a existência de tipos como ele, pode-se afirmar que para o ex-treinador não há nenhuma característica específica que torne o técnico português um sujeito distinto como é Guardiola. Inclusive, os traços presentes em seu trabalho comporiam um perfil mais amplo, em que outros treinadores também seriam incluídos. Com isso, tendo em vista que Menotti argumenta que figuras como Guardiola não sobreviveriam no futebol argentino e que o perfil hegemônico dos treinadores presente no país assemelha-se a Mourinho, é possível deduzir que o contexto do futebol de sua terra natal, em âmbito social e cultural, propicia condições favoráveis para que tipos parecidos ao técnico português apareçam.

Nesse sentido, ao definir quem seriam os “Mourinhos”, Menotti diz que são treinadores que só pensam em vencer e não se responsabilizam no momento das derrotas. Pode-se dizer que isso significaria a existência de uma determinada relação entre o jogo e o resultado que diferenciaria Guardiola e Mourinho, em que o técnico catalão representaria um determinado perfil que enxerga o futebol para além do resultado, enquanto os tipos semelhantes ao técnico português estabeleceriam um vínculo com o jogo mediado, exclusivamente, pelas vitórias, o que pode ser entendido também como uma relação instrumental com o futebol. Desse modo, a diferença entre ambos residiria também no plano da ética, em que os valores morais que fundamentam suas respectivas concepções de futebol constituem aspectos estruturantes. Por oposição, pode-se deduzir que a relação de Guardiola com o jogo não é instrumental. Dessa forma, considerando que Menotti está apresentando o contexto do futebol argentino, abordando a possibilidade de alguém como Guardiola surgir em seu país, pode-se afirmar que esse dilema ético presente na tensão entre a individualidade de Guardiola e tipos como Mourinho se recoloca também em dimensões nacionais. Ou seja, existiria uma disputa de valores no futebol argentino e haveria um alinhamento maior com o perfil de treinadores que estabeleceriam uma

relação instrumental com o jogo. Por essa razão, afirma-se a relevância das dimensões sociais e culturais para a ascensão de determinados perfis de técnicos.

Além disso, Menotti argumenta que um amigo acompanhou os treinamentos de Guardiola e Mourinho e constatou que, do ponto de vista metodológico e conceitual, ambos são parecidos, o que sugere que a diferença fundamental entre ambos não está vinculada majoritariamente ao componente técnico do ofício de um treinador. Desse modo, tendo em vista a distinção atribuída à Guardiola por parte de Menotti, considerando que o técnico catalão representa um acontecimento único, pode-se afirmar que as qualidades que diferenciam um técnico de outro estão para além do arcabouço técnico que dominam para o exercício dessa profissão. É importante frisar que, de maneira nenhuma, Menotti indica que esse aspecto não seja relevante. O que na realidade ele afirma é que a individualidade que distingue Guardiola e Mourinho está para além dos elementos conceituais e metodológicos.

Com isso, o ex-treinador afirma que no momento do jogo, naquilo que Menotti denomina como “a hora da verdade”, como se fosse um momento em que a aparência sucumbiria para que emergisse a essência, os dois treinadores em nada se parecem. Desse modo, há uma influência de Guardiola que se nota na “hora da verdade”, quando acontece o jogo jogado, mas que está para além do conteúdo técnico que domina para o exercício de sua profissão. Ou seja, a ênfase está na individualidade e em um aspecto intersubjetivo, que se sobreporia aos componentes técnicos referentes ao trabalho de um treinador.

**P.** Como Messi...

**R.** Yo creo que hubo cuatro reyes y el quinto no ha aparecido. Di Stéfano, Pelé, Cruyff y Maradona. Ahora estamos esperando al quinto, que será Messi o, de momento, no será nadie. Es el que está más cerca, pero no le vas a dar la corona a los cinco años. Para darle a Messi la corona habría que verle fuera del Barcelona, conseguir lo de Maradona en el Nápoles. Aquello era una banda y la convirtió en una orquesta. Messi es un lujo, una cosa maravillosa, pero habría que verlo. No tiene nada que demostrar para ser el mejor del mundo. Pero le falta un escalón para ser el mejor. No dudo que puede llegar a tener la corona del quinto rey, pero no todavía. Pero ¿sabe qué es lo mejor?

**P.** No...

**R.** Que Messi aprende. Antes, cada vez que cogía la pelota, se le habría ocurrido ganar el partido. Ya no. Ha evolucionado. Ahí se nota la mano del maestro. Qué hubiera sido de estos jugadores sin Pep... ¿Te imaginas a Piqué sin Pep?

**P.** Tampoco.

**R.** Piqué es Beckenbauer, es un futbolista de un talento enorme, pero dudo que otro entrenador le permitiera lo que le permite Pep. Esto no es libertad, la libertad no se le da a nadie en el campo, se gana desde el conocimiento. Tú en tu trabajo le das libertad a un tonto y te arruina el periódico. Esto es lo mismo; le tienes que decir a los jugadores qué han de hacer porque no pueden hacerlo ellos. Se juega libre dentro de una idea y de un funcionamiento. Piqué no hace lo que le da la gana. En el Barça no

hay libertad absoluta, hay unas normas que permiten ser a los jugadores muy libres y muy felices, pero hay unas normas.

Nesse conjunto de perguntas e respostas, em primeiro lugar, Menotti afirma que Messi pode ser o “quinto rei” da história do futebol, mas que, para isso, precisaria exercer uma influência similar à Maradona no Napoli que, através do seu jogo, transformou uma banda em uma orquestra. Portanto, sua individualidade foi fundamental para transformar o jogo coletivo da equipe italiana. Contudo, o aspecto central no argumento de Menotti está quando o ex-treinador menciona a influência de Guardiola na evolução de Messi, afirmando que, anteriormente, o craque argentino pensava em vencer a partida a cada momento que estava com a bola, mas que, após trabalhar com o treinador catalão, isso mudou. Com isso, em primeiro lugar, o ex-treinador indica que um técnico, ao realizar bem o seu ofício, é capaz de contribuir para o desenvolvimento dos seus jogadores, tornando-os melhores. Além disso, indica também que um treinador é capaz de contribuir para a evolução de determinadas características do jogo dos seus atletas, como se fizesse parte do seu processo de formação enquanto jogador de futebol. Sobre isso, para além de Messi, Menotti também resgata Piqué, mas ressaltando que o desabrochar de suas potencialidades dependeu das condições pré-estabelecidas por Guardiola para que suas características fossem desenvolvidas.

Sobre isso, Menotti sugere um debate sobre a liberdade dos jogadores de futebol, dizendo que nenhum treinador outorga liberdade para seus atletas dentro de campo, mas que ela é conquistada através do conhecimento. Com isso, a participação de um determinado jogador em campo está relacionada com os aspectos ligados à sua capacidade de compreensão, interpretação e racionalização do jogo. Além do mais, o ex-treinador estabelece um vínculo em que o conhecimento precede a liberdade, o que sugere, em alguma medida, a necessidade de uma formação para a autonomia tendo em vista que, consecutivamente, sem conhecimento, o sujeito não seria livre. Por essa razão, Menotti diz que é necessário que se diga para os jogadores o que deve ser feito, porque as decisões não podem ser tomadas individualmente. Nesse sentido, o ex-treinador diz que os futebolistas são livres inseridos em uma determinada ideia e funcionamento coletivo. Ou seja, há uma normatização tática que não só precede, como também concebe, a liberdade dos jogadores dentro de campo. Por essa razão, inclusive, pode-se compreender, como está sugerido na afirmação de Menotti, que as escolhas em campo não podem ser individuais. Da mesma forma, a operação harmônica de um sistema de jogo específico é elemento estruturante para sua compreensão de futebol. Com isso, pode-se afirmar que há uma denominação do que é liberdade para Menotti, que só faz sentido ao estar em função do desenvolvimento coletivo de uma determinada ideia de futebol. Nesse sentido, o ex-treinador

diz que no Barcelona não há liberdade absoluta, mas normas que permitem aos jogadores serem livres e felizes, o que indicaria também uma satisfação pessoal ao jogar para desenvolver essa ideia de futebol em questão.

Dessa forma, pode-se notar que Menotti estabelece uma relação entre o desenvolvimento das características dos jogadores de futebol e sua liberdade dentro de campo, o que é mediado por uma determinada concepção de futebol. Nesse sentido, a autonomia inserida em uma ideia coletiva se apresenta como condição fundamental para que os próprios atletas possam evoluir enquanto jogadores. Assim sendo, o ofício de um treinador também consiste em formar para a liberdade, que sempre estará condicionada à uma determinada normatividade tática.

**P.** Se refiere a eso del 4-2-3, 3-4-3...

**R.** No, eso es un número de teléfono. 4-2-3-1, 3-4-5-1... Una vez le preguntaron a Di Stéfano cómo era posible que jugaran un 2-3-5 y contestó: "Pero tú qué crees, ¿que antes éramos pelotudos que con dos tipos defendíamos a cinco?"

Aqui, Menotti afirma que a representação clássica dos diferentes sistemas táticos é incapaz de deduzir as dinâmicas que acontecem no jogo. Ao comparar com números de telefone, o ex-treinador sugere como essa normatização do futebol teria pouco a dizer sobre o que é o jogo. Na anedota que envolveria Di Stéfano, um dos quatro reis mencionados por Menotti, indica-se que os papéis e as funções são mais complexas do que as posições indicadas pelos sistemas táticos. Em síntese, a tática está para além dos sistemas.

**P.** Usted se reunió con Pep hace unos años, cuando quería ser entrenador. ¿Qué descubrió en él?

**R.** Una cosa que le hacía diferente: el vino aquí con la idea muy clara, no vino como otros buscando que yo les llenara de inspiración, les dijera qué camino seguir como si fuera un Mesías... Vino con su idea y se fue con su idea. Estoy aburrido de hablar con entrenadores jóvenes que vienen a buscar la verdad. Pep no vino buscando que le dijéramos cómo se hacía. Él ya lo sabía. Me preocupa porque ahora le están esperando para dispararle...

Questionado sobre seu encontro com Guardiola, que procurou Menotti porque desejava se tornar técnico, o ex-treinador responde que sua diferença em relação aos outros técnicos está na convicção de suas ideias, como se houvesse uma ideologia que fundamenta sua concepção de futebol. Em alguma medida, pode-se dizer que isso representa um indivíduo autônomo, que delibera sobre os valores e sentidos que orientam seu pensamento e, nesse caso, suas ações como profissional. Nesse sentido, Menotti contrapõe a postura de Guardiola com o que percebeu em outros treinadores jovens que o teriam procurado como se fosse um Messias, capaz de indicar o caminho da “verdade” para ser seguido. Com isso, mais uma vez, nota-se a valorização da autonomia, considerando sua crítica àqueles que ao invés de possuírem uma

ideia própria sobre o jogo, buscam em outros sujeitos aquilo que seria a “verdade”, como se dependessem de uma divindade que revelaria uma essência. Assim sendo, além da autonomia, percebe-se como a autenticidade é outro aspecto valorizado por Menotti. Por essa razão, pode-se dizer que há um paralelo traçado entre elementos fundamentais para constituição do indivíduo moderno e as características ressaltadas por Menotti para a formação de um treinador, o que pode ser compreendido como mais um indício de uma noção formativa voltada para a autonomia.

Por fim, tendo em vista a recusa feita sobre uma possível verdade universal em relação ao futebol e o elogio à autonomia e autenticidade de Guardiola, por agir em nome de suas convicções, pode-se supor também que há uma valorização da pluralidade de ideias em relação ao jogo. Todavia, considerando as críticas feitas por Menotti anteriormente ao que seria um futebol que trai seu sentido de pertencimento, percebe-se que essa diversidade de pensamento seria valorizada a partir das premissas de uma determinada normatividade.

**P.** Bueno, yo diría que lo tiene asumido desde el primer día.

**R.** Pero tiene una ventaja; su pasado y eso no se puede cambiar. En su memoria uno coge del pasado las cosas que le sirven. Si uno no tuviera pasado, el presente no le serviría de nada. El Madrid puede fichar más y más, al final los tendrá a todos y ganará, pero el 5-0 del clásico en el Camp Nou es para toda la vida. Me pongo a pensar y no encuentro un partido como ese. Que yo haya visto y, por supuesto, participado. Mató a Mourinho para toda la vida.

**P.** Usted dijo que después de aquello, se cagó.

**R.** En mi barrio lo llamamos cagarse en las patas. Se cagó. Vi al siguiente partido a Higuaín, Adebayor, Benzema y Kaká en el banquillo y pensé: igual gana, pero se *recontracagó*. Es la mayor cobardía que he visto en un grande. Y con el Madrid, es inaudito. El toro no lo mató y el tipo salió corriendo y nunca más se acerco al toro. Pero es muy duro lo que le paso. Busca a ver quién salió humillado así de un clásico. Yo no lo recuerdo. Es muy duro, eh, muy duro.

Aqui, em primeiro lugar, Menotti afirma que o passado de Guardiola (provavelmente, referindo-se às suas experiências como jogador de futebol) é uma vantagem para o seu trabalho como treinador de futebol, em uma compreensão que considera que as experiências servem para o aprendizado. Desse modo, mais uma vez, nota-se uma valorização da individualidade, tendo em vista a valorização da história pessoal de um determinado sujeito. Ou seja, as experiências vivenciadas por um indivíduo específico constituem-se enquanto aspectos primordiais para a sua formação, inclusive, do ponto de vista profissional. Sobre isso, em momento algum Menotti menciona qualquer método que possa ser reproduzido ou ideia que deve ser repetida. Na realidade, mais uma vez, há uma ênfase na valorização de vivências de ordem pessoal.

Em segundo, o ex-treinador sugere a existência de um significado mais profundo do que o resultado em si mesmo. Ao mencionar uma goleada sofrida pelo Real Madrid para o Barcelona, por 5 a 0, Menotti diz que o Real Madrid seguirá contratando vários jogadores e, inevitavelmente, em algum momento, irá vencer, mas que isso não apaga a derrota sofrida para o seu rival e que isso seguirá registrado na história. Além disso, diz que no jogo seguinte, mesmo que pudesse vencer, o time madrileno, comandando por Mourinho, foi covarde. Dessa forma, pode-se afirmar, inicialmente, que existem jogos com um significado mais profundo que, mesmo que o Real Madrid contrate diversos atletas e consiga ser campeão, isso possuirá um valor simbólico inferior em comparação com a goleada sofrida. Nesse sentido, em alguma medida, pode-se perceber que há uma sobreposição de um determinado valor simbólico em relação à lógica de mercado, tendo em vista que a pujança econômica pouco significaria após uma derrota como a que aconteceu no jogo entre Real Madrid e Barcelona.

Além disso, ao comentar o jogo seguinte e as escolhas feitas pelo então treinador do clube, mesmo que fosse capaz de ganhar o jogo, essa vitória seria menos valorizada pela postura covarde adotada pelo time. Desse modo, nota-se que Menotti compreende o estilo de jogo de uma equipe como uma afirmação de um determinado conjunto de valores, que representariam o que seria a honra. Portanto, mais importante do que vencer, seria vencer com orgulho, o que indica uma moralidade que baseia sua concepção de futebol.

**P.** ¿Qué le pasa a Argentina que hace malo a Messi?

**R.** Cuando digo que el fútbol argentino ha sufrido una desculturización, no me refiero a que antes leyeran a Borges. La cultura del fútbol era que si te la daba mal, te miraban los 10 jugadores.

Perguntado por que a seleção argentina faz mal a Messi, Menotti retoma o tema da desculturalização do futebol de seu país. Nesse sentido, argumenta que, ao apontar para a desculturalização, não está dizendo que no passado os jogadores leriam Borges, o que significaria que em outro tempo o “nível cultural” dos atletas era maior ou que havia uma condição melhor para que os jogadores acessassem outras áreas do conhecimento. Na realidade, ao falar em desculturalização, o ex-treinador estaria apontando para a própria cultura do futebol, como se houvesse um conjunto de valores que comporiam o significado do jogo, mas que teriam sido esvaziados. Para exemplificar esse caso, Menotti menciona que, na cultura do futebol que pode ser entendida como tradicional, caso um jogador atuasse mal, os outros 10 atletas iriam cobrá-lo. Considerando que Menotti está respondendo uma pergunta sobre Messi, pode-se intuir que esse elemento pode ser uma das chaves explicativas para a razão pela qual, segundo ele e o entrevistado, o craque argentino não atuaria em bom nível por sua seleção nacional.

Contudo, pode-se dizer que, ao falar em cultura do futebol, um dos valores que seriam importantes para sua constituição de sentido se refere ao vínculo interpessoal entre os jogadores, o que teria sido transformado pelo processo de desculturalização.

*R. Mirá, ¿sabes que pasa con Argentina?*

*P. Le escucho.*

*R. El fútbol es como la vida, no te levantas a las seis de la mañana y te pones a buscar a la mujer de tu vida. La encuentras o no. Cada vez que la tocan, quieren ganar el partido. Es terrible, una verticalidad, un espanto. Para qué queremos un enganche si no tenemos a quién asistir. En el Barcelona hay asistidotes que tienen a quién asistir. Hay mas pases que goles. Y de eso se trata, de pasarse la pelota. No es tan difícil. Yo sé que tiene buenas intenciones Batista, pero...*

Em uma pergunta retórica, sobre o que acontece com o futebol argentino, Menotti diz que o futebol é como a vida. Com isso, pode-se dizer que todos os elementos que compõe a existência também estão presentes no futebol. Nesse sentido, o ex-treinador desenvolve seu argumento apontando que ninguém acorda às seis da manhã e começa a procurar a mulher de sua vida, porque pode-se encontrá-la ou não. Ou seja, assim como não há um controle racional sobre encontrar um grande amor, pode-se dizer que, ao equivaler o futebol e a vida, Menotti estaria afirmando a presença imanente do imponderável no ludopédio. Assim, seguindo seu raciocínio, o ex-treinador afirma ser espantoso que, a cada instante que a bola é tocada, os jogadores busquem vencer a partida, sugerindo uma outra mediação entre o jogo e os atletas que não seria o resultado.

Dessa forma, o ex-treinador aborda o Barcelona de Guardiola, dizendo que há mais passes do que gol e que essa seria a essência do jogo. Logo, como se a ideia consistisse em trocar passes até que o time fosse capaz de encontrar aquilo que seria a mulher da sua vida. De algum modo, pode-se supor que Menotti está afirmando que não é possível controlar racionalmente todas as variáveis em que o jogo acontece, o que inclui o principal momento da partida, representando em uma analogia com o encontro com um grande amor, o gol. Assim, no jogo jogado, haveria uma margem para o engano, o acaso, o aleatório etc., enquanto uma equipe em campo busca o gol. Por essa razão, estar com a bola e trocar passes consistiria em um meio para se viver até que se encontre a mulher da sua vida.

Portanto, considerando o que foi dito por Menotti, pode-se afirmar que o imponderável é um aspecto imanente do jogo de futebol.

*P. Le piden que juegue como el Barcelona.*

*R. Imbéciles. ¿Qué se creen, qué es muy fácil cantar como Serrat? No, es imposible.*

Aqui, mais uma vez, Menotti destaca a individualidade do Barcelona de Guardiola, comparando com Serrat, cantor espanhol, dizendo que a reprodução daquilo que é feito seria impossível. Com isso, pode-se afirmar que o ex-treinador reforça sua concepção em que haveria um limite para a repetição técnica, entendendo que nem tudo pode ser reproduzido, porque há uma margem de ordem individual que está presente em determinado processo.

*R. ¿Sabés que me llamó nada más salir del hospital? Le quiero mucho, ¡pero me retó el tipo! Me dijo, ¿oye viejo, por qué no dejás de joder y te dedicás a hacer algo mas importante en la vida que fumar?*

*P. ¿Y le hizo caso?*

*R. No fumo y estoy intentando escribir un libro en base a lo mucho que he escrito y a las entrevistas que guardo. No sé que saldrá, igual descubro los misterios del fútbol...*

Ao final da interação, Menotti retoma que parou de fumar, tema que iniciou a entrevista e, de alguma forma, assim como há semelhanças entre o futebol e a vida, ele se relaciona com o livro que tem escrito da mesma maneira que descobre os mistérios do futebol, sem saber o que sairá. Em alguma medida, preservando o engano.. Com isso, outra vez mais, percebe-se a ênfase naquilo que compõe o jogo e não pode ser deduzível através da razão. A margem para o imponderável, portanto, é presença certa e imprevisível tanto na vida de Menotti, como também dentro das quatro linhas.

### 3. ACELERAÇÃO SOCIAL DO FUTEBOL

#### 3.1 ACELERAÇÃO SOCIAL E A PERFORMANCE COMO VALOR EM SI MESMO

Para que se possa verificar quais seriam as condicionantes sociais que poderiam ter gerado o que seria o “futebol moderno” dentro de campo, faz-se fundamental apresentar o processo histórico de transformações estruturais da sociedade moderna e capitalista que produziram a vida social contemporânea.

Na modernidade clássica, a indústria e o Estado-nação foram as principais forças sociais, criadoras da ordem e agindo normativamente na promoção de determinados valores que organizavam a vida social. Grupos sociais, como a família e as classes sociais, exerciam um papel fundamental para a segurança ontológica dos indivíduos, inserindo os sujeitos em um processo de identificação de dimensão coletiva. Com o pacto de regulação da economia capitalista pelo poder político, surgiram a democracia liberal e, algum tempo depois, o Estado social. Entretanto, como argumentou Beck (2012), as transformações próprias do modo de produção capitalista, com um novo padrão produtivo e tecnológico, redimensionando sua capacidade de atuação em âmbito global, promoveram mudanças sociais profundas na estrutura clássica da sociedade moderna:

As fontes de significado coletivas e específicas de grupo (por exemplo, a consciência de classe ou crença no progresso) na cultura da sociedade industrial estão sofrendo de exaustão, desintegração e desencantamento. Estas deram apoio às democracias e às sociedades econômicas ocidentais no decorrer do século XX e sua perda conduz à imposição de todo esforço de definição sobre os indivíduos (BECK, 2012, p. 29).

Assim, Beck (2012) indica uma metamorfose na realidade social em que, a partir do enfraquecimento de grupos sociais que efetivavam a formação de identidades coletivas, os indivíduos estariam inseridos em uma nova configuração histórica e social.

Em relação aos vínculos sociais que produzem identidades coletivas, Giddens (2012) argumenta como a tradição ainda desempenhou uma função primordial na modernidade, em seu processo de racionalização do mundo, mesmo que em sentido diverso em relação ao papel que cumpriu no mundo pré-moderno. Por exemplo, a significação simbólica de uma determinada identidade nacional, compondo seu sentido cultural e político, decorria de uma construção ideológica produzida a partir de uma origem histórica e mitologia específicas, elaborando alguma tradição. Portanto, isso significa que “as primeiras instituições modernas não somente dependiam das tradições preexistentes, mas também *criaram algumas novas*” (GIDDENS, 2012, p. 144). Desse modo, esse processo foi essencial para que o Estado moderno,

enquanto instituição, viesse a ser legitimado. Todavia, a tradição teria sempre se realizado em comunidades locais, delimitadas em seu espaço e temporalidade, o que teria sido impactado decisivamente pelo processo de globalização. Nesse sentido, a mudança na relação entre tempo e espaço, segundo Giddens (2012), é fundamental:

Enquanto a tradição controla o espaço mediante seu controle de tempo, com a globalização o que acontece é outra coisa. A globalização é, essencialmente, a “ação” à distância; a ausência predomina sobre a presença, não na sedimentação do tempo, mas graças à reestruturação do espaço. (GIDDENS, 2012, p. 149).

Com isso, Giddens (2012) defende o surgimento da “sociedade pós-tradicional”, enquanto uma consequência das mudanças sociais produzidas por uma economia capitalista que se tornou globalizada:

A *sociedade pós-tradicional* é a primeira sociedade global. Até uma época relativamente recente, grande parte do mundo permaneceu em um estado quase segmentário, em que ainda persistiam numerosos grandes enclaves do tradicionalismo. Nessas áreas – e também em algumas regiões e contextos dos países mais industrialmente desenvolvidos –, a comunidade local continuou a ser forte. Nas últimas décadas, particularmente influenciadas pelo desenvolvimento da comunicação eletrônica global instantânea, estas circunstâncias se alteraram de maneira radical. Um mundo em que ninguém é “forasteiro” é um mundo em que as tradições preexistentes não podem evitar o contato, não somente com outros – mas também com muitos – modos de vida alternativos. (GIDDENS, 2012, p. 150).

Assim, Giddens (2012) não argumenta apenas que, com a ascensão da sociedade globalizada, o pluralismo cultural acontece em uma nova dinâmica, não mais limitado em um espaço local definido, fazendo com que o encontro regular com modos de vida alternativos se torne uma condição da sociabilidade contemporânea. O autor também aponta como a criação de um novo padrão produtivo e tecnológico, que engendra um novo fluxo intenso de capital e de informações, foi fundamental para que a globalização fosse capaz de atuar na vida cotidiana dos indivíduos. Desse modo, o enfraquecimento dos vínculos tradicionais modernos e coletivos, somado ao novo dinamismo da economia capitalista e da comunicação, criaram um novo processo social que transforma o indivíduo contemporâneo em um sujeito cada vez mais desenraizado. Sobre essas mudanças sociais, Beck (2012) afirma que:

Estas tornam o indivíduo um indivíduo – ou, mais exatamente, apenas um indivíduo – detentor de direitos (e de obrigações). As oportunidades, ameaças, ambivalências da biografia, que anteriormente era possível superar em um grupo familiar, na comunidade da aldeia ou se correndo a uma classe ou grupo social, devem ser cada vez mais percebidas, interpretadas e resolvidas pelos próprios indivíduos. (BECK, 2012 p. 21).

Desse modo, essa nova configuração histórica e social em que os indivíduos foram inseridos impacta decisivamente a política.

Segundo Bauman (2012), enquanto a economia começou a se realizar em dimensões globais, a política, através do Estado-nação, seguiu com sua capacidade de ação cada vez mais

restrita ao âmbito local. Como resultante desse processo, o Estado foi enfraquecido em sua condição reguladora de restrição dos movimentos do capital, o que promoveu um deslocamento no centro de poder, tendo em vista que “num mundo que se globaliza rapidamente, em que grande parte do poder – a mais importante – foi retirada da política, essas instituições não podem fazer muito para fornecer segurança e garantias” (BAUMAN, p. 13, 2020). Isso significa que uma das dimensões fundamentais para a debilidade do Estado na modernidade tardia reside na perda de seu predicado enquanto instituição apta para dirimir a insegurança social, através de mecanismos de segurança e garantias. Esse processo representa o que Beck (2012) conceituou como “sociedade de risco”<sup>33</sup> demonstrando como uma equação que conjuga o surgimento da economia globalizada, o enfraquecimento da política e o desenraizamento dos indivíduos, cria uma condição em que

Há desigualdades crescentes, mas as desigualdades e a consciência de classe perderam sua posição central na sociedade. E mesmo o eu [*self*] não é mais o eu inequívoco, mas se tornou fragmentado em discursos fragmentados do eu. Hoje em dia, espera-se que os indivíduos dominem essas “oportunidades arriscadas”, sem serem capazes, em razão da complexidade da sociedade moderna, de tomar as decisões necessárias em uma base bem fundamentada e responsável, ou seja, considerando as possíveis consequências. (BECK, 2012, p. 21).

Assim, em diálogo com Claus Offe, Bauman (2000) sintetiza como a separação entre poder e política representa um desvio na forma do Estado moderno:

Isso pode se situar no tempo remontando-se ao mencionado e fundamental desvio histórico do Estado moderno: a separação entre poder e política. Claus Offe deu expressão bem precisa aos vários aspectos desse fatídico divórcio. Dentre esses aspectos menciona (1) a implosão dos centros ortodoxos dos poderes econômico, militar e cultural outrora concentrados no Estado-nação mas hoje minados e sabotados tanto “por baixo” como “por cima”, (2) as transformações pós-modernas da morfologia social que levaram ao progressivo declínio do apoio das elites estabelecidas às instituições políticas, assim como da confiança geral nelas, o que resultou na nova volatilidade, fragmentação e rápida mudança das questões e focos de atenção pública; e (3) por fim, mas não menos importante, o fato de que “os agentes políticos perderam a segurança de seus papéis e domínios porque a economia política do capitalismo pós-industrial e global não fornece mais a clara definição dos ‘lugares dentro do sistema de produção’, em que outrora se basearam as formas de ação coletiva (partidos políticos, associações, sindicatos). (BAUMAN, 2000, p. 103).

Com isso, pode-se afirmar que, em alguma medida, a política se torna uma espécie de subproduto da economia, tendo em vista a produção social de um indivíduo fragmentado, desenraizado de referências coletivas estáveis e desprotegido com o enfraquecimento do Estado-nação enquanto instituição garantidora da segurança social. Assim sendo, faz-se necessário compreender em que dimensões as novas dinâmicas de uma economia global, cada

---

<sup>33</sup> BECK, U. “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 17.

vez mais desregulamentada, impactam a vida cotidiana dos indivíduos, o que já foi sugerido por Beck (2012) e Giddens (2012).

Nesse sentido, ao analisar o modo de produção capitalista através de suas determinantes estruturais e culturais, Rosa (2017) demonstra como o capitalismo globalizado se tornou capaz de condicionar a vida social. Enquanto sistema econômico e social, o capitalismo se reproduz a partir de dois princípios imperativos: as coerções ao crescimento e à aceleração, que operariam de maneira conjunta e segundo uma lógica recíproca de intensificação. A coerção ao crescimento consiste em um axioma que postula a otimização constante e ininterrupta do crescimento econômico:

Por isso, os que afirmam não haver capitalismo algum simplesmente não levam suficientemente a sério o fato de que nós, como atores em tais sociedades, somos compelidos cada ano a produzir mais, circular mais e consumir mais do que no ano anterior, mesmo que esse ‘mais’ possa realizar-se de tantas múltiplas formas. (ROSA, 2017, p. 21).

Já a coerção à aceleração, trata-se do tempo enquanto um fator produtivo fundamental, estabelecendo a economia de tempo como um dogma, na qualidade de uma dinâmica necessária para o aumento da produtividade, que estabeleceria alguma vantagem competitiva em relação aos outros agentes econômicos inseridos em um mercado concorrencial. Considerando a lógica recíproca de intensificação em que ambos os princípios operariam, pode-se afirmar que a maximização da produtividade, a partir de uma economia de tempo mais eficaz, estimula o crescimento econômico, assim como o crescimento econômico, enquanto premissa fundamental, incita o aumento da produtividade.

Para Rosa (2017), enquanto determinantes estruturas e culturais, as coerções ao crescimento e à aceleração consistem em uma lógica contínua e unificada do modo de produção capitalista, independentemente de suas transmutações. Contudo, a partir da mudança social que produziu o indivíduo fragmentado, com a fragilização dos mecanismos de contenção dos fluxos do capital, ambos os princípios foram convertidos em fins em si mesmos:

Justamente isso, eu gostaria de postular, pode ser observado hoje em termos tanto individuais como coletivos: ao passo que a *necessidade* de crescimento e de aceleração se mantém inquestionada, sua legitimação se desloca drasticamente. A semântica do progresso, que acompanhou todos os ímpetos de modernização anteriores, desaparece quase por completo no início do século XXI sob uma massiva *retórica da coerção objetiva*: as mudanças técnicas e sociais não são mais conduzidas em nome do progresso, mas se justificam pela perda iminente de competitividade. (ROSA, 2017, p. 24 – 25).

Sendo assim, tendo em vista que a competitividade se tornou um novo paradigma na organização da vida social, emerge uma “retórica da coerção objetiva” em direção ao

crescimento e à aceleração, que se justifica e legitima com a transformação da competição também em um valor em si mesmo.

Com isso, como consequência do surgimento da retórica da coerção objetiva, que induziria os indivíduos a agirem em conformidade com os princípios da aceleração e do crescimento, Rosa (2017) afirma que nosso “modo de ser” no mundo foi transformado, indicando um novo processo de subjetivação que seria próprio da sociedade neoliberal. Desse modo,

A velocidade com a qual nosso mundo da vida – isto é, as estruturas associativas, as orientações de ação e os corpos de conhecimento fundamentais, bem como a estrutura material do nosso entorno – é transformado influencia, porém, de maneira decisiva, a nossa autorrelação individual e a nossa experiência histórica e, desse modo, também a configuração ou não configuração política do nosso mundo. Aceleração e crescimento transformam o tipo do nosso *ser no mundo*. (ROSA, 2017. p. 26).

Portanto, trata-se do surgimento de um novo sujeito histórico, produzido pela sociedade capitalista em sua expressão neoliberal, que a partir das transformações sociais que configuraram a competição como principal valor moral que organiza a vida social, forjaram uma subjetividade em que o indivíduo age em conformidade com princípios que são estruturantes do funcionamento da economia capitalista, convertendo as premissas do crescimento e da aceleração, assim como sua lógica recíproca de intensificação, em axiomas. Assim sendo, o quadro circunscreve um indivíduo desenraizado que deve ser responsável pela maximização de seu rendimento por si mesmo, para que se mantenha competitivo em uma vida social da concorrência, sendo exitoso no enfrentamento da insegurança social própria da sociedade de risco. Esse processo é sintetizado, segundo Ehrenberg (2010), na figura do empresário de si mesmo.

Considerando o declínio do civismo político e público, que carrega consigo a imbricação das crises do Estado social e das ideologias de salvação coletiva, Ehrenberg (2010) demonstra como uma conjunção entre esporte e aventura formulou um novo sistema de representação para o engajamento do indivíduo na construção de si mesmo:

Ele (o esporte) lhe fornece sua forma ideal graças a uma *dupla transformação*: uma multiplicação dos usos não esportivos do esporte e uma esportização da aventura. Esse duplo movimento, ao qual se pode dar o nome de esporte fora do esporte e de esporte-aventura, é o motor de sua nova popularidade, pois trabalha *conjuntamente* a dimensão da justa desigualdade, que se encontra na competição esportiva, e da imprevisibilidade e do risco, que é essencial à aventura. O casamento do esporte e da aventura é uma resposta à crise da ação pública centralizada. Não é uma participação melhor do cidadão na decisão política que constitui sua referência possível para se sair da sociedade assistencial, mas a formação de um civismo puramente privado, de uma política fora da cidadania, em que cada indivíduo deve assumir as responsabilidades que a ação pública é doravante incapaz de assumir. (p. EHRENBURG, 2010, p. 16).

Nesse sentido, enquanto novo modelo de representação, o esporte emerge também como um novo sistema de condutas.

Dessa forma, segundo Ehrenberg (2010), o esporte que outrora se configurava apenas como uma prática virtuosa para o corpo, com o objetivo de alcançar performances limitadas, transforma-se na sociedade neoliberal em um meio que estabelece uma relação generalizada com a existência, em consonância com uma mudança social em que, com o processo de desenraizamento dos indivíduos, a autonomia se tornou uma condição, em decorrência da crise da ação pública centralizada. Para Ehrenberg (2010), uma dinâmica fundamental para a legitimação do esporte enquanto um sistema de representação se dá segundo a "democratização" da realização da ação excepcional. Na modernidade clássica, os indivíduos estariam satisfeitos em constituir vínculos de identificação com outros sujeitos que eram reconhecidos e prestigiados por realizarem proezas de caráter excepcional. Na sociedade neoliberal, os próprios indivíduos sentiriam a necessidade de empreenderem tais atos prodigiosos por si mesmos, em uma busca incessante por novas performances, o que denota uma competição autorreferenciada.

Com isso, Ehrenberg (2010) aponta que uma nova mitologia esportiva e uma cultura do heroísmo são consequências da "democratização" da realização da ação excepcional. A nova mitologia esportiva consiste em uma mitologia da autorrealização, que deriva de um rompimento com a moral disciplinar de submissão aos vínculos coletivos, tendo em vista que a autonomia se tornou uma condição e que há uma retórica da coerção objetiva em nome da maximização da performance, formulando um novo regime disciplinador. Já a cultura do heroísmo é uma resultante da "democratização" da realização da ação excepcional, o que democratiza também a figura do próprio herói, assemelhando sua imagem com os indivíduos que estariam comprometidos com o melhoramento constante de seus rendimentos. Além disso, a cultura do heroísmo consiste em outros dois fenômenos. Em primeiro lugar, a valorização da existência através de uma performance que promove o sucesso e o reconhecimento público. Em segundo, o indivíduo enquanto um herói considerando que o cotidiano se tornou uma contínua batalha competitiva com o dismantelamento das redes de proteção social. Em síntese,

A nova mitologia esportiva não coloca em cena apenas um indivíduo que cuida de sua forma e de sua aparência numa sociedade em que a juventude é uma norma e não mais uma classe de idade; ela *forja o indivíduo*, um indivíduo heroico, que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-providência; que busca agir sobre si mesmo, em vez de ser comandado por outros. O esporte não é, portanto, apenas um conjunto de práticas corporais específicas, uma pedagogia virtuosa, uma válvula de escape das sociedades de massa, a compensação das frustrações que a maior parte dentre nós conhece na vida cotidiana, mas *uma força de atração dos valores da ação*, aos quais ele dá legitimidade e uma credibilidade incomparáveis, dada a força imaginária de sua tradição, que faz da justiça o produto

da concorrência. O esporte define a imagem do indivíduo ideal: um indivíduo puro, sem raízes e sem passado, que não se refere a nada, a não ser a si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p. 25).

Com a transformação da competição em valor social estruturante da sociedade neoliberal, Ehrenberg (2010) argumenta que o esporte, enquanto um sistema de representação, também se transformou em um mecanismo para justificação das desigualdades sociais. A lógica da avaliação das competições esportivas, em que, em tese, sob regras igualitárias, os competidores entrariam em disputa e a conquista do resultado indicaria quem foi o merecedor da vitória, converte-se em uma métrica da vida social. Na sociedade de riscos, isso representa a formulação de um pressuposto que converte a insegurança social em um argumento ideológico que afirma uma pretensa igualdade de condições e possibilidades para que os sujeitos possam se arriscar. Com a difusão da cultura do heroísmo, o vencedor da contenda social seria o indivíduo heroico.

Sendo assim, define Ehrenberg (2010), o esporte se torna Esporte, enquanto uma instituição capaz de propagar imagens de vida e modos de ação que serão legitimados. Portanto, um mecanismo ideológico de rotinização de valores. Dessa forma, com a competição convertida em principal valor moral que organiza a vida em sociedade, transformando a justiça em um produto da concorrência, a performance se torna o critério fundamental para a avaliação da conduta dos indivíduos.

Desse modo, com a performance estabelecida como um novo paradigma moral, Ehrenberg (2010) demonstra como a empresa privada foi transmutada no modelo primordial para a conduta dos indivíduos, ganhando uma nova configuração com o surgimento da figura do empreendedor de si mesmo, o que significa que os indivíduos desenraizados são impelidos a construir a si próprios em um contexto de ampla concorrência:

Além disso, a empresa não é um lazer ou uma distração de massa. Sua entrada na cultura de massa, sua encenação pelas mídias tanto escritas quanto audiovisuais, sugere que o comportamento heroico não tem mais um domínio reservado. Onde quer que se esteja, o que quer que se faça, qualquer que seja nossa posição na hierarquia social, seja branco ou negro, há sempre um caminho que conduz ao vedetariado. A heroização do empreender tem, não há dúvida, um aspecto institucional, mas seu impacto vai além, pois é o sentido mesmo da palavra empresa que mudou. Ela designa não mais uma acumulação, ainda que sempre se trate de acumular, mas uma maneira de se conduzir: o fato *de empreender qualquer coisa*. Ela simboliza uma criação pessoal, uma aventura *possível para todos*. (EHRENBERG, 2010, p. 48).

Assim, o esporte, enquanto um sistema de representação, estrutura-se como o esqueleto da figura do empreendedor de si mesmo. A consequência, de acordo com Ehrenberg (2010), é uma transcendência em si mesmo, em que o indivíduo deve ser a figura do começo e do fim, desvinculado de raízes e de um passado, em que a afirmação da autenticidade acontece a partir

de um processo de autorreferência. O empresário de si mesmo é o indivíduo inventivo, que corre riscos, otimiza sua performance constantemente e, acima de tudo, é vencedor. Esse processo representa o que Ehrenberg (2010) conceituou como “culto da performance”, em que a conversão da empresa em modelo de conduta pessoal para os indivíduos faz com que a performance se torne um valor em si mesmo em uma sociedade concorrencial.

Nesse sentido, em consonância com o que foi abordado por Ehrenberg (2010), Han (2014) argumenta que uma das principais consequências dessa mudança social que converte a performance em um valor si mesmo é a transformação no sentido do que seria a liberdade, que perderia seu conteúdo político emancipatório, passando a ser definida axiologicamente apenas pela ação individual. Esse processo configuraria uma nova forma de subjetivação e submissão, em que as coerções externas são substituídas por coações internas e próprias dos sujeitos, em que o indivíduo, metamorfoseado em empresário de si mesmo, constrange-se em uma busca ininterrupta pela maximização de seu rendimento. O que para Han (2014) indica uma transição do “dever” para um agir livre em que se “pode fazer tudo” – assim, corroborando com a reflexão de Ehrenberg (2010) sobre o rompimento com o modelo disciplinar de submissão. Com isso, a ideia de liberdade é instrumentalizada como uma justificativa ideológica para o surgimento do “sujeito de rendimento” – o empresário de si mesmo é um sujeito de rendimento –, que experencia a ação livre em conformidade com o novo padrão de mobilidade do capital, que atua sem fronteiras, criando uma subjetividade pré-disposta a agir em nome da reprodução ativa, tendo em vista que isso representaria a autorreprodução do próprio indivíduo.

Desse modo, pode-se afirmar que as coerções objetivas ao crescimento e à aceleração, definidas por Rosa (2017), são os princípios que constituem a ação performática, orientada para o crescimento do rendimento e da maximização da produtividade individual, considerando que a empresa se tornou um novo modelo de conduta para os indivíduos. Assim sendo, enquanto determinantes estruturais e culturais do capitalismo, que transformam o nosso modo de ser no mundo, ambas as coerções também se configuram como novas formas de constrangimento para os sujeitos em sua vida privada, em um novo mecanismo de submissão que incita os indivíduos através de sua pretensa autonomia e liberdade.

### 3.2 MODELO DE NEGÓCIO X SENTIDO DE PERTENCIMENTO

Com isso, se Ehrenberg (2010) destaca como a empresa se tornou o principal modelo de conduta da sociedade neoliberal, Wisnik (2008) demonstra como esses princípios foram

introjetados no universo do ludopédio, através do princípio da otimização do rendimento e com a empresa se tornando principal parâmetro da “semiosfera ostensiva do jogo”:

Se esses são os traços gerais do princípio da otimização do rendimento quando diretamente envolvidos no campo de jogo, sua base de realização e expansão em torno do futebol é a empresa, que veio se fazendo mais e mais visível na semiosfera ostensiva do jogo, através da disputa do espaço futebolístico pelas suas logomarcas (ao mesmo tempo em que se mistura com a tradição “amadorística” e informal da maioria dos clubes, de cunho clientelístico, ligada de *n* formas obscuras ao tráfico de interesses). Mas, no conjunto, o futebol, visto sob a ótica global desse princípio, pode ser definido como uma codificação racionalizada que põe em jogo forças equivalentes submetidas à concorrência, investido de planejamento técnico-científico, incluindo-se num sistema de mercantilização sobreposta em que a sua imagem serve de suporte e isca para logomarcas que servem de suporte e isca para narrativas publicitárias e produtos, que servem de suporte e isca para o jogo, que serve de suporte e isca para logomarcas etc. Mais do que mera estratégia de vendas, trata-se da instauração de um *regime circular do imaginário* que se realimenta incessantemente na sua função de *figurar*. (WISNIK, 2008, p. 127 – 128).

Essa transformação é decisiva para a compreensão de futebol de Ralf Rangnick, analisada anteriormente.

Percebe-se com Rangnick como o projeto esportivo passa a ser elaborado como um modelo de negócio, em que o desenvolvimento de uma identidade corporativa, construída em correlação com o estilo de jogo de um determinado time, é elaborado com o objetivo de maximizar os rendimentos financeiros de um clube, estabelecendo a negociação de jovens jogadores como uma dinâmica de mercado fundamental. Nesse sentido, a coerção ao crescimento definida por Rosa (2017) se faz presente, tendo em vista que intuito primordial não consiste apenas em transformar determinada entidade esportiva em uma organização sustentável do ponto de vista financeiro, mas em um agente econômico mais competitivo no mercado concorrencial do futebol, tanto no mercado de transferências de atletas, como também na busca em constituir uma marca global capaz de atrair investimentos das mais diferentes partes do mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que a identidade corporativa do clube representaria essa marca global, em sua inserção nesse sistema de mercantilização. Uma dinâmica que compõe o “regime circular de imaginário”, descrito por Wisnik (2008).

Portanto, trata-se de uma lógica que opera em nome do crescimento econômico, fazendo com que a cultura esportiva esteja a seu serviço. Todavia, isso não significa que os resultados esportivos sejam menosprezados. É justamente o contrário: Rangnick é considerado uma figura proeminente nesse contexto porque, além de gerar valor econômico “do nada”, também é capaz de conquistar resultados esportivos. Entretanto, o jogo jogado, que comporia a identidade corporativa do clube, é instrumentalizado em função da capacidade de geração de valor econômico dos clubes. Consiste em uma lógica que converte a performance esportiva em um vetor para a maximização de rendimentos financeiros.

Essa premissa também se manifesta quando Rangnick propõe que o elenco de uma determinada equipe deve ser renovado segundo aquilo que poderíamos definir como o “tempo do mercado”, independentemente dos resultados obtidos pelo time ou se a ausência de um determinado jogador poderia influenciar negativamente no desempenho do conjunto projetando uma temporada vindoura.

Isso significa que os jogadores não se transfeririam para outras agremiações primordialmente porque, por diferentes razões, não conseguiram jogar bem em uma equipe específica. Na realidade, é justamente aquele atleta que obteve destaque, na maioria das vezes, identificado com os torcedores de um clube, que deve ser negociado com outra equipe, mesmo que isso possa representar, eventualmente, uma queda na performance do próprio time. Em alguma medida, isso indicaria que a competição esportiva deixou de ser um valor em si mesmo, operando agora em função da competição econômica entre clubes de futebol. As únicas entidades esportivas que poderiam ser exceção à regra são as equipes que já se tornaram grandes agentes econômicos globais, capazes de competir financeiramente com outras instituições que estejam em um mesmo parâmetro financeiro – nesse caso, a coerção ao crescimento opera em função da manutenção do status atingido por esses times. Por essa razão, inclusive, o princípio da coerção ao crescimento faz pressão para que os clubes atuem ininterruptamente para maximizar suas capacidades de gerar valor econômico, tendo em vista que isso incide diretamente nas condições que possuem para formar seus elencos. Com isso, a capacidade de gerar valor econômico “do nada” se tornaria uma chave de acesso para as equipes ingressarem no mercado global dos times de futebol, em uma nova economia política da indústria do futebol que estabelece uma dinâmica que se retroalimenta: a maximização de recursos financeiros com a conquista de resultados esportivos, que ampliam ainda mais a capacidade de angariar recursos, que possibilitam ainda mais as condições para a formação de times competitivos, o que geraria ainda mais rendimentos financeiros para o time etc.

Nesse sentido, se Ehrenberg (2010) argumenta que a desigualdade meritocrática do esporte é incorporada na narrativa que justifica a desigualdade social e econômica em uma sociedade concorrencial de empresários de si mesmo, pode-se dizer que um movimento similar acontece no futebol, em que os diferentes resultados esportivos não só definiriam aqueles que, por um breve momento, ocupariam as posições de vencidos e derrotados, mas também servem para a diminuição da competitividade dos jogos, em que as desigualdades econômicas entre os clubes possibilita a criação de monopólios de talento que se justificam pelos resultados conquistados dentro de campo. Em relação ao que pode ser considerado o formato “moderno” do Campeonato Alemão (a *Bundesliga*), o Bayern de Munique se tornou decacampeão da

competição na temporada 2020/2021, tendo em vista que, até a temporada 2012/2013, a sua maior sequência de títulos teria sido três tricampeonatos em períodos diferentes. Desde o início dos anos 2000, são 17 títulos para o clube da Baviera, enquanto o Borussia Dortmund levantou a taça três vezes – um bicampeonato –, e Werder Bremen (em 2020/2021, disputou a segunda divisão), Stuttgart (em 2020/2021, lutou contra o rebaixamento na primeira divisão) e Wolfsburg venceram uma única vez.

No Campeonato Italiano (a *Serie A*), mesmo que tenha havido uma alternância maior entre os campeões, pode-se concluir que o fenômeno se repete. Entre as temporadas 2005/2006 e 2009/2010, a Inter de Milão conquistou todas as edições da competição, somando cinco títulos em sequência. Após um título vencido pelo Milan em 2010/2011, entre 2011/2012 e 2019/2020, a Juventus se tornou enecampeã italiana. Se os cinco títulos em sequência da Inter de Milão foram um feito que já havia sido realizado pela própria Juventus entre 1930/1931 e 1934/1935 e pelo Torino entre 1942/1943 e 1948/1949, os nove títulos da Velha Senhora compõe um fenômeno histórico único.

Em que pesem as particularidades dos contextos do futebol alemão e italiano, é possível afirmar que a sequência absolutamente extemporânea de títulos de uma única agremiação em cada um desses países sugere que a competitividade dos campeonatos diminuiu a partir da formação de monopólios de talento. Até mesmo no Campeonato Inglês, costumeiramente retratado pelo senso comum como o campeonato europeu mais competitivo entre as principais ligas do continente, podemos verificar, a partir do surgimento de sua versão “moderna” (a *Premier League*), uma hegemonia estabelecida pelo Manchester United no início dos anos 90, em que, entre as temporadas 1992/1993 e 2003/2004, excetuando o título vencido pelo Blackburn Rovers em 1994/1995, as conquistas da competição ficaram divididas entre Manchester United (que venceu oito vezes, com dois bicampeonatos e um tricampeonato) e Arsenal (com três títulos somados). A partir de 2003/2004 até a sua última edição, em 2021/2022, o Manchester City venceu seis títulos, Chelsea e Manchester United conquistaram outros cinco, enquanto o Liverpool e o improvável Leicester foram campeões em uma única oportunidade. Nesse sentido, é importante destacar que as ascensões de Manchester City e Chelsea decorrem do fato de que ambos foram adquiridos, em 2008 e 2003, respectivamente, pelo xeique Mansour bin Zayed Al Nahyan, da família real do Emirados Árabes Unidos, e o bilionário russo Roman Abramovich, naquilo que se convencionou nomear como prática de *sportwashing*<sup>34</sup>, mas que permitiu que essas equipes se tornassem potências esportivas que

---

<sup>34</sup> Estratégia usada por empresários, corporações financeiras e até mesmo Estados-nação para melhorarem sua reputação através do esporte. SPORTWASHING: entenda o conceito por trás da compra do Newcastle. **Poder360**.

nunca haviam sido até então. Desse modo, a competitividade restrita da *Premier League* também indica um grupo seletivo de clubes que puderam se transformar em monopólios de talento. Nesse sentido, o título conquistado pelo Leicester, em 2015/2016, mesmo que tenha se aproveitado do crescimento econômico da *Premier League* como um todo, sugere que, no jogo jogado, os monopólios de talento ainda podem ser derrotados.

Dessa forma, no que concerne à redução da competitividade dos jogos, destacam-se também iniciativas como a criação da Superliga Europeia, que indicam como clubes que se tornaram marcas globais atuam em defesa da formulação de competições que permitam potencializar seus ganhos financeiros, ao mesmo tempo que obstruem a possibilidade de novas ordens de grandeza serem formadas no futebol. Portanto, uma proposição que age no sentido de fortalecer o que podemos denominar como competitividade restrita para a elite do futebol.

Por outro lado, César Luis Menotti abordará a integração da empresa na “semiosfera” do futebol pela via contrária de Rangnick.

Em primeiro lugar, Menotti indica que o futebol argentino estaria inserido em um processo mais amplo de “desculturalização”, que seria um fenômeno resultante de uma mudança social mais ampla, que fez com que a esfera privada se apropriasse de experiências sociais e coletivas que pertenceriam à esfera pública, o que incluiria, para além do ludopédio, também a música e as praças. Em que pese a crítica feita à classe política de seu país natal, pode-se afirmar que aquilo que o ex-treinador nomeia como “desculturalização” possuiria uma relação com as novas dinâmicas decorrentes da modernidade tardia e do surgimento da economia capitalista globalizada, tendo em vista que a debilidade da política provocaria também um esvaziamento da dimensão coletiva do espaço público, que foi abordada por Bauman (2010), que argumenta que “o ‘público’ foi despojado de seus conteúdos diferenciais e ficou sem agenda própria – não passa agora de um aglomerado de problemas e preocupações privados” (p. 71).

Com isso, o futebol seria mais um fenômeno que perderia seu senso coletivo, fazendo com que seu sentido de pertencimento, que comporia o vínculo entre a identidade do povo argentino e o jogo, fosse abalado. Desse modo, é possível dizer que o problema social central que permeia esse raciocínio de Menotti seria o enfraquecimento do futebol enquanto um aspecto cultural fundamental para a afirmação da identidade nacional dos argentinos. Isso se manifestaria, por exemplo, segundo Menotti, na debilidade da relação entre a população argentina e a seleção do seu país. Essa transformação também residiria em uma transição da

figura do “torcedor” para o “espectador”, em que o “espectador”, ao que tudo indica, se assemelharia com a figura do “consumidor”, o que seria outra resultante desse processo de apropriação daquilo que é público pela esfera privada.

Ainda em relação ao processo em que os fenômenos próprios da esfera pública teriam sido integrados à esfera privada, Menotti nota uma mudança de “escala” no funcionamento econômico da indústria do futebol, condizendo com o que nomeamos como nova economia política da indústria do futebol. Do ponto de vista histórico, podemos notar um percurso que começa no início do processo de profissionalização, quando os clubes precisariam gerar valores econômicos para contratar seus primeiros jogadores, em sua maioria, oriundos da classe trabalhadora, confrontando a dimensão elitista e aristocrática presente no início do jogo. Entretanto, quando o futebol é convertido em um “negócio que come os tempos”, pode-se notar a presença do processo da transformação dos clubes em agentes econômicos globais e as consequências decorrentes dessa transformação, dinâmica em que residiria o núcleo da tensão entre a cultura empresarial e a cultura esportiva.

Assim, quando Menotti propõe uma reflexão sobre qual deveria ser o lugar reservado para o futebol em uma política de Estado, há uma defesa enfática do ex-treinador em relação ao que seria a finalidade pública do futebol, enquanto um meio de educação cívica através dos afetos, argumentando que o jogo possuiria uma função social na construção da cidadania, o que deveria fazer com que o futebol fosse salvaguardado pelo Estado. Aqui, pode-se constatar uma contradição entre o futebol enquanto um meio de educação cívica através dos afetos e a transformação do jogo em mais um grande negócio da economia capitalista globalizada. Desse modo, evidencia-se ainda mais como o enfraquecimento do Estado-nação, enquanto uma força social capaz de direcionar normativamente a vida dos sujeitos, é um tema central na reflexão de Menotti, em que a crise do sentido de pertencimento da formação da identidade argentina, que se relaciona com o futebol, perpassaria também uma crise na própria formação da cidadania. Contudo, como notou Han (2014), a própria cidadania foi transformada pela sociedade neoliberal:

El neoliberalismo convierte al ciudadano em consumidor. La libertad del ciudadano cede, ante la pasividad del consumidor. El votante, en cuanto consumidor, no tiene un interés real por la política, por la configuración activa de la comunidad. No está dispuesto ni capacitado para la acción política común. *Solo reaccione de forma pasiva* a la política, refunfuñando y quejándose, igual que el consumidor ante las mercancías y los servicios que le desagradan. Los políticos y los partidos también siguen esta lógica del consumo. Tienen que *proveer*. De este modo, se degradan a proveedores que han de satisfacer a los votantes en cuanto consumidores o clientes. (HAN, 2014, p. 23).

Desse modo, pode-se dizer que enquanto Menotti defende o papel do futebol na construção da cidadania dentro das configurações próprias da modernidade, houve uma mudança social que fez com que o neoliberalismo, através da sociedade de consumo, transformasse a própria formação cidadã, o que se relacionaria também com uma aceleração sem perspectiva, que faz com que o sentido de futuro se perca. De algum modo, existe uma correlação com a função social do futebol na construção da cidadania afirmada por Menotti e o princípio do processo de modernização do jogo que houve na Inglaterra, em que o futebol teria sido integrado nas escolas justamente para a consolidação dos valores morais burgueses no início do século XIX.

No mais, o ex-treinador também indica que, ainda em relação ao processo de apropriação do que é público pela esfera privada, que houve uma preferência pelo desenvolvido dos clubes enquanto sociedades anônimas (portanto, empresas), o que transformaria a condição de equipes históricas, que acabaram enfraquecidas, fundidas com outros times ou até mesmo desaparecendo. De algum modo, nesse processo, pode-se perceber que em uma sobreposição da lógica de mercado em relação ao jogo, a cultura empresarial também promoveria uma tensão com a tradição própria do futebol, em relação aos clubes históricos.

Se o futebol, em algum momento, foi política de Estado como propõe Menotti, seria um novo problema a ser abordado, mesmo que o percurso desenvolvido pela pesquisa até o presente momento possa sugerir que a resposta seja não. Da mesma forma, a tese sobre a desidentificação da população argentina com sua seleção precisaria de uma análise mais apurada, assim como a afirmação de que o futebol foi “destruído” pelo capitalismo, no decorrer desse capítulo, passará por uma avaliação crítica que reduzirá sua dimensão totalizadora. Contudo, as mudanças sociais que subjazem a posição crítica do ex-treinador se referem ao processo de enfraquecimento do Estado-nação como instância formadora das identidades dos sujeitos, através da construção da cidadania. Nesse sentido, para que o futebol pudesse cumprir sua função social na educação cívica através dos afetos, a cidadania não poderia ter sido solapada pela sociedade de consumo – um processo que se relacionaria também com o aparecimento da figura do “espectador”.

Nesse sentido, a contradição entre as concepções de futebol de Rangnick e Menotti emerge de maneira paradigmática quando o ex-treinador argentino manifesta seu desejo de retornar ao ofício de técnico, para treinar jovens ainda em formação nas categorias de base, mas logo recua dessa possibilidade ao afirmar que os meninos que seriam treinados por ele, ainda aos 16 anos e assim que apresentassem um bom desempenho, seriam vendidos para outros clubes. Dessa forma, a transformação do futebol em um “negócio que come os tempos” possui como dinâmica fundamental o imperativo de que se deve negociar os jovens jogadores mesmo que não tenham completado seu processo de formação, como um meio para que os clubes

maximizem seus rendimentos financeiros. Ao criticar esse fenômeno, Menotti não propõe um novo modelo que seria ainda mais eficiente no processo de geração de valores econômicos para as entidades esportivas. Pelo contrário, expressa um descontentamento do ponto de vista moral, através do sentimento de vergonha, que manifesta uma discordância axiológica com o que, portanto, pode ser considerado como uma disputa valorativa em relação ao sentido que compõe o próprio jogo. Esse conflito residiria justamente na tensão entre cultura empresarial e cultura esportiva. Com esse paralelo, pode-se dizer que o sucesso do projeto esportivo de Rangnick, enquanto um modelo de negócios, é justamente onde mora a melancolia de Menotti, enquanto um “marxista hormonal”, que lamenta que o capitalismo teria destruído tudo ao seu redor, inclusive, o futebol.

Desse modo, a maneira como Rangnick e Menotti compreendem o ofício de treinador reforça ainda mais a contradição que existe entre suas concepções de futebol.

### 3.3. “ON FIRE” X “AMOR DA SUA VIDA”

Considerando a relação que Rangnick estabelece entre a formação da identidade corporativa de um clube e o estilo de jogo desse mesmo time, desenvolvendo o projeto esportivo como um modelo de negócio, em que a venda de jovens jogadores se torna um aspecto fundamental para potencializar o crescimento econômico do clube, faz-se necessário demonstrar como o próprio trabalho dos treinadores de futebol foi transformado segundo essa lógica.

Quando Rangnick afirma que o modelo idealizado por ele pode ser reproduzido em grandes clubes de futebol, comprovando sua tese através dos feitos realizados por Jurgen Klopp em equipes de diferentes dimensões nacionais e internacionais, como os alemães Mainz 05 e Borussia Dortmund e o inglês Liverpool, em que os trabalhos teriam sido elaborados em convergência com sua concepção de futebol, sugere-se que o modelo desenvolvido por Rangnick se sobreporia às características individuais e pessoais dos treinadores, em que o sucesso de determinado projeto esportivo, segundo o panorama delimitado pelo diretor esportivo alemão, estaria fundamentado na capacidade de reprodução de um determinado planejamento, independentemente do contexto em que o clube estaria inserido, inclusive do ponto de vista competitivo. Isso seria mais importante do que a individualidade do próprio treinador. Não à toa, o tema da entrevista seria a influência dos treinadores alemães no futebol europeu, que pode se afirmar, a partir do raciocínio de Rangnick, que independentemente de

seus nomes, elaboram o jogo de suas equipes segundo a concepção de futebol concebida por ele.

Logo, é possível afirmar que, atualmente, os treinadores desempenham um papel estratégico no processo de maximização dos rendimentos financeiros do clube. Essa disposição também se apresenta, por exemplo, em entrevista do técnico português Luís Castro ao Footure<sup>35</sup>, quando treinava o Al-Duhail, do Catar. Questionado sobre a construção do seu jogo, no que se refere ao início das jogadas, no percurso desenvolvido para sair da defesa, após o tiro-de-meta, e chegar ao ataque, o treinador responde:

Eu gosto que todos os meus jogadores participem do jogo, porque nós, hoje em dia, temos ativos nas mãos que compramos por 5 milhões e temos que vender por 20 milhões. Nós temos ativos nas mãos, que nós compramos por 20 milhões e temos que vender por 50 milhões. Então, eu tenho que ter um jogo estético, um jogo de qualidade, um jogo que dê inclusão permanente aos meus jogadores, quer no momento ofensivo, quer no momento defensivo. Porque se eu tiver um jogo direto, até pode ser mais eficaz, mas eu não vou estar a rentabilizar ativos e hoje em dia, o modelo de negócio é comprar, desenvolver e vender ou é firmar dentro de casa, desenvolver e vender. E se compras caro, tens que vender ainda mais caro. Se compras barato (sic), queres vender muito caro para ter muito mais valias. Então, o modelo de negócio é esse. Um treinador, muitas vezes, é contratado para ser campeão e os adeptos querem que sejamos campeões. E eu estou de acordo, eu também quero ser campeão. Mas para além de ser campeão, eu tenho que desenvolver melhor meus jogadores e a minha administração tem que, no final do ano, ter rentabilidade financeira, então eu tenho que apresentar à minha administração um jogo de qualidade e de inserção dos meus jogadores. Pode um jogo mais direto dar-me pontos, mas não vai me dar certeza de dar desenvolvimento aos meus jogadores, pelo menos os que jogam no meio-campo. Então, eu gosto desse jogo apoiado porque gosto dele, porque gosto da estética do jogo e eu valorizo muito a estética do jogo, mas porque sei que esse jogo pode levar à rentabilidade dos jogadores que tenho dentro da minha equipa.

Nesse caso, em que mais uma vez há uma correlação entre o estilo de jogo do time e o modelo de negócios do clube, fica explícito o papel desempenhado pelos técnicos na maximização da geração de valores econômicos para as entidades esportivas, estabelecendo um vínculo, inclusive, entre uma determinada estética do jogo, em relação ao jeito de jogar desenvolvido pela equipe, e sua eficiência no processo de valorização de “ativos”, o que significaria formar os jogadores para que se destaquem em um jogo ofensivo, potencializando seu valor econômico em uma eventual transação no mercado de transferências de atletas. No mais, em relação ao panorama elaborado por Luís Castro, nota-se que conquista de um título não seria mais o principal objetivo no ofício de um técnico, porque seu trabalho só seria bem-sucedido também com o desenvolvimento dos jogadores como “ativos”, possibilitando rentabilidade financeira para os clubes, fazendo com que exista lucro no saldo final entre compra e venda de

---

<sup>35</sup> THE Pitch Invaders: #241: Luís Castro. **Footure**. 21 de jan. de 2022. <<https://footure.com.br/the-pitch-invaders-241-luis-castro/>>. Acesso em: 26 de mar. de 2022.

determinado atleta. Mais uma vez, pode-se afirmar que existe uma sobreposição da cultura empresarial em relação à cultura esportiva.

Atualmente, o técnico lusitano trabalha no Brasil, comandando o Botafogo, do Rio de Janeiro, após a transformação do Time de General Severiano em SAF<sup>36</sup>. Suas ações foram compradas pelo empresário estadunidense John Textor, que também é acionista de clubes como o francês Lyon, o inglês Crystal Palace e o belga RWD Molenbeek. Nesse sentido, trata-se de mais uma mudança social do jogo, no que se refere à nova economia política da indústria do futebol, com a inserção de uma dinâmica própria do capitalismo financeiro e globalizado que está se replicando no universo do ludopédio, em que empresários de outros ramos da economia adquirem ações de clubes de futebol para valorizá-las e negociá-las no futuro.

Retomando Rangnick, em relação ao desenvolvimento do jogo que expressaria a identidade corporativa do clube, no que se refere à influência alemã no futebol contemporâneo, pode-se afirmar que esse processo consiste na internacionalização de uma determinada forma de praticar o jogo, que estaria sendo universalizada através do trabalho efetuado por treinadores germânicos, para além das fronteiras de seu país natal, conquistando resultados expressivos em competições europeias. No que se referiria à origem da elaboração desse sistema de jogo, Rangnick indica a formulação de um estilo que seria contracultural na Alemanha, ao prescindir de características que estariam diretamente vinculadas ao que seria a identidade do futebol alemão, relacionadas também com características da própria cultural nacional. Nesse sentido, faz-se imperativo frisar que a intercambialidade cultural das diferentes maneiras de jogar é um aspecto presente em toda a história do ludopédio, impactando no desenvolvimento de diferentes escolas nacionais. Todavia, no que se refere ao modelo elaborado por Rangnick, trata-se de um processo de globalização de uma determinada forma de jogar, que estaria se reproduzindo em uma generalização da prática do futebol. Wisnik (2008) percebeu essa tendência presente nas partidas da Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha:

Ao mesmo tempo, como diz bem o próprio Grumbrecht, esses estilos nacionais, “essenciais” ou não, se adaptaram, todos, nos últimos tempos, a um “estilo globalizado” que é uma combinação aproximativa, e adaptada ao uso genérico, da defesa atacante italiana com o ataque defensivo holandês. Ou seja: dentro de campo assistimos, também, ao encontro das “duas vertentes da montanha”, onde os estilos nacionais se confundem em um estilo transnacional. Os jogadores ocupam cerradamente o espaço desdobrando-se nas duas funções, despendendo um preparo físico antes impensável. Ao mesmo tempo, fazem “rodar a bola” para o lado e para trás, evitando ao máximo colocá-la em risco de perda, como se quisessem neutralizar, justamente, aquela margem de contingência que distingue o futebol, e aquela

---

<sup>36</sup> Lei sancionada em 2021 para a criação de clubes-empresas no Brasil. LEI do clube-empresa é sancionada e times podem pedir recuperação judicial. **Poder360**. 06 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/lei-do-clube-empresa-e-sancionada-e-times-podem-pedir-recuperacao-judicial/>>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

sucessiva, imprevisível e contínua alternância de posse de bola, que caracteriza a textura do jogo. sem desmerecer a vitória da Itália, que soube se defender quase sem erros e fazer, sempre *in extremis*, os gols de que precisava, numa completa funcionalidade congenial com a ordem das coisas, muito daquilo que se estampou na Copa é o retrato dessa considerável uniformização. (WISNIK, 2008, p. 27).

Portanto, pode-se falar que a influência alemã no futebol contemporâneo consiste na progressão de uma tendência à uniformização que já poderia ser percebida no início do século XXI, que consistiria no desenvolvimento de um estilo de jogo globalizado, para além das características nacionais. Tendo em vista a pretensão normativa presente no modelo sistematizado por Rangnick, com a afirmação da sua aplicabilidade independentemente do contexto do clube, é possível dizer que sua pré-disposição à reprodutibilidade consiste em um dos aspectos que permitem sua generalização para além das fronteiras.

Com isso, em relação às características de jogo do sistema que seguiria com seu processo de internacionalização, Rangnick descreve essa concepção de futebol a partir dos princípios da aceleração das jogadas na fase ofensiva e da pressão sem a bola na fase defensiva. Nesse sentido, em primeiro lugar, naquilo que consistiria no desenvolvimento da identidade corporativa de um clube, pode-se dizer que tanto o jogo apoiado de Luís Castro, como também uma prática do futebol baseada nos pressupostos postulados por Rangnick, que representariam um jogo mais vertical, seriam um meio de introduzir os jogadores em um determinado estilo de jogo que poderia desenvolvê-los enquanto atletas de destaque para serem negociados no futuro. Há uma similaridade em sua dimensão “proativa”, que representaria uma postura ofensiva dentro das quatro linhas em ambos os modelos. Do mesmo modo, nos dois casos, existe uma integração dos jogadores em uma determinada lógica sistêmica para sua valorização como ativos. Portanto, forma-se o atleta segundo determinadas características para que sejam negociados no futuro.

Entretanto, tendo em vista que o sistema de jogo elaborado por Rangnick se converte em um paradigma de um jeito de praticar futebol que teria se universalizado, para além de seus objetivos econômicos de maximização dos rendimentos financeiros dos clubes, pode-se dizer que sua sistematização é paradigmática de uma mudança que teria acontecido na própria dinâmica do futebol. Tite, atual treinador da seleção brasileira, em coletiva de imprensa, antes de um enfrentamento com Peru, pelas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 2022<sup>37</sup>, sintetizou essa mudança da seguinte forma:

Futebol na sua modernidade é essencialmente tempo e espaço. Numa ação ofensiva não tem compactação, tu (sic) tem que alargar a equipe adversária, encompridar a

---

<sup>37</sup> FUTEBOL moderno é mais velocidade do que beleza, analisa Tite. **Uol**, Rio de Janeiro. 16 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/06/16/futebol-moderno-pede-mais-velocidade-do-que-beleza-analisa-tite.htm>>. Acesso em: 27 de abr. de 2022.

equipe adversária, para que tu (sic) crie espaços de articulação, nos teus homens criativos, teus homens de frente, na tua melhor saída de bola. A compactação se dá, sim, quando rapidamente tu (sic) perde a bola e tu tem uma organização defensiva para que tu (sic) retire esses espaços e o tempo de raciocinar do adversário. Nisso estão todas as equipes evoluindo, tendo um melhor preparo físico, tendo uma velocidade maior na execução dos seus movimentos. Isso tudo acaba gerando essa falta de espaços.

Em relação às dimensões tempo e espaço do jogo, ainda na mesma coletiva de imprensa<sup>38</sup>, Tite resgatou sua vivência como jogador profissional no Brasil, na década de 80, para complementar seu argumento:

Na época que eu jogava como segundo meio-campista tinha Edmar na frente e ele falava para verticalizar logo, porque quando aparecesse para jogar ia estar sempre marcado. Mas nessa fração de segundos, nesse passe forte que eu desse, nesse taquinho de golfe, nessa chapada que eu desse, ele ia ter tempo para virar e atacar. E nisso tem o exemplo do quanto a velocidade do jogo se dá e o quanto há a necessidade do bom gramado, da boa preparação, dos atletas de alto nível, da qualidade técnica, e hoje dessa compactação, dessa tirada de espaços, dessa relação tempo e espaço.

Nesse sentido, aquilo que seria a “modernidade” do futebol contemporâneo consistiria em uma transformação da dinâmica do tempo e espaço do jogo, produzindo uma relação entre a melhora na preparação física dos atletas, a velocidade na execução dos movimentos do jogo e a redução dos espaços do campo em que o jogo se desdobra, que se relacionaria, por exemplo, com fenômeno da compactação. Em relação ao que viveu como jogador profissional, a mudança fundamental estaria justamente em seu aspecto espaço-temporal, em comparação com o futebol contemporâneo. Tostão, tricampeão do mundo com a seleção brasileira, em coluna na Folha de S. Paulo<sup>39</sup>, tratou desse mesmo fenômeno quando escreveu que:

Ganso se tornou o símbolo do jogador do passado, lento e sem intensidade. Se tivesse sido formado em outra época, teria chance de se tornar um grande meio-campista, para jogar de uma área à outra.  
No passado, o futebol era lento, mas nem tanto. Não deveríamos ser saudosistas, achar que tudo era melhor e que a solução atual seria voltar ao futebol-raiz nem ser como um modernoso, que acha que tudo o que acontecia antes está ultrapassado, que a vida e o futebol começaram com a internet e que dizer palavras e expressões modernas é um atestado de conhecimento e de sabedoria.

Com isso, pode-se afirmar que a nova relação espaço-temporal do futebol contemporâneo acelerou sua dinâmica, um elemento distintivo em relação ao futebol jogado no passado, por Tite e Tostão.

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Tostão. BRASIL e Argentina jogam futebol moderno, com características diferentes. **Folha de S. Paulo**, 4 de jun. de 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2022/06/brasil-e-argentina-jogam-futebol-moderno-com-caracteristicas-diferentes.shtml#:~:text=Ganso%20se%20tornou%20o%20s%C3%ADmbolo,era%20lento%2C%20mas%20nem%20tanto.>>>. Acesso em: 4 de jun. de 2022.

Desse modo, faz-se necessário analisar os princípios da aceleração e da pressão, premissas fundamentais no sistema de jogo desenvolvido por Rangnick, considerando a nova dinâmica espaço-temporal do futebol contemporâneo. Nesse sentido, quando diretor alemão afirma a necessidade de estar “*on fire*” para que sua concepção de futebol seja aplicada, isso incidiria, em primeiro lugar, em um cálculo de custo-benefício em relação ao desgaste energético dos atletas, gerando aumento o número de *sprints* e a reduzindo as corridas longas, podendo-se afirmar, portanto, que os atletas realizaram um volume maior de corridas curtas dentro do jogo, mas que seriam direcionadas em um esforço para reduzir o espaço de jogo do adversário, o que evitaria a correria extensa, gerenciando o esgotamento físico dos atletas, reproduzindo a dinâmica de compressão do espaço e do tempo do futebol atual. Entretanto, a ideia de estar “*on fire*” também denota outro sentido para a concepção de futebol de Rangnick, que pode se dizer que se relaciona com o conceito de “intensidade” que já foi apresentado por Tostão, tendo em vista que a constrição espaço-temporal do jogo, a partir da aceleração e da pressão, deve se realizar na máxima potência possível.

Em relação ao conceito de intensidade, Alberto Egea escreveu um artigo, no *The Tactical Room*, intitulado “La intensidad”<sup>40</sup>, elaborado com declarações de figuras importantes do ludopédio europeu como o treinador português José Mourinho, o treinador português Rui Faria (que trabalhou na comissão técnica de José Mourinho como auxiliar técnico e preparador físico) e o preparador físico espanhol Oscar Ortega (que trabalhou no Atlético de Madrid com Diego Simeone). Em seu texto, Egea afirma que:

La intensidad es responder de la mejor manera posible en el menor tiempo posible a un problema del juego que se ha previsto y entrenado antes. Si se nos permite esta definición, sus elementos son innumerables. La intensidad – y en esto sí que existe unanimidad – no se entiende sin la concentración, pero no se puede estar concentrado sin haber asimilado antes los principios del modelo de juego que comparte el equipo. [...]

La viertiente física, sobre la que nos hemos anticipado en el texto para evitar que se identificara como concepto de intensidad en lugar de como elemento de la misma, es fundamental para completar todo lo necesario para optimizar el rendimiento. Es decidir, si un mediocentro tiene la misión de hacer coberturas al lateral cuando éste se incorpore al ataque y el equipo perda el balón, la situación demandará el reconocimiento de la situación y la solución a aplicar por parte del mediocentro (táctica y concentración), su predisposición a actuar (acometividad y capacidad de reacción), y una forma física que le permite realizar la acción con la mayor lucidez posible en el menor tiempo posible. (EGEA, 2016, p. 34 – 35).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o conceito de intensidade sintetiza uma dinâmica do jogo que acontece em uma compressão espaço-temporal, fazendo com que os atletas precisem executar seus movimentos sempre de maneira mais rápida, em um processo de encurtamento

---

<sup>40</sup> EGEA, Alberto. La Intensidad. *The Tactical Room*, nº 21, p. 30, fevereiro de 2016.

do espaço disponível para o jogo. Assim, faz-se fundamental constatar, mesmo que seja óbvio, que não houve uma redução objetiva no tamanho do campo em que os jogos acontecem, assim como não foi forjada nenhuma nova regra, à exemplo do basquete, que restrinja o tempo que os atletas possam ficar com a bola nos pés ou sob posse da sua equipe. Trata-se propriamente de uma transformação na dinâmica do jogo, que pode ser representada segundo a noção de intensidade. Dessa forma, as premissas da aceleração e da pressão, estruturantes do sistema de jogo de Rangnick, seriam princípios que se retroalimentam, formulando lances mais rápidos em espaços fechados, que precisariam ser realizados com intensidade, no menor tempo possível.

Com isso, a intensidade se caracterizaria, em primeiro lugar, por uma transformação no preparo físico dos atletas, permitindo que o corpo dos jogadores fosse capaz de suportar a nova dinâmica de tempo e espaço em que o jogo acontece. Esse aspecto, segundo Tite e Tostão, já representaria uma mudança no futebol em comparação com o jogo que era praticado no passado. Entretanto, para além do âmbito corpóreo dos atletas, Egea argumenta que a “concentração” seria uma dimensão fundamental para a definição do que é intensidade, que pode se afirmar que representa um determinado padrão cognitivo para que os jogadores estejam aptos para suportar o futebol compactado em seu condição espaço-temporal. Tanto que, segundo Tite, o objetivo de uma equipe, em relação ao processo de compressão espaço-temporal do jogo, é recusar ao jogador adversário o tempo para “raciocinar”. Do mesmo modo, faz-se necessário que o jogador também consiga ter lucidez quando estiver submetido em situações “sem” tempo e espaço para jogar. Não deixar que o adversário pense, assim como conseguir pensar rapidamente, são aspectos que compõem o princípio da “pressão” presente no modelo de Rangnick.

Desse modo, quando lista as características observadas por ele para antecipar, ainda na juventude, quem poderia vir a se tornar um grande jogador, Rangnick afirma que a qualidade técnica consistiria somente em uma vantagem, mas não seria uma premissa fundamental para a avaliação. A velocidade, o ritmo e a aceleração, que pode se afirmar que representariam aspectos estruturais para se jogar com intensidade, também seriam importantes. Contudo, o atributo substancial que é analisado por Rangnick seria a capacidade dos jogadores “pensarem rápido” – um componente similar à noção de “concentração” apresentada por Egea. Nesse sentido, em outra entrevista, dada para o *The Red Bulletin*<sup>41</sup>, portal vinculado ao projeto

---

<sup>41</sup> WHAT Football will look like in 10 years, according to Ralf Rangnick. **Red Bull**. 25 de nov. de 2021. Disponível em: < <https://www.redbull.com/sg-en/theredbulletin/ralf-rangnick-and-the-future-of-football>>. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

esportivo da Red Bull, Rangnick disse que o futuro do futebol se relacionaria com a necessidade de “treinar o cérebro” dos jogadores. Em suas palavras:

El diablo está en los detalles. El futuro tiene que ver con “entrenar el cerebro”, es decir, entrenamiento cognitivo: provocar a los jugadores, sacarlos de su zona de confort en el entrenamiento, exponerlos a condiciones difíciles y pedirles que tomen decisiones rápidas en un espacio reducido bajo presión de tiempo.

Portanto, pode-se afirmar que jogar com intensidade, em uma dinâmica de compressão espaço-temporal do futebol, representaria também um novo processo de subjetivação dos próprios jogadores, em que os atletas deveriam ser formados para suportar afetivamente e pensar em contextos de pressão dentro das linhas, a partir da redução do espaço e do tempo do jogo.

Assim sendo, é possível afirmar que a intensidade equivaleria ao desenvolvimento de uma dinâmica de compressão espaço-temporal do futebol contemporâneo. Para se jogar com intensidade, é necessário que haja uma evolução no preparo físico dos atletas, para que tenham corpos capazes de suportar a nova velocidade em que o jogo é praticado. Todavia, para além do aspecto físico, um novo processo de subjetivação, que representaria a capacidade dos atletas em decidir as jogadas no menor tempo possível, atuando sob pressão, também é fundamental. Nesse sentido, considerando a evolução na preparação física dos atletas e o desenvolvimento de um padrão cognitivo para jogar, pode-se dizer que o conceito de intensidade produziu uma nova noção do que seria alta performance esportiva.

Dessa forma, em relação aos princípios que constituem o fenômeno da intensidade no futebol contemporâneo, é possível estabelecer um paralelo com a análise de Rosa (2017) sobre a aceleração social, a partir dos princípios da coerção ao crescimento e à aceleração. Em alguma medida, a intensidade representaria a maximização da produtividade dentro das quatro linhas, em que a lógica sistêmica do jogo é desenvolvida para que os atletas sejam capazes executar movimentos de aceleração e pressão, com tempo e espaço reduzidos. Por isso, é possível dizer que a principal mudança social do “futebol contemporâneo”, a partir da intensidade, seria o que podemos conceituar como o fenômeno da *aceleração social do futebol*, em que a intensidade se torna um valor em si mesmo. Sobre essa transformação, faz-se necessário estabelecer quais são suas mediações. Em primeiro lugar, a elaboração das novas técnicas de preparação física, resultantes do desenvolvimento tecnológico, permitindo o estabelecimento de métricas objetivas para avaliar o desempenho físico dos atletas, é um aspecto importante. Do mesmo modo, em relação às regras do jogo, mesmo que tenhamos mencionado anteriormente que não houve uma redução objetiva dos campos de futebol ou uma limitação do tempo possível que os jogadores possam ficar em posse de bola, novas regras como a proibição dos goleiros em pegar a bola com as mãos após um passe de companheiro de equipe, estabelecida em 1992, a

substituição da regra dos quatro passos dos goleiros pelo limite de seis segundos para fazer a reposição da bola quando estiver em posse de bola com as mãos, de 2000, e que em tiros de meta a bola não precisa mais sair da área para estar em jogo, definida em 2019, operaram no sentido de acelerar a dinâmica dos jogos de futebol.

Além disso, uma outra dimensão fundamental para essa mudança estaria presente em Rangnick, em um dos pressupostos para o desenvolvimento do seu sistema de jogo que teria se internacionalizado, que consistiria em uma forma de jogar que buscaria controlar as “variáveis” do jogo, o que pode ser percebido quando o diretor esportivo alemão elabora o desenvolvimento da sua concepção de futebol em contraposição com um jeito de jogar que dependeria do “dia bonito” de um camisa dez. Essa dimensão foi refletida por Wisnik (2008) e sua relação com a premissa da otimização do rendimento:

Começo a comentá-los por um desses princípios, que não é o mais evidente nem o mais importante, mas que foi se investindo de poder crescente nas últimas décadas: o da otimização do rendimento e da administração planejada da eficiência, que se realizaria através da objetividade estrita e da ocupação racional do espaço, com aplicação máxima da força física direcionada. Esse viés está contido potencialmente nos primórdios do jogo, na disposição competitivo e no espírito das próprias regras, mas veio se desvelando de forma empírica e redobrou-se nos anos 70 ao ganhar uma dimensão muito mais técnico-científica, ligada à fetichização dos esquemas táticos abstratos, prevalecendo sobre o jogo concreto e aberto ao imprevisível. Atualiza a vocação científica latente nos primórdios, consubstanciada numa das dimensões do jogo, a da codificação que funda o futebol moderno contra as pugnas arcaicas e seu dispêndio improdutivo de energia. E, assim, visa controlá-lo através de tabelas estatísticas, diagramas táticos, jogadas ensaiadas fora do contexto do jogo, ênfase defensiva, dietética específica etc. No fundo, é uma revanche do *projeto*, ou do *programa*, contra o *acaso* inerente ao jogo. (WISNIK, 2008, p. 125).

Desse modo, pode-se afirmar que o processo de aceleração social do futebol representaria o desenvolvimento de um aspecto imanente ao próprio jogo enquanto um fenômeno moderno. Sua transformação decorreria da evolução de elementos que comporiam a noção intensidade, em sua dimensão técnico-científica, a partir da introjeção da administração planejada da eficiência, da racionalização dos espaços e da otimização do rendimento. Esses seriam os princípios do que pode se definir como uma modernização da condição moderna do futebol, que estaria em curso de maneira mais latente desde a década de 70. Em relação ao projeto ou programa, que se vingaria do acaso, Wisnik (2008) argumenta que há uma tendência em transformar o *princípio racionalizador* do jogo em um aspecto dominante e total:

A progressiva ascensão e vedetização do técnico, sua emergência protagônica na cena do jogo e fora dele, nas últimas décadas, descreve exatamente a subida do princípio racionalizar para um lugar que se quer dominante e total. O que é um índice, certamente, da pressão pela tomada do campo do jogo por um princípio planejador externo, compatível com o controle de produção e a tecnologia mercadológica. Cabe ao técnico fazer uma leitura crítica, “em tempo real”, do andamento da partida, e intervir sobre as forças em jogo. Entre essas, o talento individual, tradicionalmente capaz de golpes verticais de graça e redenção, tornou-se mais uma variável a mais,

suscetível de ser administrada e submetida à lógica empresarial do “custo-benefício”. Como em todas as áreas da vida globalizada, planejamento e racionalização vieram para o primeiro plano (junto com os interesses, as logomarcas, o marketing, o merchandising etc.). (WISNIK, 2008, p. 130 – 131).

Desse modo, pode-se falar que o investimento de força do princípio planejador, potencializando suas possibilidades de interferir nas forças do jogo, representaria a busca por controle para gerar vantagens competitivas dentro de campo. Nesse sentido, a ideia de intensidade produziria superioridade para o time que fosse mais capaz de restringir o espaço, o tempo e o “direito” de pensar do adversário.

Entretanto, como foi demonstrado por Wisnik (2008), assim como o princípio racionalizador consistiria em um aspecto imanente ao futebol, considerando sua condição moderna, pode-se dizer que seu par dialético seria o *acaso*, fazendo com que os dois polos operem em constante tensão a partir das tendências hegemônicas do futebol contemporâneo, tal qual uma peleja. Afinal, o “dia bonito” de um camisa dez, capaz de “golpes de graça e redenção”, não pode ser reproduzido pelo princípio racionalizar, mesmo que haja um esforço para que esteja submetido a ele.

Por fim, pode-se dizer também que a tensão entre a cultura empresarial e a cultura esportiva, em que a primeira se sobreporia em relação à segunda no futebol contemporâneo e a nova economia política da indústria do futebol, representariam um desdobramento econômico da tensão dialética entre o princípio racionalizador e o acaso do jogo. Nesse sentido, é possível constatar como a racionalidade econômica, com o desenvolvimento da noção de identidade corporativa e seus desdobramentos, como a negociação de jovens atletas e a formulação de uma determinada forma de jogar com o objetivo de maximizar os ganhos financeiros, acaba por significar como o princípio planejador opera dentro de campo.

A partir de um ponto de vista crítico, em Menotti também há uma abordagem em relação à tendência do princípio racionalizador se tornar dominante e total no ludopédio contemporâneo.

Em primeiro lugar, o ex-treinador argentino se coloca como alguém que recebe uma recompensa por ter realizado uma luta contra o futebol que trai seu sentido de pertencimento. Esse aspecto já havia sido apresentado em sua dimensão cultural, em sentido ontológico, para a formação da identidade dos sujeitos, o que vincularia a formação da identidade nacional, a proteção do espaço público e a finalidade pública do próprio futebol como fundamentais para a construção da cidadania através da educação pelos afetos. Entretanto, Menotti também elabora um sentido simbólico imanente ao jogo, que se referiria ao seu sentido de pertencimento, que poderia ser percebido no futebol praticado pelo Huracán que foi treinado por ele, assim como

na Espanha campeã mundial na Copa do Mundo de 2010, comandada pelo espanhol Vicente Del Bosque. Em ambos os casos, são equipes que desenvolveram seu jogo a partir da premissa da manutenção da posse de bola.

Nesse sentido, Menotti define três elementos que comporiam o jogo de futebol: o tempo, o espaço e o *engano*. Segundo o ex-treinador argentino, na dinâmica do futebol contemporâneo, não haveria mais tempo, não se buscaria mais os espaços e não existiria mais o engano, fazendo com que o jogo praticado na atualidade pareça coisa diferente do que realmente seria o futebol, qualificando uma distinção em relação ao modo como o jogo teria sido jogado em outro momento. Com isso, pode-se dizer que, através da afirmação de que no futebol contemporâneo não haveria mais tempo, nem espaço, Menotti estaria se referindo ao fenômeno da aceleração social do futebol, em sua compressão espaço-temporal, sendo praticado com intensidade, em que desenvolver as jogadas sempre no menor tempo possível se tornou um imperativo. Entretanto, Menotti ressalta também um efeito que teria sido gerado sobre o princípio do engano, especialmente valorizado por ele, ao afirmar que o futebol é o único lugar em que gosta de ser enganado. Aqui, é possível dizer que há uma equivalência entre o engano e o princípio do acaso imanente ao jogo e sua tensão dialética com o princípio racionalizador.

Com isso, para Menotti, em relação aos componentes próprios ao jogo, um futebol que se desdobrasse em uma supressão das dimensões do tempo, do espaço e do engano estaria traindo o seu sentido de pertencimento.

Em seguida, Menotti argumenta que Pep Guardiola, treinador catalão, teria se transformado em um paradigma no futebol contemporâneo, considerando a tendência, em relação aos outros treinadores, de tentar replicar a maneira como suas equipes jogam – nesse caso, em especial, seu Barcelona, colecionador de títulos entre os anos 2008 e 2012, tendo em vista que a entrevista com o *El País* foi realizada em 2011, quando o clube da Catalunha ainda era o único clube que Guardiola treinou. Contudo, para Menotti, seria impossível reproduzir o jogo do treinador catalão. Em primeiro lugar, porque sua concepção de futebol estaria baseada em seus treinamentos, mas também em sua convicção em relação ao jogo que gostaria de praticar e sua capacidade de se fazer compreender e convencer os jogadores. Nesse sentido, o ex-treinador argentino comenta sobre um amigo que teria assistido às sessões de treinamento de Guardiola e Mourinho e que, do ponto de vista conceitual e metodológico, ambos seriam parecidos, mesmo que representassem antíteses em relação ao jogo que suas equipes praticavam. Por isso, pode-se afirmar que, para Menotti, o que faria Guardiola especial seria sua individualidade, o que estaria para além do aspecto estritamente técnico e que não poderia ser transformado em um sistema de jogo específico passível de ser reproduzido por outros

treinadores. Assim, em alguma medida, é possível afirmar que a particularidade de Guardiola representaria um limite para o princípio racionalizador imanente ao futebol em sua dimensão técnico-científica. Portanto, se existiria uma tendência à uniformização da prática do futebol no esforço em copiar Guardiola, essa dinâmica seria frustrada em sua efetividade, ao contrário do modelo desenvolvido por Rangnick, que poderia ser replicado enquanto uma garantia de sucesso financeiro e competitivo.

Nesse sentido, quando Menotti pontua que Guardiola seria mais importante do que seus jogadores, essa opinião estaria fundamentada na capacidade do treinador catalão em desenvolver e melhorar os atletas treinados por ele. Com isso, o raciocínio de Menotti sugere que, ao invés dos atletas serem formados para sustentarem uma dinâmica de jogo baseada na aceleração e na pressão, visando também a valorização dos mesmos enquanto ativos no mercado de transferência de atletas, o princípio de Guardiola consistiria em implementar um estilo de jogo que desenvolveria as potencialidades próprias aos jogadores. Assim, considerando a valorização positiva atribuída por Menotti a esse processo e tendo em vista seu apego em defesa do futebol que preservaria o seu sentido de pertencimento, pode-se dizer que essa concepção consistiria em uma lógica que contradiria a redução do tempo e do espaço do jogo, preservando o engano que seria próprio ao futebol.

Assim, considerando a ênfase dada por Menotti na aptidão de Guardiola em desenvolver a potencialidade dos jogadores, a similaridade atribuída pelo ex-treinador argentino entre o trabalho de um professor e o ofício de um técnico é fundamental. Segundo o ex-treinador argentino, a partir da sua experiência pessoal, a influência que um docente pode ter na vida de um aluno estaria além de sua dimensão estritamente técnica e do conteúdo abordado em sala de aula. A identificação gerada pela relação intersubjetiva e a ênfase no desenvolvimento da capacidade hermenêutica dos discentes seriam mais importantes. Desse modo, pode-se dizer que a capacidade de um treinador em potencializar o jogo individual e coletivo de sua equipe, como Guardiola é capaz de fazer, dependeria do vínculo afetivo criado entre técnico e elenco, do mesmo modo que o treinador teria como tarefa ensinar seus atletas a interpretar o jogo, assim como também é necessário interpretar a vida. Assim, é possível afirmar que, tendo em vista a caracterização do ofício de técnico para além das dimensões técnico-científica e instrumentais e a ausência de um modelo passível de reprodução indicaria mais uma fronteira delimitada em relação ao princípio racionalizador técnico-científico. Nesse caso, percebe-se em Menotti que, mais relevante do que a reprodutibilidade de determinado projeto, seria a dimensão *carismática* do ofício de treinador: “Para a gênese de processos genuinamente carismáticos, é decisiva, por

parte de um círculo limitado de pessoas, a *crença* nas qualidades *extracotidianas* do pregador ou na personificação de novas ideias de valores” (BACH, 2011, p. 55).

Com isso, considerando a relação entre carisma e racionalização, pode-se dizer que Menotti não afirma uma recusa absoluta ao princípio racionalizador. Afinal, é possível afirmar que, sem ele, sequer haveria futebol. Na realidade, trata-se de uma outra concepção de racionalidade que dotaria esse princípio de sentido.

Dessa maneira, em relação ao desenvolvimento do potencial dos jogadores, é possível afirmar que Menotti reestabelece a operação dialética entre princípio racionalizador e acaso do jogo a partir da relação entre liberdade e norma. Segundo o ex-treinador, a autonomia dos jogadores dentro de campo não pode ser outorgada por nenhum técnico, mas deve ser conquistada através do conhecimento, a partir da capacidade dos atletas em interpretar e compreender o jogo que se desdobra dentro de campo. Assim, pode-se dizer que se trata de um processo de formação para a autonomia, indicando que o jogador precisaria ser ensinado a jogar com liberdade. Nesse sentido, Menotti argumenta que a normatização tática tanto precederia, como também conceberia a liberdade para os jogadores, tendo em vista que seria a partir dessas normas que os atletas seriam formados para atuar com autonomia. Por outro lado, o ex-treinador aponta que essa mesma liberdade só existiria se inserida em uma intencionalidade coletiva, afinal, tendo em vista que o futebol é um esporte coletivo, as escolhas dentro de campo não poderiam ser estritamente individuais.

Isso significaria, portanto, que haveria uma relação recíproca entre a formação para jogar com liberdade e a limitação dessa mesma liberdade em função do desenvolvimento coletivo da equipe.

Sobre esse aspecto, Wisnik (2008) resgata o modelo desenvolvido por Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, com o propósito de responder à máxima de que “o futebol não tem lógica”. Em seu esquema, Sampaio articulou a existência de quatro lógicas que se inter cruzam no jogo. A primeira delas seria a “lógica clássica”, que consistiria na elaboração do código do jogo, sintetizado no princípio do terceiro excluído, em sua busca por determinar o que é ou não impedimento, o que é ou não falta, que “uma coisa é A ou não-A” (WISNIK, 2008, p. 121). A outra seria a “lógica transcendental”, representada na figura do juiz, que operaria em articulação com a “lógica clássica”, tendo em vista que o árbitro emergiria como a consciência transcendente capaz de conter os acontecimentos do jogo. Essas duas lógicas atuariam em função dos procedimentos normativos do futebol, no que se refere ao seu conjunto de códigos e regras.

Em relação ao jogo jogado, outras duas lógicas entrariam em campo. A “lógica dialética”, que consistiria no encontro de duas equipes em busca de sua afirmação através da vitória, que sempre será provisória e passível de ser negada a posteriori em um novo embate. Uma posição contraditória “*em que um está para ao outro como aquele cuja afirmação o nega, afirmando-o*” (WISNIK, 2008, p. 122). A outra seria a “lógica da diferença”, que representaria, justamente, o acaso imanente ao jogo:

Essas três lógicas, “clássica”, “transcendental” e “dialética” passam, ainda, pela prova da “lógica da diferença”, dada pela presença irreduzível do acaso no jogo, pela intervenção de “fatores aleatórios, de ordem física, emocional e cultural”. Em última instância, por tudo que há nele de imprevisível, de paradoxal, de indecível e de não-senso (WISNIK, 2008, p. 122).

Com isso, segundo Wisnik (2008), Sampaio afirma que haveria no futebol uma inversão das lógicas que seriam predominantes no mundo moderno, em que as lógicas “clássica” e “transcendental”, que representariam um domínio do mundo da tecnologia, da empresa e da ciência positiva, estariam em segundo plano em relação às lógicas da “dialética” e da “diferença”, em seus acontecimentos, acasos e criações imprevisíveis. Em síntese, “o futebol engloba as quatro lógicas num sistema de prioridades invertidas” (WISNIK, 2008, p. 123).

Todavia, Wisnik (2008) argumenta que as transformações do modo de produção capitalista intervêm sobre as lógicas da “dialética” e da “diferença”, em um ciclo de repetição compulsória dos jogos, que pode ser considerada como uma resultante da nova economia política da indústria do futebol, em que as partidas e os jogadores são transformados em mercadoria, na busca dos clubes por crescimento econômico e sua consolidação como marcas globais, repondo a tensão dialética entre “cultura empresarial” e “cultura esportiva”, realizando uma sobreposição da primeira em detrimento da segunda:

É dessa forma que a lógica empresarial tecnocientífica e multinacional intervém sobre a “lógica dialética” e a “lógica da diferença”, que comandariam o jogo propriamente dito dentro do campo: contendo-o exaustivamente no círculo estreitamente de seu aparato técnico-científico e mercadológico-publicitário, levado pelo tempo implacavelmente cerrado de seus calendários, e alimentando-se da energia dos jogos, a ponto de exauri-la. (WISNIK, 2008, p. 124).

Desse modo, é possível dizer que o “tempo implacavelmente cerrado” também se desdobra na aceleração social do futebol, que fundamentaria o princípio racionalizador em sua dimensão técnico-científica, promovendo uma tensão com o acaso imanente ao jogo o que, em alguma medida, também representaria uma outra produção de sentido em relação às lógicas da “dialética” e da “diferença” próprias ao futebol. Portanto, nessa relação também residiria o que Wisnik (2008) já ilustrou como uma revanche do programa ou do projeto contra o acaso do jogo.

Entretanto, Wisnik (2008) irá argumentar que, em contraposição com o processo de investimento de força ao princípio racionalizador técnico-científico, a “lógica da dialética” poderia estabelecer uma outra relação com a “lógica da diferença” na produção do jogo jogado dentro de campo:

É aí que mora, certamente, o cerne do jogo enquanto tal: a maturidade viril, a transposição disputada e recíproca das dificuldades visando um fim, e suas mediações necessárias, representadas pelos elementos da armação e articulação prática, inseparáveis dos recursos de contenção de defesa. Essa “lógica dialética” não se confunde com a técnico-científica, que pensa por esquemas abstratos. Sua figura por excelência é a do meio-campista com visão de jogo e capacidade de liderança, equacionando as necessidades de ataque e defesa, e magnetizando o time em nome da superação das dificuldades e do enfrentamento dos obstáculos pontuais sem perder de vista objetivos maiores. Junto com ele, o treinador capaz de reinventar o jogo a partir dos jogadores que tem em mãos, de potencializar-lhes e descobrir-lhes as qualidades, desentranhando um programa tático das condições concretas, em vez de submetê-los a fórmulas estáticas. Telê Santana tornou-se com justiça, o exemplo obrigatório desse paradigma. (WISNIK, 2008, p. 133 – 134).

Nesse sentido, é possível afirmar que a tendência hegemônica representada pelo fenômeno da aceleração social do futebol, estabelece uma relação em que o acaso do jogo opera como contradição imanente do princípio racionalizador técnico-científico, em uma tensão constante que tem como objetivo conter a “lógica da diferença” própria ao futebol. Contudo, a partir da “lógica dialética”, que Wisnik (2008) também argumenta, em relação à “lógica da diferença”, que representaria um encontro entre a prosa e a poesia, pode-se dizer que há a produção de um novo significado para o princípio racionalizador fundamentado em uma *outra racionalidade*, que agiria em um esforço para integrar e *jogar* junto com o acaso imanente ao futebol. Essa formulação também aparece na afirmação da similaridade entre os ofícios do treinador e do professor feita por Menotti, em que o desenvolvimento de uma normatividade coletiva seria elaborado para melhorar e potencializar as características dos jogadores, ensinando-lhes a jogar com liberdade e autonomia, preservando o engano do futebol.

Dessa maneira, faz-se importante retomar Rangnick, quando ele indica qual é o padrão a ser observado para identificar os jogadores que demonstrem raciocínio rápido para o jogo. A principal característica desses atletas está em conseguir tomar decisões sob pressão, em espaço e tempo reduzidos. Portanto, inserido nas situações que caracterizam a aceleração social do futebol. Nesse sentido, Rangnick argumenta que os gols e dribles bonitos dos jogadores podem “enganar” os observadores dos clubes, em concordância com o princípio de que não se pode mais depender do “dia bonito” de um camisa dez, assim como a ideia de que a qualidade técnica representaria nada mais, nada menos, do que uma vantagem para jogar. Com isso, é possível dizer que, mais uma vez, evidencia-se como os jogadores passam a ser valorizados, sobretudo, em suas capacidades de executar movimentos vinculados ao conceito de intensidade, que

estabelece como premissa a capacidade de um determinado modelo ser reproduzível, elaborado segundo o princípio racionalizador técnico-científico do jogo. Nesse sentido, faz-se importante apresentar a relação entre o processo de intelectualização e racionalização da modernidade e o desencantamento do mundo como sua resultante, que Weber (2004) abordou da seguinte forma:

A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos. Significam antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, *poderíamos, bastando que quiséssemos*, provar que não existe em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra, que podemos *dominar* tudo, por meio da *previsão*. Equivale a isso despojar a magia do mundo. (WEBER, 2004, p. 30).

Com isso, no que se refere às mudanças sociais do futebol, pode-se falar que a magia do mundo, dentro de campo, encontraria sua correspondência no princípio imanente do acaso do jogo. Dessa forma, na construção de sentido que estabelece os dribles bonitos e os gols como mera aparência, que seriam capazes de confundir, em que a essência estaria na capacidade de reprodução das premissas que fundamentam o conceito de intensidade, pode-se dizer que o fenômeno da aceleração social do futebol também enseja em um processo de *desencantamento do jogo*, em mais um desdobramento da tensão constante em que o princípio racionalizador técnico-científico opera para conter a “lógica da diferença”.

Em relação ao que seria a magia do futebol e o encantamento com o jogo, Wisnik (2008) demonstra como essa dimensão está diretamente vinculada com a potência criativa do craque:

O princípio da imprevisibilidade conjuga-se originariamente com os componentes malandros, infantis e polimorfos que têm no futebol um campo de expressão criativa, em tensão com os dois princípios anteriores (não é à toa a frequência com que se dá a tensão surda ou declarada entre o técnico vedetizado e o craque, ou, mais sutilmente, a luta cega entre uma mentalidade tático-coletivista programática e a potencialidade criativa do talento surpreendente, castrada e diminuída com indisfarçável prazer pelo seu planejador previsível). Romário se notabilizou por protagonizar esse lugar, pondo-o em conflito com Zagallo, Parreira e Luiz Felipe Scolari. Muitos exemplos dessa espécie de incompatibilidade estrutural entre a previsibilidade desejada do programa, o lugar de poder do técnico e a imprevisibilidade do craque, dentro e fora do campo, poderiam ser lembrados, embora não caibam aqui. A imprevisibilidade criadora que põe em jogo a “lógica da diferença” não é obra de engenharia mas de *bricolagem*, de adaptação de invenção poética. Subverte os esquemas do princípio de realidade pelos do prazer, e pode comparecer como um suplemento valioso de genialidade ou de inconsequência. (WISNIK, 2008, p. 132).

Aqui, o princípio racionalizador estaria, mais uma vez, dotado de sentido por uma outra racionalidade, que jogaria junto com o acaso do jogo, fazendo com que seu modelo não seja uma obra de engenharia, mas uma criação da *bricolagem*, dando margem para que o campo seja espaço de expressão criativa. Segundo Wisnik (2008), “seu emblema puro, supremo e arquetípico é, naturalmente, Garrincha, em quem vimos e vingamos, para sempre, a prova de que a diferença não se opõe ao rendimento” (p. 132 – 133). Portanto, essa obra de bricolagem

consiste na conjugação das lógicas da “diferença” e da “dialética”, que valorizaria o encanto do futebol, vinculado ao princípio imanente do acaso do jogo, o que não representaria uma negação da performance em si.

Nesse sentido, Wisnik (2008) demonstra como o gênio da imprevisibilidade e sua capacidade de produzir encantamento possuem como lugar existencial o *eterno retorno*:

O princípio do imprevisível se expressa em acontecimentos pontuais, em jogadas de efeito; pode ser visto também no jogo total se olhado como desenho puro, como traçado de linhas intensivas e invisíveis que rasuram o campo todo, como um permanente lance de dados jogados à sorte e ao azar. O gênio da imprevisibilidade às vezes parece morto e renasce com frescor: seu lugar é o eterno retorno. Como já vimos, aí está a fonte daquilo que o futebol pode ter de poesia. (WISNIK, 2008, p. 133).

Dessa forma, em relação ao que seria o “gênio da imprevisibilidade”, tendo em vista que o princípio racionalizador técnico-científico se desdobra em um esforço para controlar as “variáveis” do jogo, como uma antítese dialética ao acaso do jogo, como consequência, produz também uma tensão com as próprias condições que gerariam um jogo criativo e imprevisível. Afinal, o lugar do eterno retorno do craque não pode ser circunscrito pela lógica da “administração planejada da eficiência”. O “dia bonito” de um camisa dez não pode ser reproduzido por nenhuma engenharia sistêmica.

Com isso, a partir do fenômeno da aceleração social do futebol, em que o jogo se desdobra segundo o conceito de intensidade, em uma dinâmica de encurtamento espaço-temporal, exigindo que os atletas estejam adaptados a jogar sob pressão em suas dimensões físicas e cognitivas, reconfigurar-se-ia também o que seria valorizado como talento no futebol contemporâneo. É possível dizer que, em alguma medida, o “gênio da imprevisibilidade” perde espaço em nome dos atributos para jogar com intensidade, mais valorizados do que a capacidade de produzir lances inventivos e criativos. Tostão fez uma provocação sobre essa mudança em uma coluna na Folha de S. Paulo<sup>42</sup>:

Com o progressivo desenvolvimento da ciência esportiva e dos minuciosos detalhes estratégicos, em detrimento da técnica e da inventividade dos atletas, ocorre algo parecido com os torcedores, os dirigentes e os analistas. Condutas rotineiras dos treinadores passaram a ser superelogiadas nas vitórias e bastante criticadas nas derrotas, como se o jogo fosse decidido quase somente por suas condutas. No futuro, os jogadores poderão se transformar em robôs, em avatares, dirigidos pelos donos do espetáculo.

Em sua provocação exagerada, sobre a possibilidade do futebol, no futuro, ser jogado por robôs, Tostão aponta para a tendência de transformar o princípio racionalizador técnico-científico em

---

<sup>42</sup> Tostão. Muito do que ocorre no campo não é programado e não tem explicação. **Folha de S. Paulo**. 2 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2022/07/muito-do-que-ocorre-no-campo-nao-e-programado-nem-tem-explicacao.shtml>>. Acesso em: 2 de jul. de 2022.

uma dimensão total do futebol, como também argumentou Wisnik (2008), que em sua tensão com o acaso do jogo, produziria o fenômeno do desencantamento do futebol.

Mais uma vez, abordando esse fenômeno pela via contrária, enquanto Rangnick postula que é necessário estar “on fire” para reproduzir seu modelo de futebol, Menotti diz que jogar o jogo seria como viver aberto para o encontro com um grande amor. Assim, o ex-treinador argentino afirma que é impossível acordar às seis da manhã e iniciar a busca pela mulher da sua vida. Esse encontro aconteceria ou não, dependendo da influência do acaso – portanto, da “lógica da diferença” em seu desdobramento sobre a vida. Por isso, em campo, jogar o jogo significaria tocar a bola até que houvesse o principal instante de encantamento, que não poderia ser administrando, nem controlado, pelo princípio racionalizador técnico-científico: o encontro com o grande amor de toda peleja, o gol.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, conclui-se neste trabalho que a noção de “futebol moderno” sintetizaria um conjunto de transformações no jogo que estariam vinculadas com mudanças sociais mais profundas, tornando possível estabelecer uma relação de condicionalidade entre a produção de uma nova ordem social e o padrão hegemônico com que o futebol vem sendo praticado na contemporaneidade.

Em primeiro lugar, o funcionamento dos clubes como empresas capitalistas. É preciso destacar que, desde o início do processo de profissionalização do futebol, tornou-se imperativo que os times fossem capazes de gerar valor econômico, para que pudessem, com isso, arcar com os salários dos jogadores que passaram a ter sua relação com o jogo mediada pelo trabalho. Entretanto, com as transformações do modo de produção capitalista, que passou a atuar em plano global, assim como a inserção do futebol na lógica do espetáculo e da indústria cultural, possibilitando que os clubes agissem como agentes econômicos globais, convertendo seus símbolos e seu jogo em mercadorias, com o objetivo de maximizar seus rendimentos financeiros, houve uma mudança também na maneira como as equipes agem na formulação do seu estilo de jogo, na formação de seus elencos e no mercado de transferências de atletas.

Com isso, pode-se afirmar que se estabeleceu uma relação de similaridade nos clubes entre projeto esportivo e modelo de negócio, em que ambos estariam sustentados, primeiro, no desenvolvimento da identidade corporativa do clube, que definiria a maneira como o time jogaria futebol, como produto a ser comercializado no mercado de entretenimento global. Além disso, a noção de identidade corporativa, pode-se dizer também, determinaria os princípios que norteiam o funcionamento da empresa. Isso incorreria em uma atitude dos clubes, no mercado de transferências de atletas, que parte da premissa da contratação de jovens jogadores, com o propósito de que sejam valorizados como ativos econômicos, para gerar uma maximização dos ganhos financeiros. Nesse sentido, é possível dizer que o próprio ofício de treinador é ressignificado, tendo em vista que seu trabalho passa a ser condicionado por variáveis econômicas, como a elaboração de um estilo de jogo que se transformará em produto, assim como a formação de jovens atletas com o objetivo de que sejam negociados para gerar mais-valia econômica.

Assim, pode-se dizer que a operação do clube como empresa seria o primeiro desdobramento que possuiria uma condicionante social contemporânea, tendo em vista que os princípios que norteiam a produção do jogo seriam mediados por uma lógica de geração de valor econômico, que passa a ser um aspecto fundamental para garantir a competitividade

dentro campo, produzindo o que definimos como uma tensão entre a cultura empresarial e a cultura esportiva.

Em segundo lugar, a assimilação, dentro das quatro linhas, do fenômeno da aceleração social conceituado por Rosa (2017). Esse processo decorreria, inicialmente, da evolução das técnicas de preparação física que, para além do seu desenvolvimento próprio enquanto campo do conhecimento, também precisou da inovação tecnológica para que fosse possível uma nova produção social do corpo, baseada no aprimoramento físico de aspectos relacionados à força e à velocidade dos atletas. Além disso, a administração planejada da eficiência, própria ao modelo da empresa capitalista, foi transformada em premissa orientadora para a organização das equipes dentro de campo, fundamentada no princípio da otimização do rendimento, significado como um meio de maximização da produtividade do jogo, que se tornou um axioma para o fortalecimento das potencialidades competitivas das equipes. Nesse sentido, uma mudança estrutural da vida social, a partir de um novo padrão produtivo e tecnológico da sociedade capitalista, promoveu transformações na forma como o jogo é jogado segundo lógicas que são próprias da racionalidade econômica.

Dessa forma, os princípios da aceleração e da pressão, que possuiriam uma relação de similaridade em seu significado com os princípios da coerção ao crescimento e à aceleração de Rosa (2017), teriam se convertido em premissas hegemônicas para o desenvolvimento sistêmico dos times. Como consequência, as partidas de futebol teriam se caracterizando, na contemporaneidade, por sua dinâmica de encurtamento do espaço do jogo e do tempo em que as jogadas se realizariam. Em uma lógica de intensificação recíproca entre os princípios da aceleração e da pressão, a intensidade emergiria como uma resultante desse processo que, para além de significar uma nova exigência física para jogar futebol, também denotaria um novo parâmetro para a tomada de decisão dos atletas, que deveria ser realizado no mínimo espaço de tempo possível. Por isso, seria possível apontar a emergência do fenômeno da aceleração social do futebol, que caracterizaria as transformações provocadas no jogo jogado na contemporaneidade.

Com isso, um novo parâmetro de performance teria se desenvolvido, que se relacionaria, inclusive, com um novo processo de subjetivação, em que “treinar o cérebro” seria necessário para que os jogadores pensassem as jogadas de maneira sempre mais rápida. A necessidade de executar as jogadas segundo as premissas da aceleração e da pressão, do ponto de vista físico, também seria estruturante. Esse aspecto seria fundamental para a maximização da produtividade do jogo e o modelo de otimização do rendimento que deveria ser desenvolvido.

A inadequação de Ganso, citada por Tostão, poderia ser considerado paradigmática do novo padrão performático.

Portanto, pode-se concluir que o desenvolvimento de uma nova experiência social do tempo, condicionada pelas mudanças sociais próprias da sociedade capitalista em sua configuração neoliberal, teriam impactado também a dinâmica em que o futebol é jogado. A análise da concepção de futebol de Ralf Rangnick nos apresentaria os indícios dessa mudança.

Entretanto, em relação à administração planejada da eficiência como parâmetro para o desenvolvimento das equipes, essa lógica consistiria em um desdobramento de uma dimensão imanente ao próprio futebol em sua formação como fenômeno moderno. Como nos conta Wisnik (2008), haveria um princípio racionalizador que, de maneira inerente, operaria como premissa mediadora para a organização coletiva dos times. Contudo, no que se refere à assimilação do modelo da empresa pelos clubes, esse princípio racionalizador estaria dotado de um sentido técnico-científico, que teria como objetivo fundamental o controle da produção do jogo e sua maximização segundo a lógica da otimização do rendimento.

Nesse sentido, a contraposição entre Rangnick e Menotti nos mostraria um outro princípio imanente ao futebol, que pode ser definido como o acaso do jogo. Com isso, pode-se dizer que existiriam fatores também próprios ao futebol que não poderiam ser submetidos ao seu princípio racionalizador. Para Wisnik (2008), essa dimensão estaria sintetizada na “lógica da diferença”, apresentado por ele e baseada em Luiz Sérgio Coelho de Sampaio.

Além disso, em relação ao modo como Menotti descreve o ofício de técnico, em consonância com o trabalho docente, pode-se notar que existe uma outra racionalidade que poderia dotar de sentido o princípio racionalizador, em um processo de formação orientado para a evolução dos jogadores de acordo com suas próprias potencialidades e o desenvolvimento da liberdade e da autonomia dos atletas circunscritas em uma intencionalidade coletiva, como a própria condição para o desenvolvimento da liberdade e da autonomia. Em Wisnik (2008), essa outra racionalidade, também em diálogo com Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, corresponderia à operação conjunta da “lógica dialética” e da “lógica da diferença”, que poderia ser descrita nas figuras do meio-campista com visão de jogo e capacidade de liderança e do técnico que elabora um programa tático para desvelar e desenvolver as virtudes dos jogadores. Em ambos os casos, pode-se afirmar que, ao invés do princípio racionalizador técnico-científico e sua busca por controlar o acaso do jogo, haveria um esforço para conjugar essas duas dimensões, em que o princípio racionalizador, em sua outra racionalidade, jogaria junto com o acaso do jogo.

Com isso, faz-se imperativo apontar que nosso objetivo não consiste em contrapor as concepções de futebol de Rangnick e de Menotti com a intenção de estabelecer qualquer uma delas como modelo normativo para a prática do futebol. O objetivo desta contraposição está, primeiro, em demonstrar que, tanto através de sua afirmação, como também a partir de sua crítica, é possível identificar as relações entre as mudanças que teriam ocorridos no futebol e suas condicionantes sociais.

Em seguida, ilustrar que, mesmo que existam transformações sociais que impactem na maneira como o jogo é jogado, essas mesmas mudanças não estabeleceriam uma relação determinista com o jogo, em uma direção unilateral e totalizante. A partir do princípio do acaso do jogo e da possibilidade de uma outra racionalidade que dote de sentido o princípio racionalizador, pode-se dizer que o futebol seguirá, de maneira empírica, estabelecendo relações contraditórias com o princípio técnico-científico, vinculando-se e agindo sobre ele. Fernando Diniz, atualmente treinador do Fluminense, expressou essa contradição em entrevista ao Lance!<sup>43</sup> quando treinava o São Paulo:

Essa pseudo-modernidade que está aí eu não acho um grande avanço para o futebol. Em termos de metodologia, são quase sempre treinos muito curtos e muito intensos, enquanto eu faço treinos intensos, mas longos. Alguns dos meus treinos não têm tanta intensidade e são mais longos ainda. Muita gente trabalha só em espaço reduzido, enquanto eu uso o campo todo em muitos trabalhos. E trabalho muito nessa vertente do contato com o jogador, que acho que hoje em dia está cada vez menor. De saber como melhorar o jogador, o que acontecia muito mais no passado do que hoje. A gente ainda produz muitos bons jogadores, mas menos do que poderia. Hoje tudo se resume ao tático, à superficialidade do jogo. É linha de quatro, bloco baixo, bloco médio... As pessoas aprendem meia dúzia de termos específicos, que vão mudando conforme as publicações a respeito do futebol vão saindo, e vamos perdendo o coração do futebol. As pessoas são o coração do futebol.

Além disso, o desdobramento do princípio racionalizador em sua dimensão técnico-científica incorre em consonância com outra dimensão inerente ao futebol, que é o fortalecimento da competitividade das equipes e a busca por resultados. Por isso, é possível dizer que as mudanças sociais foram e seguirão sendo mediadas por premissas que são próprias ao futebol.

Por essa razão, não se deve incorrer no erro de Sebrelí<sup>44</sup>, abordado por Winisk (2008), que abordou o futebol como se fosse nada mais, nada menos, do que um fenômeno social e cultural absolutamente colonizado pelo poder econômico que serviria como meio de rotinização dos valores próprios ao neoliberalismo:

<sup>43</sup> DINIZ rejeita o rótulo de moderno: ‘As pessoas são o coração do futebol, não a tática’. **Terra**. 24 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/diniz-rejeita-rotulo-de-moderno-as-pessoas-sao-o-coracao-do-futebol-nao-a-tatica,cb169dbe968daa5c8aa31d029d6ad154yaguph3m.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

<sup>44</sup> SEBRELI, Juan José. La era del fútbol. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

Aplicada por Sebrelí ao final do século XX, a questão ganha uma escala universal devastadora e invertida: tudo sucumbe à despolitização e à desqualificação dos conteúdos culturais, substituídos, no mundo do espetáculo massificado e mercantilizado, pelo vazio do mais difundido dos jogos de bola. Assim, o futebol que já serviu ao populismo, ao fascismo e ao totalitarismo, serviria agora ao totalitarismo do poder econômico, que lhe dá o seu rematado alcance mundial, e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado, a mentalidade do puro rendimento, a competição brutal, a agressão, o sexismo, o fanatismo, o bairrismo, o ativismo irracional das torcidas, o desprezo pela inteligência e pelo indivíduo, o culto dos ídolos, a massificação, o autoritarismo, a fusão mística nos coletivismos tribais, a supressão do espírito crítico e do pensamento independente.

Não há dúvida de que os itens dessa longa lista estão associados, muitas vezes profundamente, às práticas futebolísticas. Mas importa saber *como* e, antes de mais nada, esclarecer se sua associação com o futebol é *necessária*. A rigor, a lista de Sebrelí é uma relação de contingências: nenhuma delas define o futebol enquanto tal, e é possível dizer quele só se realiza plenamente quando não está dominado por elas. (WISNIK, 2008, p. 43 – 44)

Do mesmo modo, em relação aos seus desdobramentos dentro de campo, seria simplista estabelecer essa mediação tal qual fez Giulianiotti (2010) em sua pretensa crítica marxista, resumindo o desenvolvimento dos aspectos táticos e coletivos do jogo ao processo de especialização da divisão do trabalho social, com consequências alienantes para os jogadores.

Também se faz fundamental desromantizar o que seria o futebol praticado no período que antecederia o que conceituamos como fenômeno da aceleração social do futebol, tendo em vista que a relação dialética entre a individualidade dos jogadores e a coletividade da equipe sempre existiu, fazendo com que o atleta talentoso tivesse que se adaptar aos princípios normativos e coletivos do time. Inclusive, como pudemos verificar em relação ao princípio racionalizador, uma intencionalidade coletiva seria fundamental para criar condições propícias para que a genialidade dos jogadores aparecesse. Do mesmo modo, uma crítica romântica e anti-moderna ao jogo, que defenderia uma relação com o ludopédio mediada pelo “gosto desinteressado”, não só ignoraria que o processo de profissionalização do futebol foi fundamental para sua popularização, como também buscaria remontar para um passado que, na imanente modernidade do futebol, nunca existiu.

Assim, tais premissas não representariam uma crítica ao “futebol moderno” porque ignoram sua realidade social e sua imanência enquanto jogo. No fundo, incorrem em uma posição conservadora e reacionária, que busca as respostas para o futuro em uma concepção romântica desvinculada de sentido do que seria propriamente o futebol.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AS Sensações que ficam para sempre. **The Players Tribune**. 19 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.theplayerstribune.com/br/posts/carta-alex-sensacoes-que-ficam-para-sempre>>.
- ALEMANIA influye más por sus entrenadores que por sus futbolistas. **El País**. Madrid, 19 de out. de 2020. Disponível em: <<https://elpais.com/deportes/2020-10-19/ralf-rangnick-alemania-influye-mas-por-sus-entrenadores-que-por-sus-futbolistas.html>>.
- BACH, Maurizio. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 01, p. 51 – 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BECK, U. “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 17.
- CAMPOS, Flávio de. Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o confronto. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.
- CAVALCANTE, Sávio; NICOLAU NETTO, Michel. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020.
- DAMO, Arlei Sander. “O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro”. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.
- DINIZ rejeita o rótulo de moderno: ‘As pessoas são o coração do futebol, não a tática’. **Terra**. 24 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/diniz-rejeita-rotulo-de-moderno-as-pessoas-sao-o-coracao-do-futebol-nao-a-tatica,cb169dbe968daa5c8aa31d029d6ad154yaguph3m.html>>.
- EGEA, Alberto. La Intensidad. *The Tactical Room*, nº 21, p. 30, fevereiro de 2016.
- EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- EL fútbol se ha convertido en ciencia, números y GPS. **Marca**. 27 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.marca.com/futbol/futbol-internacional/2022/03/27/623ef238268e3e69318b4604.html>>.
- EL fútbol se lo robaron a la gente. **El País**. 10 de jul. de 2011. Disponível em: <[https://elpais.com/deportes/2011/07/11/actualidad/1310368914\\_850215.html](https://elpais.com/deportes/2011/07/11/actualidad/1310368914_850215.html)>. Acesso em: 4 de abr. de 2021.

ELIAS, Norbert. “La génesis del deporte como problema sociológico”. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **Deporte y ocio em el processo de la civilización**. Madrid: Cultura Libre, 1992.

FIFA e associações nacionais de futebol voltam a discutir Copa do Mundo a cada dois anos. **GE**, Rio de Janeiro, 20 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-e-associacoes-nacionais-de-futebol-voltam-a-discutir-copa-do-mundo-a-cada-dois-anos.ghtml>>.

FUTEBOL moderno é mais velocidade do que beleza, analisa Tite. **Uol**, Rio de Janeiro. 16 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/06/16/futebol-moderno-pede-mais-velocidade-do-que-beleza-analisa-tite.htm>>. Acesso em: 27 de abr. de 2022.

GIDDENS, A. “A vida em uma sociedade pós-tradicional”. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Barcelona: Herder, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; LOPES, Felipa Tavares Paes. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo, Niterói*, vol. 24 n. 2, mai/ago. 2018, p. 206 - 232.

LEI do clube-empresa é sancionada e times podem pedir recuperação judicial. **Poder360**. 06 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/lei-do-clube-empresa-e-sancionada-e-times-podem-pedir-recuperacao-judicial/>>.

PIRLO, Andrea. **Il Calcio Che Vorrei**. Monografia – Corso Per Allenatore Professionista Di 1ª Categoria UEFA PRO. p. 30. 2020.

RELATÓRIO Taylor: a revolução no futebol inglês em forma de escrita. **Premier League Brasil**. 29 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://premierleaguebrasil.com.br/relatorio-taylor-futebol-ingles/>>.

REICHERTZ, Jo. “Objective hermeneutics and hermeneutic sociology of knowledge” In: FLICK, Uwe (Ed.). **Companion to Qualitative Research**. London: Sage, 2004.

ROSA, Harmut. Contra a invisibilização de um “poder fatídico”: apelo à renovação da crítica do capitalismo. *Perspectivas*, São Paulo, v. 49, p. 17 – 36, jan/jun 2017.

SEI tu che scegli com chi stare: contro il calcio moderno... sostieni la tua squadra local”. **AsRomaUltras**. 1999. Disponível em: <<http://www.asromaultras.org/manifesto.html>>.

SEBRELI, Juan José. La era del fútbol. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

SPORTWASHING: entenda o conceito por trás da compra do Newcastle. **Poder360**. 16 de out. de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/sportwashing-entenda-o-conceito-por-tras-da-compra-do-newcastle/>>.

SUPERLIGA europeia: o que se sabe sobre a competição. **GE**, Rio de Janeiro, 14 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/superliga-europeia-o-que-se-sabe-sobre-a-competicao.ghtml>>.

THE Pitch Invaders: #241: Luís Castro. **Footure**. 21 de jan. de 2022. <<https://footure.com.br/the-pitch-invaders-241-luis-castro/>>.

THIAGO Alcântara: ‘We see less magic, less fantasy. Footballers do more but faster’. **The Guardian**. 18 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2021/jun/18/thiago-alcantara-we-see-less-magic-less-fantasy-footballers-do-more-but-faster>>.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol Objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

Tostão. BRASIL e Argentina jogam futebol moderno, com características diferentes. **Folha de S. Paulo**. 4 de jun. de 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2022/06/brasil-e-argentina-jogam-futebol-moderno-com-caracteristicas-diferentes.shtml#:~:text=Ganso%20se%20tornou%20o%20s%C3%ADmbolo,era%20lento%20C%20mas%20nem%20tanto.>>>.

Tostão. Muito do que ocorre no campo não é programado e não tem explicação. **Folha de S. Paulo**. 2 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2022/07/muito-do-que-ocorre-no-campo-nao-e-programado-nem-tem-explicacao.shtml>>.

WEBER, M. Ciência e Política: Duas vocações. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

WHAT Football will look like in 10 years, according to Ralf Rangnick. **Red Bull**. 25 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://www.redbull.com/sg-en/theredbulletin/ralf-rangnick-and-the-future-of-football>>.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.